

MAX LUCADO

Autor com mais de 120 milhões de livros vendidos

Perdidos e Achados

Pessoas da Bíblia amadas e resgatadas
por Deus... como eu e você



THOMAS NELSON
BRASIL®

A casa de Max Lucado no Brasil

PERDIDOS
E
ACHADOS

MAX LUCADO

PERDIDOS *E* ACHADOS

PESSOAS DA BÍBLIA AMADAS E
RESGATADAS POR DEUS...
COMO EU E VOCÊ



THOMAS NELSON
BRASIL*

Rio de Janeiro, 2014

Título original:
Cast of Characters Lost & Found Encounters with the Living God

Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.
Copyright de tradução © 2014, Vida Melhor Editora S.A., 2014.

Publisher *Omar de Souza*
Editores *Aldo Menezes e Samuel Coto*
Coordenadora de produção *Thalita Aragão Ramalho*
Produção editorial *Jaciara Lima*
Tradução *Idiomas & Cia, por Maria Lúcia Godde*
Copidesque *Idiomas & Cia, por Ana Carla Lacerda*
Revisão *Daniel Siqueira e Thamíris Leiroza*
Capa *Douglas Lucas*
Diagramação *Julio Fado*

As citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), exceto quando especificado.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L965p

Lucado, Max, 1955-

Perdidos e achados : Pessoas da Bíblia amadas e resgatadas por Deus... como eu e você /
Max Lucado ; [tradução Maria Lucia Godde]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Thomas Nelson, 2014.
256 p.

Tradução de: Cast of characters lost & found encounters with the living god

ISBN 978.85.7860.703-6

1. Vida cristã. 2. Deus. 3. Religiosidade. I. Título.

CDD: 248.4

CDU: 27-584

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso

Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313

www.thomasnelson.com.br

Gostaria de dedicar este livro a um de meus mais queridos amigos, cuja personalidade está entre as minhas favoritas: Art Hill. Presbítero na igreja há muitos anos, esposo de minha assistente editorial e um grande sujeito cheio de qualidades. Obrigado por ser você, Art.

SUMÁRIO

Capítulo 1:	Jairo
	<i>Vendo o invisível</i>
Capítulo 2:	Simão e Maria
	<i>Amor arriscado</i>
Capítulo 3:	Jacó
	<i>Lutando contra o passado</i>
Capítulo 4:	Cornélio
	<i>Refreando uma atitude arrogante</i>
Capítulo 5:	A mulher com o fluxo de sangue
	<i>Um pressentimento louco e uma grande esperança</i>
Capítulo 6:	Filipe
	<i>Exploda algumas muralhas</i>
Capítulo 7:	O parálítico
	<i>A coisa mais difícil que Deus já fez</i>
Capítulo 8:	Noé
	<i>Quando não há muita esperança</i>
Capítulo 9:	A mulher surpreendida em adultério
	<i>Superando a vergonha</i>
Capítulo 10:	Pedro e João
	<i>Quando a perseguição vem</i>
Capítulo 11:	Nicodemos
	<i>O que só Deus pode fazer</i>
Capítulo 12:	Ananias e Saulo
	<i>Não rejeite ninguém</i>
Capítulo 13:	Davi
	<i>Quedas colossais</i>
Capítulo 14:	Os irmãos de Jesus

	<i>Famílias hostis encontram paz</i>
Capítulo 15:	O aleijado junto à Porta Formosa <i>Veja a necessidade. Toque o sofredor</i>
Capítulo 16:	Isaías <i>Santa diferença</i>
Capítulo 17:	O endemoniado gadareno <i>Expulsando o inferno</i>
Capítulo 18:	O leproso que Jesus curou <i>Um toque de compaixão</i>
Capítulo 19:	Mefibosete <i>Quando a graça alcança mais fundo</i>
Capítulo 20:	Josias <i>Superando a sua herança</i>
Capítulo 21:	Jó <i>Ele fala na tempestade</i>
Capítulo 22:	Pedro <i>O canto do galo e eu</i>
Capítulo 23:	O ladrão na cruz <i>A história do vigarista crucificado</i>

Fontes

Notas

Capítulo 1

JAIRO

Tendo Jesus voltado de barco para a outra margem, uma grande multidão se reuniu ao seu redor, enquanto ele estava à beira do mar. Então, chegou ali um dos dirigentes da sinagoga, chamado Jairo. Vendo Jesus, prostrou-se aos seus pés e lhe implorou insistentemente: “Minha filhinha está morrendo! Vem, por favor, e impõe as mãos sobre ela, para que seja curada e que viva.” Jesus foi com ele...

Enquanto Jesus ainda estava falando, chegaram algumas pessoas da casa de Jairo, o dirigente da sinagoga. “Sua filha morreu”, disseram eles. “Não precisa mais incomodar o mestre!”

Não fazendo caso do que eles disseram, Jesus disse ao dirigente da sinagoga: “Não tenha medo; tão-somente creia.”

E não deixou ninguém segui-lo, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Quando chegaram à casa do dirigente da sinagoga, Jesus viu um alvoroço, com gente chorando e se lamentando em alta voz. Então, entrou e lhes disse: “Por que todo este alvoroço e lamento? A criança não está morta, mas dorme.” Mas todos começaram a rir de Jesus. Ele, porém, ordenou que eles saíssem, tomou consigo o pai e a mãe da criança e os discípulos que estavam com ele, e entrou onde se encontrava a criança. Tomou-a pela mão e lhe disse: “Talita cumi!”, que significa “menina, eu lhe ordeno, levante-se!”. Imediatamente, a menina, que tinha doze anos de idade, levantou-se e começou a andar. Isso os deixou atônitos. Ele deu ordens expressas para que não dissessem nada a ninguém e mandou que dessem a ela alguma coisa para comer.

— MARCOS 5:21-24, 35-43

VENDO O INVISÍVEL

QUANDO MINHAS FILHAS ERAM PEQUENAS, tentamos fazer uma experiência.

Pedi a Jenna, na ocasião com oito anos, para ficar de um lado da minha mesa de trabalho. Fiz minha outra filha, Andrea, de seis anos, ficar do outro. Sara, a terceira filha, de três anos, e eu ficamos sentados no sofá, de frente para elas, assistindo. A função de Jenna era fechar os olhos e andar. O papel de Andrea era ser os olhos de Jenna e conduzi-la para que atravessasse a sala em segurança.

Com frases do tipo “Dê dois passinhos de bebê para a esquerda” e “Dê quatro passos de gigante para a frente”, Andrea conduziu sua irmã com sucesso através de um labirinto traiçoeiro de cadeiras, um aspirador de pó e um cesto de roupa suja.

Em seguida, foi a vez de Jenna. Ela guiou Andrea, fazendo-a passar ao lado da luminária favorita de sua mãe e gritando bem a tempo de impedir uma colisão com a parede quando Andrea pensou que seu pé direito era o esquerdo.

Depois de várias caminhadas, em completa escuridão, elas pararam, e nós analisamos os resultados.

— Não gostei — reclamou Jenna. — É assustador ir em direção a um lugar que você não consegue ver.

— Tive medo de cair — Andrea concordou. — Eu ficava dando passos pequenos para me sentir segura.

Creio que posso me identificar com elas. E você? Nós, adultos, também não gostamos do escuro. Mas andamos nele. Assim como Jenna, nós costumamos reclamar do quanto é assustador caminhar por onde não conseguimos ver. E, como Andrea, costumamos dar passos tímidos para não cair.

E temos motivos para sermos cautelosos: somos cegos. Não podemos ver o futuro. Não somos capazes de ver nada além do presente. Não posso lhe dizer com certeza se viverei tempo suficiente para terminar este parágrafo (Ah! Consegui!). Nem você pode me dizer se viverá tempo suficiente para ler o próximo (Espero que sim!).

Não estou falando de ter miopia ou uma visão obstruída; estou falando de cegueira total. Não estou falando de um estado que passa com a infância; estou descrevendo um estado que só passa com a morte. Somos cegos. Cegos quanto ao futuro.

Essa é uma limitação compartilhada por todos nós. Os ricos são tão cegos quanto os pobres. Os estudados são tão destituídos de visão quanto os iletrados. E os famosos sabem tão pouco sobre o futuro quanto os desconhecidos.

Nenhum de nós sabe o que nossos filhos serão no futuro. Nenhum de nós sabe o dia em que eles morrerão. Ninguém sabe com quem ele ou ela vai se casar, nem mesmo se algum dia se casarão. Somos universal, absoluta e inalteravelmente cegos.

Todos nós somos como Jenna com os olhos fechados, tateando por uma sala escura, ouvindo uma voz familiar; mas há uma diferença entre nós: o ambiente que cercava Jenna é familiar e amigável. O nosso pode ser hostil e fatal. O pior medo de Jenna é tropeçar e machucar o dedo do pé. O nosso pior medo é mais ameaçador: o câncer, o divórcio, a solidão, a morte.

E, por mais que tentemos andar o mais reto possível, temos chances de tropeçar e nos ferirmos.

Pergunte a Jairo sobre isso. Embora ele tenha tentado andar o mais reto possível, o caminho da vida de Jairo havia feito uma curva repentina, indo parar em uma caverna — uma caverna escura. E ele não quer entrar nela sozinho.

Jairo é o líder da sinagoga. Bem, isso pode não significar muito para você e para mim, mas, nos dias de Cristo, o líder da sinagoga era o homem mais importante da comunidade. A sinagoga era o centro da religião, da educação, da liderança e da atividade social. O líder da sinagoga era o principal líder religioso, o professor de mais alto nível, o prefeito e o cidadão mais conhecido, tudo isso ao mesmo tempo.

Jairo tem tudo. Segurança no emprego. Garantia de boas-vindas na lanchonete local. Um plano de aposentadoria. Futebol com os amigos todas as quintas-feiras e uma viagem anual com todas as despesas pagas para a convenção nacional dos líderes de sinagoga.

Quem poderia pedir mais? Mas Jairo pede. Ele *precisa* pedir mais. Na verdade, ele trocaria todo esse pacote de bônus e privilégios para ter somente uma certeza — a de que sua filha viveria.

O Jairo que vemos nesta história não é o líder cívico de visão clara, vestido com um belo terno e de cabelo bem penteado. Ao contrário, vemos um homem cego pedindo um favor. Ele caiu aos pés de Jesus, “e lhe implorou insistentemente: ‘Minha filhinha está morrendo! Vem, por favor, e impõe as mãos sobre ela, para que seja curada e que viva’” (Marcos 5:23).

Ele não barganha com Jesus (“Olhe Jesus, você me faz um favor, e eu providenciarei para que você seja cuidado por toda a vida.”). Ele não negocia com Jesus (“As pessoas em Jerusalém estão ficando muito irritadas com as suas excentricidades. Vou lhe dizer uma coisa, se você cuidar deste problema para mim, posso dar alguns telefonemas...”). Ele não dá desculpas. (“Normalmente, não fico tão desesperado, Jesus, mas estou com um pequeno problema.”)

Ele só implora.

Há momentos na vida em que tudo que você tem a oferecer não é nada comparado com o que você está pedindo. Jairo está em um momento como esse. O que um homem poderia oferecer em troca pela vida de sua filha? Portanto, não há jogos aqui. Não há como negociar. Não há disfarces. A situação é gravemente simples: Jairo é cego quanto ao futuro e Jesus conhece o futuro. Então, Jairo pede sua ajuda.

E Jesus, que ama um coração sincero, dará isso a ele.

E Deus, que sabe o que é perder um filho, dá poder ao seu filho.

Mas antes que Jesus e Jairo possam ir muito longe, eles são interrompidos por emissários da casa de Jairo.

“‘Sua filha morreu’, disseram eles. ‘Não precisa mais incomodar o mestre!’” (Marcos 5: 35).

Prepare-se. Segure o seu chapéu. É aqui que a história ganha ação. Jesus deixa de ser guiado por Jairo e passa a liderá-lo. De ser convencido por Jairo, ele passa a convencê-lo. De ser admirado, Jesus passa a ser ridicularizado. Ele deixa de ajudar as pessoas e passa a expulsá-las.

É aqui que Jesus assume o controle.

“Não fazendo caso do que eles disseram, Jesus...” (v. 36).

Amo essa frase! Ela descreve o princípio fundamental que nos permite ver o invisível: ignorar o que as pessoas dizem. Bloqueá-las. Desligar o som delas. Fechar os ouvidos. E, se for preciso, afastar-se.

Ignore aqueles que dizem que é tarde demais para começar de novo.

Desconsidere aqueles que dizem que você nunca será nada na vida.

Faça-se de surdo para aqueles que dizem que você não é inteligente o bastante, rápido o bastante, alto o bastante ou grande o bastante. Ignore-os.

Às vezes, o primeiro passo da fé é encher os seus ouvidos com algodão.

Jesus se vira imediatamente para Jairo e pede: “Não tenha medo; tão somente creia” (v. 36).

Jesus impele Jairo a ver o invisível. Quando Jesus diz: “Tão somente creia...”, ele está implorando: “Não limite as suas possibilidades ao que é visível. Não ouça apenas aquilo que é audível. Não seja controlado pelo que é lógico. Creia que há mais na vida além do que os olhos veem!”

“Confie em Mim”, Jesus está pedindo. “Não tenha medo; apenas confie.”

Um pai de família das Bahamas fez o mesmo pedido ao filho pequeno que estava preso em uma casa em chamas. A estrutura de dois andares havia sido engolida pelo fogo, e a família — o pai, a mãe e várias crianças — estava a caminho da saída quando o menino menor ficou aterrorizado e voltou a subir as escadas correndo. O pai gritou para ele, do lado de fora:

— Pule, filho, pule! Eu pego você!

O menino gritou:

— Mas papai, eu não consigo ver você.

— Eu sei — o pai gritou — mas eu posso ver você.

O pai podia ver, embora o filho não pudesse.

Um exemplo semelhante de fé foi encontrado na parede de um campo de concentração. Nele, um prisioneiro havia escavado as palavras:

Acredito no sol, embora ele não brilhe,

Acredito no amor, mesmo quando ele não é demonstrado,

Acredito em Deus, mesmo quando ele não fala.

Tento imaginar a pessoa que entalhou essas palavras. Tento visualizar sua mão esquelética segurando o pedaço de vidro quebrado ou a pedra que cortou a parede. Tento imaginar seus olhos piscando no escuro, enquanto ele escavava cada letra. Que mão poderia ter gravado tamanha convicção? Que olhos poderiam ter visto o bem em tamanho horror?

Só existe uma resposta: olhos que optaram por ver o invisível. Como Paulo escreveu: “Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que

não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2Coríntios 4:18).

Jesus está pedindo a Jairo para ver o invisível, para fazer uma escolha: viver pelos fatos ou ver pela fé. Quando a tragédia nos atinge, também somos deixados para escolher o que vamos ver. Podemos ver a ferida ou aquele que a cura.

A escolha é nossa.

Jairo fez a sua escolha. Ele optou pela fé e Jesus... e a fé *em* Jesus o levou até sua filha.

Em casa, Jesus e Jairo encontraram um grupo de carpideiras. Jesus fica perturbado com o choro delas, pois lhe incomoda o fato daquelas mulheres expressarem tanta ansiedade por causa da morte. “Por que todo este alvoroço e lamento? A criança não está morta, mas dorme” (Marcos 5:39).

Essa não é uma pergunta retórica. É uma pergunta sincera. Do seu ponto de vista, a menina não está morta — ela só está dormindo. Do ponto de vista de Deus, a morte não é permanente. Ela é um passo necessário para se passar deste mundo para o próximo. Ela não é um fim; é um começo.

Quando eu era um garotinho, tinha dois grandes amores: brincar e comer. Os verões eram feitos para as tardes no campo de beisebol e as refeições na mesa de jantar da mamãe. Mas mamãe tinha uma regra — garotos sujos e suados jamais podiam comer à mesa. Suas primeiras palavras quando chegávamos a casa eram sempre: “Vão se lavar e tirar essas roupas se quiserem comer.”

Ora, nenhum garoto gosta de tomar banho e se arrumar, mas nunca reclamei nem desafiei minha mãe dizendo: “Prefiro feder a comer!” De acordo com os meus parâmetros de economia, um banho e uma camisa limpa eram um preço pequeno a se pagar por uma boa refeição.

E do ponto de vista de Deus, a morte é um preço pequeno a se pagar pelo privilégio de sentar-se à sua mesa. “Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus... Pois *é necessário* que aquilo

que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade” (1Coríntios 15:50,53, grifo do autor).

Deus é ainda mais insistente do que era minha mãe. Para sentar-se à mesa dele, *é necessária* uma mudança de vestes. E precisamos morrer para que o nosso corpo seja trocado por um novo. Então, do ponto de vista de Deus, a morte não deve ser temida; devemos dar-lhe boas-vindas.

E quando vê as pessoas chorando e se lamentando por causa da morte, Jesus quer saber: “Por que todo este alvoroço e lamento?” (Marcos 5:39).

Quando nós vemos a morte, vemos desgraça. Quando Jesus vê a morte, ele vê libertação.

Isso foi demais para aquelas pessoas entenderem. “Mas todos começaram a rir de Jesus” (v. 40). (Na próxima vez que as pessoas zombarem de você, você pode lembrar que elas zombaram dele também.)

Agora, olhe atentamente, porque você não vai acreditar no que Jesus faz em seguida. Ele põe as carpideiras para fora! É isso que o texto diz: “Ele, porém, ordenou que eles saíssem...” (v. 40). Ele não apenas pede que saiam, mas *coloca todos para fora*. Ele os pega pelo colarinho e pelo cinto e os manda embora. A reação de Jesus foi decisiva e forte. A palavra usada no texto original é a mesma palavra usada para descrever o que Jesus fez com os cambistas no templo. É o mesmo verbo usado outras trinta e oito vezes para descrever o que Jesus fez aos demônios.

Por quê? Por que tanta força? Por que tanta intolerância?

Talvez encontremos a resposta voltando àquela experiência às cegas na sala de minha casa. Depois que Jenna e Andrea haviam se revezado guiando uma à outra, decidi acrescentar uma mudança diabólica. No último trajeto, esgueirei-me por trás de Jenna, que estava andando com os olhos fechados, e comecei a sussurrar:

— Não dê ouvidos a ela. Ouça a mim. Eu vou cuidar de você.

Jenna parou, analisou a situação e escolheu entre as duas vozes.

— Fique quieto, papai.

Ela riu e depois continuou seguindo a direção de Andrea.

Sem desistir, peguei a tampa de uma panela, segurei-a próximo ao ouvido de Jenna e bati nela com uma colher. Jenna saltou e parou, assustada com o barulho. Andrea, vendo que sua peregrina estava assustada, fez algo maravilhoso. Ela atravessou a sala correndo e colocou os braços ao redor de sua irmã, dizendo: “Não se preocupe, estou bem aqui.”

Ela queria deixar que o barulho distraísse Jenna do seu trajeto.

E Deus não vai deixar que o barulho distraia você do seu. Ele ainda está trabalhando, expulsando os críticos e calando as vozes que poderiam detê-lo.

Você já viu uma parte do trabalho dele. Mas ainda não viu a maior delas.

Somente quando chegar em casa saberá quantas vezes ele o protegeu de vozes sedutoras. Só a eternidade revelará as vezes em que Deus:

Impediu uma transferência, protegendo-o de se envolver em negócios antiéticos.

Encheu o aeroporto de neblina, afastando-o de uma oportunidade obscura.

Furou o seu pneu, impedindo que você fizesse o *check-in* no hotel e encontrasse uma pessoa sedutora.

E só o céu lhe mostrará quantas vezes ele o protegeu:

Dando-lhe um cônjuge que ama mais a Deus do que a você.

Abrindo a porta para um novo negócio para que vocês pudessem frequentar a mesma igreja.

Colocando a voz certa com a mensagem certa na estação de rádio certa no dia em que você precisava ser encorajado.

Anote isto: Deus sabe que você e eu somos cegos. Ele sabe que viver por fé e não pelo que se vê não é algo que fazemos naturalmente. E creio que esse é um bom motivo pelo qual ele tenha ressuscitado a filha de Jairo. Não

por causa dela, pois ela estaria bem melhor no Céu, mas por amor a nós — para nos ensinar que o Céu vê quando confiamos.

Compartilho uma reflexão final sobre a experiência de “ver com os olhos fechados”. Perguntei a Jenna como ela conseguia ouvir a voz de Andrea guiando-a pela sala mesmo quando eu estava tentando distraí-la sussurrando em seu ouvido.

A resposta dela: “Eu apenas me concentrei e procurei ouvir o máximo possível.”

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. O que você achou da “experiência de fé” que Max fez com suas filhas? O que ele estava tentando lhes ensinar? O que você aprende com essa experiência?
2. Você alguma vez desejou poder ver o futuro? Quais seriam os benefícios? E as desvantagens? Se pudesse adquirir a capacidade de ver todo o seu futuro, você faria isso? Explique.
3. Max afirma que um princípio fundamental para ver o invisível é ignorar o que as pessoas dizem. O que ele quer dizer? Que tipo de pessoas você ignora? Que tipo de conselho se recusa a ouvir? O conselho de Max não poderia ser perigoso em algumas circunstâncias? Em que tipo de circunstâncias?
4. Por que Jesus expulsou as pessoas da casa de Jairo?
5. Leia 2Coríntios 4:16-18. Até que ponto o mundo que vemos é permanente? Até que ponto o mundo que não vemos é permanente? Como “colocamos os nossos olhos” em Jesus?

Capítulo 2
SIMÃO E MARIA

Então Maria pegou um frasco de nardo puro, que era um perfume caro, derramou-o sobre os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. E a casa encheu-se com a fragrância do perfume.

— JOÃO 12:3

AMOR ARRISCADO

NADA FALTAVA A ARTFUL EDDIE. Ele era o mais esperto entre os advogados espertos. Era um dos loucos dos chamados Loucos Anos Vinte. Colega de Al Capone, administrava as pistas de corridas de galgos do gângster. Eddie dominava a técnica simples de manipular a corrida superalimentando sete cães e apostando no oitavo.

Riqueza. Status. Estilo. Nada faltava a Artful Eddie.

Então, por que ele se entregou? Por que ele se ofereceu para delatar Capone? Qual foi o motivo? Eddie não sabia quais eram as infalíveis consequências de se virar a casaca?

Ele sabia, mas estava decidido.

O que ele tinha a ganhar? O que a sociedade poderia lhe dar que ele não tivesse? Ele tinha dinheiro, poder, prestígio. Qual era o problema?

Eddie revelou o problema. Seu filho. Artful Eddie havia passado a vida com os desprezíveis. Havia sentido o mau cheiro do submundo por tempo suficiente. Ele queria mais para o filho. Queria lhe dar um nome. E para dar um nome ao filho, ele teria de limpar o próprio. Eddie estava disposto a correr o risco para que seu filho pudesse ter um passado limpo. Artful Eddie nunca viu seu sonho se realizar. Depois que Eddie delatou Capone, os

bandidos se lembraram dele. Duas rajadas de metralhadora o calaram para sempre.

Valeu a pena?

Para o filho, sim. O menino de Artful Eddie viveu à altura do sacrifício. Seu nome é um dos mais conhecidos do mundo.

Mas antes de falarmos sobre o filho, vamos falar sobre o princípio: amor arriscado. O amor que se arrisca. O amor que corre o risco. O amor que causa impacto e deixa um legado. O amor sacrificial.

O amor que é inesperado, surpreendente e emocionante. Atos de amor que capturam o coração e que deixam impressões na alma. Atos de amor que nunca são esquecidos.

Um ato de amor assim foi visto na última semana de vida de Jesus. Uma demonstração de devoção que o mundo jamais esquecerá. Um ato de ternura extravagante do qual Jesus não foi o doador, mas o receptor.

Um grupo de amigos cerca Jesus. Eles estão à mesa. A cidade é Betânia e a casa é a de Simão.

Ele era conhecido como Simão, o leproso. Mas já não era mais assim. Agora ele era apenas Simão. Não sabemos quando Jesus o curou, mas sabemos como ele era antes de Jesus curá-lo. Ombros inclinados. Mãos sem dedos. Braços cheios de crostas e as costas infectadas cobertas de trapos. Um pano esfarrapado esconde todo o rosto, com exceção de dois olhos brancos que gritavam.

Mas isso foi antes de Jesus tocá-lo. Simão foi aquele que Jesus curou depois de pregar o Sermão da Montanha? Foi aquele que estava junto aos dez, e que voltou para agradecer? Será que era um dos quatro mil que Jesus ajudou em Betsaida? Ou era um entre as multidões anônimas que os escritores dos evangelhos não dedicaram tempo para mencionar?

Não sabemos. Mas sabemos que ele havia convidado Jesus e seus discípulos para jantar.

Foi um ato simples, mas deve ter significado muito para Jesus. Afinal, os fariseus já estavam preparando uma cela para ele no corredor da morte. Não demorará muito para que eles apontem Lázaro como cúmplice. Possivelmente todos eles terão seus rostos estampados em cartazes de “Procura-se” no fim da semana. É preciso ter coragem para convidar um homem procurado para ir à sua casa.

Mas é preciso ter ainda mais coragem para colocar a mão sobre a ferida de um leproso.

Simão não se esqueceu do que Jesus havia feito. Ele não podia esquecer. Onde havia um cotoco, agora havia um dedo para sua filha segurar. Onde antes havia feridas ulcerosas, agora havia pele para sua mulher afagar. E onde havia horas de solidão em quarentena, agora havia horas felizes como esta — uma casa cheia de amigos, uma mesa cheia de comida.

Não, Simão não esqueceu. Ele sabia o que era olhar a morte de frente. Sabia o que era não ter uma casa para chamar de sua e o que era ser incompreendido. Ele queria que Jesus soubesse que, se ele algum dia precisasse de uma refeição e de um lugar para reclinar a cabeça, havia uma casa em Betânia para onde ele poderia ir.

Outras casas não serão tão agradáveis quanto a de Simão. Antes que a semana termine, Jesus passará algum tempo na casa do sumo sacerdote, a melhor casa de Jerusalém. Três celeiros nos fundos e uma linda vista para o vale. Mas Jesus não verá a vista; ele verá apenas as falsas testemunhas, ouvirá as mentiras e sentirá os tapas em seu rosto.

Ele não encontrará hospitalidade na casa do sumo sacerdote.

Antes que a semana termine, Jesus visitará as câmaras de Herodes. Câmaras elegantes. Cheias de servos. Talvez haja frutas e vinho sobre a mesa. Mas Herodes não irá oferecer nada a Jesus. Herodes quer ver um truque, uma pequena apresentação. “Mostre-me um milagre, garoto do campo”, ele dirá. Os guardas prenderão o riso.

Antes que a semana termine, Jesus visitará a casa de Pilatos. Uma rara oportunidade de estar diante do divã do procurador de toda Israel. Isso deveria ser uma honra, um momento para ser lembrado, mas não será. É um momento que o mundo preferiria esquecer. Pilatos tem a oportunidade de realizar o maior ato de misericórdia do mundo — e não o faz. Deus está em sua casa, mas Pilatos não o vê.

Não podemos evitar nos perguntarmos *E se...*? E se Pilatos tivesse saído em defesa do inocente? E se Herodes tivesse pedido ajuda a Jesus e não diversão? E se o sumo sacerdote tivesse se preocupado tanto com a verdade quanto com a sua posição? E se um deles tivesse dado as costas para a multidão e voltado o rosto para Cristo, assumindo uma posição?

Mas ninguém fez nada disso. A montanha do prestígio era alta demais. A queda teria sido grande demais.

Mas Simão o fez. O amor arriscado agarra a oportunidade. Simão se arriscou. Ele deu uma boa refeição a Jesus. Não era muito, mas mais do que muitas. E enquanto os sacerdotes o acusavam e os soldados batiam nele, talvez Jesus tenha se lembrado do que Simão fez e tenha sido fortalecido.

E quando se lembrou da refeição de Simão, talvez ele também tenha se lembrado do gesto de Maria. Talvez até pudesse sentir o perfume.

Não é improvável que ele pudesse senti-lo. Afinal, ele valia muito dinheiro. Era importado. Concentrado. Doce. Forte o suficiente para deixar as roupas de um homem perfumadas por dias.

Eu me pergunto se, entre as chicotadas, ele reviveu aquele instante. Enquanto abraçava o tronco romano e se agarrava a ele para o próximo golpe que rasgaria suas costas, será que Jesus se lembrou do óleo que amaciou sua pele? Será que ele podia ver, nos rostos das mulheres que observavam, o pequeno rosto suave de Maria, que se importava com ele?

Ela foi a única que acreditou nele. Sempre que Jesus falava sobre a sua morte, os outros davam de ombros, duvidavam, mas Maria acreditou. Maria acreditou porque ele falava com uma firmeza que ela já havia ouvido antes.

“Lázaro, saia para fora!”, Jesus havia ordenado, e seu irmão havia saído. Depois de quatro dias em um túmulo lacrado com uma pedra, ele saiu para fora.

E enquanto Maria beijava as mãos agora quentes de seu irmão recém-falecido, ela se virou e olhou. Jesus estava sorrindo. As marcas das lágrimas estavam secas e seus dentes brilhavam no meio de sua barba. Ele estava sorrindo.

E, no seu coração, ela soube que jamais duvidaria das palavras dele.

Então, quando viu os três juntos, ela não pôde resistir. Simão, o leproso curado, com a cabeça jogada para trás em uma gargalhada. Lázaro, o cadáver ressuscitado, debruçando-se para ouvir o que Jesus havia dito. E Jesus, a fonte da vida para ambos, começando a repetir sua brincadeira pela segunda vez.

“Agora é a hora certa”, disse ela para si mesma.

Não foi um ato impulsivo. Ela havia carregado o grande frasco de perfume de sua casa até a casa de Simão. Não foi um gesto espontâneo. Mas foi um gesto extravagante. O perfume valia o salário de um ano. Talvez a única coisa de valor que ela tinha. Não era uma coisa lógica de se fazer, mas desde quando o amor é guiado pela lógica?

Não foi a lógica que tocou em Simão.

Não foi o bom senso que chorou no túmulo de Lázaro.

Não foi o senso prático que alimentou as multidões e amou as crianças. Foi o amor. Um amor extravagante, arriscado, que corre riscos.

E, agora, alguém precisa demonstrar o mesmo àquele que deu esse amor.

E, então, Maria o fez. Ela se colocou atrás dele e ficou de pé com o vaso em suas mãos. Depois de alguns instantes, todas as bocas estavam em silêncio e todos os olhos abertos, enquanto observavam seus dedos nervosos removerem a tampa adornada.

Apenas Jesus não havia percebido a presença de Maria. Assim que ele notou que todos estavam olhando para trás dele, ela começou a derramar o óleo. Sobre a cabeça dele. Sobre os ombros. Pelas costas. Ela teria derramado a si mesma sobre ele, se pudesse.

A fragrância invadiu a sala. Os aromas de cordeiro cozido e ervas se perdiam no aroma do doce unguento.

“Aonde quer que o Senhor vá”, dizia aquele gesto, “inspire este aroma e lembre-se de alguém que se importa.”

Sobre a pele de Jesus, a fragrância da fé. Em suas roupas, o bálsamo da credulidade. Mesmo quando os soldados dividiam suas vestes, o gesto dela era como um buquê levado a um cemitério.

Os outros discípulos haviam ridicularizado a extravagância de Maria. Para eles, aquilo era uma tolice. Jesus os havia salvado de um barco que afundava em um mar revolto. Ele havia permitido que eles pregassem e curassem. Ele havia trazido foco para suas vidas vagas. Eles, os receptores desse amor exorbitante, puniam a generosidade dela. Que irônico.

— Por que desperdiçar esse perfume? Ele poderia ter sido vendido por muito dinheiro, que poderia ter sido dado aos pobres. — Eles sorriem maliciosamente.

Não perca a defesa imediata de Jesus a Maria: “Por que vocês estão perturbando essa mulher? Ela praticou uma boa ação para comigo” (Mateus 26:10).¹

A mensagem de Jesus é tão poderosa hoje quanto era naquela época. Não perca essa mensagem: “Há um momento para o amor arriscado. Há um momento para gestos extravagantes. Há um tempo para derramar o seu afeto sobre aquele a quem você ama. E quando chegar a hora, agarre-a, não a deixe passar.”

O jovem marido está arrumando os pertences de sua esposa. Sua tarefa é solene. Seu coração está pesado. Ele nunca imaginou que ela morreria tão jovem. Mas o câncer veio tão depressa e com tanta força... No

fundo da gaveta ele encontra uma caixa, um roupão de dormir. Novo. Ainda estava embrulhado no papel.

— Ela estava sempre esperando por uma ocasião especial — ele diz consigo mesmo — sempre esperando...

Quando o garoto de bicicleta observa os estudantes zombando de alguém, seu coração se agita. É do seu irmãozinho que eles estão rindo. Ele sabe que deveria se levantar e defender o irmão, mas... aqueles que estão caçoando dele são seus amigos. O que eles vão pensar? E o que eles pensam importa, por isso faz a volta e pedala para longe.

Quando o marido olha para dentro da caixa de joias, ele racionaliza: *É claro que ela gostaria daquele relógio, mas ele é caro demais. Ela é uma mulher prática; vai entender. Vou comprar só a pulseira hoje. Comprarei o relógio... um dia.*

Um dia. O inimigo do amor arriscado é uma serpente cuja língua dominou o linguajar do engano. “Um dia”, ela sibila.

“Um dia, posso levá-la para fazer um cruzeiro.”

“Um dia, terei tempo para telefonar e conversar.”

“Um dia, as crianças entenderão por que eu estava tão ocupado.”

Mas você sabe a verdade, não sabe? Você sabe, antes mesmo que eu a escreva. Você poderia dizê-la melhor do que eu.

Alguns dias nunca chegam.

E o preço da praticidade, às vezes, é mais alto do que a extravagância.

Mas as recompensas do amor arriscado são sempre maiores do que o seu preço.

Esforce-se. Invista tempo. Escreva a carta. Peça desculpas. Faça a viagem. Compre o presente. Faça isso. A oportunidade que é aproveitada gera alegria. A oportunidade perdida gera pesar.

A recompensa foi grande para Simão. Ele foi privilegiado por poder dar descanso àquele que criou a Terra. O gesto de Simão nunca será esquecido.

Nem o de Maria. Jesus prometeu: “Eu lhes asseguro que em qualquer lugar do mundo inteiro onde este evangelho for anunciado, também o que ela fez será contado, em sua memória” (Mateus 26:13).

Simão e Maria: exemplos do presente arriscado dado na hora certa.

O que nos leva de volta a Artful Eddie, o gângster de Chicago que delatou Al Capone para que seu filho pudesse ter uma chance digna. Se Eddie tivesse vivido para ver seu filho Butch crescer, teria ficado orgulhoso.

Ele teria ficado orgulhoso com a indicação de Butch para Annapolis. Ele teria ficado orgulhoso com a nomeação dele como piloto naval na Segunda Guerra Mundial. Ele teria ficado orgulhoso ao ler que seu filho derrubou cinco aviões bombardeiros na batalha do Pacífico e salvou a vida de centenas de tripulantes do porta-aviões Lexington. Seu nome havia sido limpo. A medalha de honra do Congresso que Butch recebeu era prova disso.

Quando as pessoas dizem o sobrenome O'Hare em Chicago, elas não pensam em gângsteres — elas pensam em um herói da aviação. E, agora, quando disser o nome dele, você terá algo a mais no que pensar. Pense nos dividendos eternos do amor arriscado. Pense nisso na próxima vez que você ouvir este nome. Pense nisso na próxima vez em que você aterrissar no aeroporto que recebeu o nome do filho de um gângster que se tornou bom.

O filho de Eddie O'Hare.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Descreva sua reação inicial ao gesto de Maria. Você achou que foi uma tolice? Algo exorbitante? Profundo? Comovente?
2. Quais são os momentos apropriados para o amor arriscado? Descreva-os. Quando você optou por demonstrar um amor arriscado? Qual foi o resultado? Faria isso novamente? Por quê?
3. De que maneira a praticidade, às vezes, custa mais do que a extravagância? Você concorda que “as recompensas do amor arriscado são sempre maiores do que o seu preço”? Por que, ou por que não?
4. Leia Mateus 26:6-13. De que maneira o gesto da mulher foi algo belo? Como ele simbolizou o que estava prestes a acontecer? Por que você supõe que Jesus disse o que afirmou no versículo 13?
5. Max escreveu: “A oportunidade que é aproveitada
6. gera alegria. “A oportunidade perdida gera pesar.” Que oportunidades existem, agora mesmo, de você demonstrar esse amor arriscado? Relacione-as. O que o está impedindo de correr o risco?

Capítulo 3

JACÓ

Naquela noite Jacó levantou-se, tomou suas duas mulheres, suas duas servas e seus onze filhos para atravessar o lugar de passagem do Jaboque. Depois de havê-los feito atravessar o ribeiro, fez passar também tudo o que possuía. E Jacó ficou sozinho. Então veio um homem que se pôs a lutar com ele até o amanhecer. Quando o homem viu que não poderia dominá-lo, tocou na articulação da coxa de Jacó, de forma que lhe deslocou a coxa, enquanto lutavam.

Então o homem disse: “Deixe-me ir, pois o dia já desponta.”

Mas Jacó lhe respondeu: “Não te deixarei ir, a não ser que me abençoes.”

O homem lhe perguntou: “Qual é o seu nome?”

“Jacó”, respondeu ele.

Então disse o homem: “Seu nome não será mais Jacó, mas sim Israel, porque você lutou com Deus e com homens e venceu.”

Prosseguiu Jacó: “Peço-te que digas o teu nome.”

Mas ele respondeu: “Por que pergunta o meu nome?” E o abençoou ali.

Jacó chamou àquele lugar Peniel, pois disse: “Vi a Deus face a face e, todavia, minha vida foi poupada.”

— GÊNESIS 32:22-30

LUTANDO CONTRA O PASSADO

ELE FOI O APOSTADOR DOS PATRIARCAS. Um mestre dos truques com as mãos e das manobras rápidas. Ele havia adquirido a reputação negativa de conseguir o que queria pela força ou pela desonestidade — ou por ambas.

Por duas vezes, escondeu as cartas de seu tolo irmão, Esaú, para subir na árvore genealógica da família. Uma vez, colocou lã sobre os braços e ficou diante dos olhos de seu próprio pai, usando um artifício especialmente desonesto, já que os olhos de seu pai estavam bastante turvos, e aquela lã lhe garantiria um presente que ele jamais teria recebido de outra forma.

Mais tarde, ele enganou o sogro, tirando dele o seu melhor rebanho e, quando ninguém estava olhando, pegou as crianças e o gado e fugiu.

Sim, Jacó tinha uma reputação péssima e fez por merecê-la. Para ele, os fins sempre justificavam os meios. Sua esperteza só era superada por sua audácia. Sua consciência era endurecida o suficiente para permiti-lo que dormisse, e seus pés eram rápidos o bastante para mantê-lo um passo à frente das consequências.

Isto é, até que ele chegou a um rio chamado Jaboque (Gênesis 32). Em Jaboque, a sua própria esperteza o pegou.

Jacó estava acampado próximo ao rio Jaboque quando recebeu a notícia de que o grande e peludo Esaú estava vindo para vê-lo. Vinte anos

havia se passado desde que Jacó havia enganado seu irmão. Tempo mais do que suficiente, Jacó pensava, para que Esaú mexesse a panela fervente da vingança. Jacó estava com problemas. Desta vez, ele não tinha mais nenhuma carta na manga. Ele, finalmente, seria obrigado a encarar a si mesmo e a Deus.

Precisamos dar o crédito a Jacó pelo fato de não ter fugido do problema. Mas também nos perguntamos por quê. Talvez, ele tivesse se cansado de fugir. Ou, talvez, estivesse cansado de olhar para o personagem sombrio que via todas as manhãs no espelho. Ou, talvez, ele simplesmente soubesse que já havia trapaceado por vezes demais. Fosse qual fosse a motivação, ela foi suficiente para fazer Jacó sair das sombras, atravessar o vau de Jaboque sozinho e encarar os fatos.

A palavra *jaboque*, em hebraico, significa “lutar”, e foi isso que Jacó fez. Ele lutou com o seu passado: com todas as mentirinhas, conspirações e escândalos. Lutou com a sua situação: uma aranha presa em sua própria teia de engano e astúcia. Mas, mais do que qualquer outra coisa, ele lutou com Deus.

Ele lutou com o mesmo Deus que havia descido a escada em Betel para garantir a Jacó que ele não estava só (embora merecesse estar). Ele encontrou o mesmo Deus que, anteriormente, havia garantido a Jacó que nunca quebraria a sua promessa (embora ninguém pudesse culpá-lo se Deus o fizesse). Ele confrontou o mesmo Deus que havia lembrado a Jacó de que a terra preparada para ele ainda era sua (mais uma prova de que Deus nos abençoa *apesar* das nossas vidas e não *por causa* delas).

Jacó lutou com Deus a noite inteira. Às margens do Jaboque, ele rolou na lama dos seus erros. Ele encontrou Deus face a face, cansado do seu passado e precisando, desesperadamente, de um novo começo. E, por Jacó querer tanto isso, Deus honrou sua determinação. Deus lhe deu um novo nome e uma nova promessa. Mas ele também lhe deu um quadril desarticulado como um lembrete daquela noite misteriosa junto ao rio.

Jacó não foi o único homem na Bíblia a lutar consigo mesmo e com Deus por causa de erros do passado. Davi fez isso depois do seu encontro com Bate-Seba. Sansão lutou, cego e careca, depois da sedução de Dalila. Elias estava no seu próprio Jaboque quando ouviu a voz como uma “brisa suave” (1Reis 19:12). Pedro lutou com sua culpa quando o som de um galo cantando ainda ecoava em seus ouvidos.

E imagino que a maioria de nós tenha passado algum tempo junto às margens também. Os nossos atos escandalosos têm as suas próprias características. Quer alguns exemplos? Considere as cenas seguintes.

O marido infiel sentado à mesa com um bilhete de sua esposa nas mãos: “Não suporto mais. Levei as crianças comigo.”

A mulher solteira de vinte anos no consultório médico. As palavras ainda estão ecoando em sua mente: “O teste deu positivo. Você está grávida.”

O homem de negócios se contorcendo no escritório da Receita Federal: “A auditoria mostra que o senhor usou de brechas na lei, às quais não tinha direito.”

O aluno, vermelho de vergonha, que foi surpreendido em flagrante copiando as respostas da prova de alguém. “Teremos de comunicar aos seus pais.”

Todos nós, em um momento ou outro, ficamos face a face com o nosso passado. E é sempre um encontro esquisito. Quando os nossos pecados nos apanham, podemos fazer uma destas duas coisas: fugir ou lutar.

Muitos preferem fugir. Eles apagam o passado, dando de ombros, indignados. “Fui uma vítima das circunstâncias.” Ou “foi culpa dele.” Ou “muitas pessoas fazem coisa pior.” O problema com esse tipo de fuga é que ela não é uma fuga de modo algum. É apenas uma camuflagem superficial. Não importa quantas camadas de maquiagem você coloque sobre um olho preto, por baixo, ele ainda estará preto. E, lá no fundo, ele ainda dói.

Jacó finalmente entendeu isso. O resultado foi que o seu exemplo se tornou digno de ser imitado. A melhor maneira de lidar com o seu passado é ajustar as calças, arregaçar as mangas e encará-lo de frente. Chega de fugir à responsabilidade e colocar a culpa nos outros. Chega de encobrir os erros e minimizá-los. Chega de jogar. Precisamos de um confronto com o nosso Mestre.

Nós também deveríamos atravessar o rio sozinhos e lutar com Deus por nós mesmos. Nós também deveríamos ficar frente a frente com ele e sermos lembrados de que se formos deixados sozinhos, fracassaremos. Nós também deveríamos retirar a máscara do nosso coração manchado e da nossa alma suja e sermos sinceros com aquele que conhece os nossos pecados mais secretos.

O resultado pode ser renovador. Sabemos que para Jacó foi assim. Depois do seu encontro com Deus, Jacó era um novo homem. Ele cruzou o rio na madrugada de um novo dia e enfrentou Esaú com uma coragem recém-descoberta.

Entretanto, cada passo que ele dava era um passo de dor. Seu quadril rígido era um lembrete da lição que ele havia aprendido em Jaboque, a de que atos obscuros geram dor. Guarde bem isto: brinque hoje e você pagará amanhã.

E para você que se pergunta se já não brincou por tempo demais para mudar, seja encorajado pelo legado de Jacó. Nenhum homem é mau demais para Deus. Transformar um enganador em um homem de fé não seria uma tarefa fácil. Mas, para Deus, tudo fazia parte do trabalho de uma noite.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. O que acontece quando tentamos ignorar o passado? O que Max quer dizer com: “A melhor maneira de lidar com o nosso passado é ajustar as calças, arregaçar as mangas e encará-lo de frente”? Em que isso se diferencia de permanecer no passado?
2. Leia Gênesis 32:1; 33:3. Por que Jacó tinha medo de se encontrar com Esaú novamente? Como ele enfrentou a situação de frente?
3. Como podemos lutar com Deus ao lidarmos com nosso passado? De que maneira também podemos sair mancando?
4. Você já falou com alguém que acreditava ter vivido uma vida demasiadamente má para ser aceito por Deus? O que você disse a essa pessoa?
5. No fim da vida de Jacó, que promessa Deus faz a ele em Gênesis 46:2-4? Que bênçãos vieram por intermédio dos seus descendentes?

Capítulo 4
CORNÉLIO

Mas Deus me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum.

— ATOS 10:28

REFREANDO UMA ATITUDE ARROGANTE

MOLOKAI, UM RUBI NO COLAR DE PÉROLAS das ilhas havaianas. Os turistas viajam até a ilha de Molokai por seu charme tranquilo, sua brisa suave e seu surfe sereno. Mas o Padre Damien foi até lá por outro motivo. Ele foi para ajudar as pessoas a morrerem.

Ele foi a Molokai porque a lepra chegou ali primeiro. Ninguém sabe exatamente como a doença chegou ao Havaí. O primeiro caso foi documentado por volta do ano de 1840. Mas, embora ninguém possa achar a fonte da doença, ninguém pode negar os seus resultados. Deformação, decomposição e pânico.

O governo reagiu, criando uma versão civil da segregação realizada na época do Antigo Testamento. Eles depositavam os doentes em um pedaço de terra triangular chamado Kalaupapa. Cercado de água por seus três lados e da mais alta muralha de pedra do mundo pelo quarto, o lugar era uma prisão natural.

Era difícil ter acesso ao local. Era ainda mais difícil sair dali.

Os leprosos viviam uma existência descartada, em palhoças com um mínimo de alimento. Os navios se aproximavam da costa, e os marinheiros jogavam suprimentos na água, esperando que as caixas flutuassem até a

terra. A sociedade enviava uma mensagem clara aos leprosos: vocês já não têm mais valor.

Mas a mensagem do Padre Damien era diferente. Ele já estava servindo em igrejas nas ilhas há uma década, quando, em 1873, aos trinta e três anos, escreveu ao seu superior e se ofereceu: “Quero me sacrificar pelos pobres leprosos.”

Ele mergulhou no mundo deles, fazendo curativos em feridas, abraçando crianças, enterrando os mortos. Os membros do seu coral cantavam em meio a trapos, e sua congregação recebia a comunhão com mãos aleijadas. Mas, por eles importarem para Deus, eles importavam para ele. Quando se referia à sua congregação, ele não dizia “meus irmãos e irmãs”, mas “nós, leprosos”. Ele se tornou um deles. Literalmente.

Em algum momento, por meio de um toque de bondade ou no compartilhar do pão da comunhão, a doença passou dos membros para o sacerdote. Damien se tornou um leproso. E, em 15 de abril de 1889, quatro dias antes da sexta-feira santa, ele morreu.²

Nós já aprendemos a tratar a lepra. Hoje, não colocamos mais as pessoas em quarentena. Nós eliminamos essas colônias. Mas será que eliminamos a atitude? Será que ainda vemos algumas pessoas como inferiores?

Fazíamos isso no pátio da escola no ensino fundamental. Todos os meninos da turma de primeiro ano da Sra. Amburgy se uniam para expressar a nossa superioridade masculina. Nós nos encontrávamos diariamente no recreio e, com os braços entrelaçados, marchávamos pelo pátio, gritando: “Os meninos são melhores do que as meninas! Os meninos são melhores do que as meninas!” Francamente, eu não concordava, mas gostava daquela fraternidade. As meninas, reagindo, formaram o seu próprio clube. Elas desfilavam pela escola, anunciando o seu desdém pelos garotos. Formávamos um feliz grupo escolar.

As pessoas tendem a implicar umas com as outras. Amamos ter uma atitude arrogante. O menino contra a menina ou a menina contra o menino.

Os abastados contra os pobres. Os instruídos contra os que largaram os estudos. Os antigos contra os recém-chegados. Os judeus contra os gentios.

Havia um abismo intransponível entre os judeus e os gentios nos dias da igreja primitiva. Um judeu não podia tomar leite tirado pelos gentios ou comer a comida deles. Os judeus não podiam ajudar uma mãe gentia em sua hora de necessidade. Os médicos judeus não podiam atender pacientes não judeus.³

Nenhum judeu queria nada com um gentio. Eles eram impuros.

A não ser que esse judeu, é claro, fosse Jesus. Suspeitas de uma nova ordem começaram a aparecer por causa da curiosa conversa que ele teve com a mulher cananeia. Sua filha estava morrendo e sua oração era urgente. Mas os seus ancestrais eram gentios. “Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel”, Jesus disse a ela. “Sim, Senhor”, respondeu ela, “mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos” (Mateus 15:24,27).

Jesus curou a filha da mulher, deixando clara sua posição. Ele estava mais preocupado em trazer todos para ele do que em deixar certas pessoas de fora.

Essa era a tensão que Pedro sentia. Sua cultura dizia: “Mantenha distância dos gentios.” Enquanto seu Cristo dizia: “Construa pontes até os gentios.” E Pedro teve de fazer uma escolha. Um encontro com Cornélio forçou-o a tomar uma decisão.

Cornélio era um oficial do exército romano. Era gentio e também um sujeito mau (pense nos casacas vermelhas britânicos na Boston do século XVIII). Ele comia a comida errada, andava com a turma errada e jurou lealdade a César. Ele não citava a Torá nem era descendente de Abraão. Usava um manto sobre o corpo e tinha um presunto no freezer. Não usava solidéu sobre a cabeça nem barba no rosto. Dificilmente teria algum artigo sagrado. Incircunciso, não kosher, impuro. Olhe para ele.

Agora, olhe novamente para ele. Com atenção. Ele ajudava as pessoas necessitadas e simpatizava com a ética judaica. Era bondoso e devoto. “Ele e

toda a sua família eram religiosos e tementes a Deus; dava muitas esmolas ao povo e orava continuamente a Deus” (Atos 10:2). Cornélio, inclusive, foi o primeiro nome a ser citado por um anjo, que lhe disse para entrar em contato com Pedro, hospedado na casa de um amigo a cinquenta quilômetros, na cidade costeira de Jope. Cornélio mandou três homens para buscá-lo.

Enquanto isso, Pedro estava fazendo o melhor que podia para orar com o estômago roncando. “Tendo fome, queria comer; enquanto a refeição estava sendo preparada, caiu em êxtase. Viu o céu aberto e algo semelhante a um grande lençol que descia à terra, preso pelas quatro pontas, contendo toda espécie de quadrúpedes, bem como de répteis da terra e aves do céu. Então uma voz lhe disse: ‘Levante-se, Pedro; mate e coma’” (Atos 10:10-13).

O lençol continha comida não kosher suficiente para desenrolar os cachos de qualquer judeu hassídico. Pedro se recusou a comer, de modo absoluto e resolutivo. “De modo nenhum, Senhor! Jamais comi algo impuro ou imundo!” (v. 14).

Mas Deus não estava brincando. Ele repetiu a visão por três vezes, deixando o pobre Pedro em um dilema. Pedro estava considerando a possibilidade de comer os porcos no lençol quando ouviu uma batida na porta. Ao som da batida, ele ouviu o chamado do Espírito de Deus em seu coração. “Simão, três homens estão procurando por você. Portanto, levante-se e desça. Não hesite em ir com eles, pois eu os envie” (vv.19-20).

“Nada duvidando” também pode ser traduzido por “não faça distinção”, “não se entregue ao preconceito” ou “descarte toda parcialidade”. Este foi um momento tremendo para Pedro.

Em grande parte, para crédito do próprio Pedro, ele convidou os mensageiros para passarem a noite, e, na manhã seguinte, saiu para encontrar Cornélio. Quando Pedro chegou, Cornélio caiu aos seus pés. Pedro insistiu que ele se levantasse e depois confessou o quanto aquela decisão havia sido difícil para ele. “Vocês sabem muito bem que é contra a nossa lei um judeu associar-se a um gentio ou mesmo visitá-lo. Mas Deus

me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum” (v. 28).

Pedro falou a Cornélio sobre Jesus e o evangelho, e, antes que Pedro pudesse fazer um convite, a presença do Espírito estava entre eles, que repetiam o Pentecostes — falando em línguas e glorificando a Deus. Pedro ofereceu-se para batizar Cornélio e seus amigos. Eles aceitaram. Eles lhe ofereceram uma cama. Pedro aceitou. Ao final da visita, Pedro estava fazendo os seus próprios sanduíches de presunto.

E nós? Ainda estamos meditando no versículo 28: “Deus me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum.”

Mas a vida é muito mais fácil sem essa ordem. Enquanto pudermos chamar as pessoas de impuras ou inadequadas, poderemos mandá-las para Kalaupapa e seguir os nossos caminhos separadamente. Os rótulos tiram de nós a nossa responsabilidade. Colocar as pessoas de lado indefinidamente permite que lavemos nossas mãos e saíamos.

— Ah, eu conheço John. Ele é um alcoólatra. (Tradução: “Por que ele não consegue se controlar?”)

— O novo patrão é um democrata liberal. (Tradução: “Ele não consegue ver como está enganado?”)

— Ah, eu a conheço. Ela é divorciada. (Tradução: “Ela tem muita bagagem.”)

Rotular as pessoas gera distanciamento e nos dá uma estratégia de saída conveniente para evitar o envolvimento.

Contudo, Jesus adotou uma abordagem totalmente diferente. Ele estava preocupado em incluir as pessoas, não em excluí-las. “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós” (João 1:14). Jesus tocava os leprosos, amava os estrangeiros e passava tanto tempo com os que frequentavam festas que as pessoas o chamavam de “comilão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores” (ver Mateus 11:19).

O racismo não pôde mantê-lo afastado da mulher samaritana; os demônios não puderam mantê-lo afastado dos endemoniados. Em sua página do Facebook, Jesus “curtiu” Zaqueu, o mestre das apostas; Mateus, o agente da Receita federal; e algumas prostitutas que ele havia conhecido na casa de Simão. Jesus passou trinta e três anos andando no caos deste mundo. “Mesmo em condição de igualdade com Deus, Jesus nunca pensou em tirar proveito dessa condição, de modo algum. Quando sua hora chegou, ele deixou de lado os privilégios da divindade e assumiu a condição de escravo, tornando-se *humano*” (Filipenses 2:6-7, *A Mensagem*, grifo do autor).

O exemplo de Jesus envia a seguinte mensagem: nada de demonstrações de superioridade na hora do recreio. “Não chamem ninguém de comum ou inadequado.”

Meu amigo Roosevelt concordaria. Ele é líder na nossa congregação e um dos melhores sujeitos da história da humanidade. Ele mora na casa ao lado de uma mãe solteira, que foi citada pela associação de proprietários de imóveis porque a grama do seu quintal não estava aparada. Uma selva de arbustos crescidos desenfreadamente e de árvores não podadas obscurecia sua casa. A associação advertiu-a a mandar limpar o quintal. A advertência foi seguida pela visita de um policial. O policial deu a ela duas semanas para fazer o trabalho ou comparecer no tribunal. O quintal dela estava estragando a rua, e talvez fosse até um risco à saúde.

Roosevelt, porém, fez uma visita a ela, sua vizinha Terry. Há sempre uma história por trás da porta, e ele descobriu uma história triste. Ela havia acabado de passar por um divórcio turbulento, estava se recuperando de uma cirurgia, trabalhando no turno da noite no hospital e fazendo horas extras para conseguir se sustentar. Seu único filho estava servindo no Iraque. Terry estava no “modo de sobrevivência”: sozinha, doente e exausta. Cuidar da grama? Era a última das suas preocupações.

Então, Roosevelt recrutou vários vizinhos, e as famílias passaram uma manhã de sábado colocando as coisas em ordem. Eles cortaram os arbustos

e galhos e tiraram uma dúzia de sacos de folhas. Alguns dias depois, Terry mandou esta mensagem à diretoria da associação de proprietários:

Prezados Senhores:

Espero que vocês possam informar à vizinhança sobre o maravilhoso grupo de vizinhos que tenho. Esses vizinhos trabalharam de maneira altruísta no meu quintal.

Os atos deles me encorajaram e me fizeram lembrar que ainda existem pessoas compassivas morando aqui, pessoas que se importam o suficiente para estender a mão para estranhos no seu momento de necessidade, a fim de ajudar a diminuir o seu fardo. Esses moradores devem ser elogiados, e não posso expressar de maneira adequada o quanto sou grata por seu trabalho árduo, sua atitude positiva e seu entusiasmo. Isso é ainda mais impressionante se levarmos em consideração que meu avô era um rabino e que tenho uma mezuzá na minha porta da frente!

A resposta de Roosevelt foi cristã. Em vez de ver as pessoas como problemas, Cristo as via como oportunidades.

Podemos considerar mais alguns momentos “do tipo Cornélio”?

Você e seus colegas entram na lanchonete, carregando suas bandejas com o almoço. Quando se sentam à mesa, um dos caras bate no seu ombro e diz: “Dê uma olhada no garoto novo.” Você não tem dificuldade em localizá-lo. Ele é o único aluno que está usando um turbante. Seu amigo faz esta observação irônica: “Ele ainda está usando a toalha depois do banho.”

Você mesmo poderia ter feito uma piada, mas ontem o pastor contou a história de Pedro e Cornélio e leu este versículo: “Deus me mostrou que ele não acha que ninguém é impuro ou inadequado” (Atos 10:28, *A Mensagem*).

Humm.

O sujeito na mesa ao lado usa botas, masca tabaco e dirige uma picape. Você usa alpargatas, come comida saudável e dirige um carro popular, exceto às sextas-feiras, quando vai de bicicleta para o trabalho. Ele faz piadas racistas. Será que ele não percebe que você é negro? Ele tem a imagem de uma piada racista como fundo de tela. O seu tataravô foi um escravo. Você adoraria ficar longe desse supremacista branco.

Mas o estudo bíblico desta manhã incluía este desafio: “Deus me mostrou que eu não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum” (v. 28).

E agora, o que você vai fazer?

E mais uma coisa: você é o administrador de um orfanato. Ao cuidar das certidões de nascimento, você se depara com uma palavra perturbadora: *ilegítimo*. Ao pesquisar um pouco mais, você descobre que essa palavra é um rótulo permanente, que nunca será removido da certidão.

Foi isso que Edna Gladney descobriu. E ela não conseguia suportar a ideia. Se *legítimo* significa legal, permitido e válido, o que significa *ilegítimo*? Você pode imaginar viver com um rótulo como este?

A Sra. Gladney não podia. Foram necessários três anos, mas, em 1936, ela intercedeu com êxito junto à legislatura do Texas para retirar o termo das certidões de nascimento.⁴

Deus nos chama para mudar a maneira como olhamos para as pessoas. Não para vê-las como gentios ou judeus, como os que estão dentro ou fora, como liberais ou conservadores. Para não rotularmos. Rotular é difamar. “De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideramos do ponto de vista humano” (2Coríntios 5:16).

Vamos ver as pessoas de maneira diferente; vamos vê-las como vemos a nós mesmos. Marcados, talvez. Inacabados, certamente. Mas uma vez resgatados e restaurados, podemos jorrar luz, como as janelas com vitrais coloridos do meu escritório.

Meu irmão encontrou essas janelas em um monte de um ferro-velho. Alguma igreja as havia jogado fora. Dee, um carpinteiro habilidoso, pediu para ficar com elas. Ele pintou novamente a madeira lascada e consertou a moldura gasta. Fechou algumas das rachaduras no vidro colorido. As janelas não estão perfeitas. Mas, se forem suspensas em um lugar onde o sol possa passar através delas, elas jorrarão uma luz multicolorida na sala.

Ao longo da vida, você e eu vamos nos deparar com algumas pessoas jogadas fora. Descartadas. Às vezes, jogadas fora por uma igreja. E temos de escolher. Vamos negligenciá-las ou resgatá-las? Rotulá-las ou amá-las? Sabemos qual é a escolha de Jesus. Simplesmente, veja o que ele fez conosco.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Qual era a ordem hierárquica na sociedade na época em que você era criança? E hoje? Quem está no topo, quem está por baixo, e onde está você nessa ordem?
2. Em que situações você ouviu rótulos ofensivos? Você já se surpreendeu fazendo isso inadvertidamente? Como você pode ser um líder da mudança neste ambiente?
3. Relembre uma época em que você estava em uma situação semelhante à de Pedro em Atos 10. Quando os costumes ou comportamentos de outra cultura ou raça fizeram você se sentir desconfortável ou foram, até mesmo, ofensivos para você? Qual seria a sua reação se Deus o chamasse para assumir os hábitos e práticas de outro grupo para que você pudesse alcançá-los?
4. Por que Cornélio não tinha a “aparência certa”, embora fosse um seguidor de Cristo? Que julgamentos superficiais as pessoas usam hoje para medir a espiritualidade?
5. Como você poderia dedicar um tempo de sua vida a alguns cristãos marginalizados?

Capítulo 5

A MULHER COM O FLUXO DE SANGUE

Jesus foi com ele. Uma grande multidão o seguia e o comprimia. E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia. Ela padecera muito sob o cuidado de vários médicos e gastara tudo o que tinha, mas, em vez de melhorar, piorava. Quando ouviu falar de Jesus, chegou por trás dele, no meio da multidão, e tocou em seu manto, porque pensava: “Se eu tão-somente tocar em seu manto, ficarei curada.” Imediatamente cessou sua hemorragia e ela sentiu em seu corpo que estava livre do seu sofrimento.

No mesmo instante, Jesus percebeu que dele havia saído poder, virou-se para a multidão e perguntou: “Quem tocou em meu manto?”

Responderam os seus discípulos: “Vês a multidão aglomerada ao teu redor e ainda perguntas: ‘Quem tocou em mim?’”

Mas Jesus continuou olhando ao seu redor para ver quem tinha feito aquilo. Então a mulher, sabendo o que lhe tinha acontecido, aproximou-se, prostrou-se aos seus pés e, tremendo de medo, contou-lhe toda a verdade. Então ele lhe disse: “Filha, a sua fé a curou! Vá em paz e fique livre do seu sofrimento.”

— MARCOS 5:24-34

UM PRESSENTIMENTO LOUCO E UMA GRANDE ESPERANÇA

UM RELÓGIO NÃO É O TIPO DE PRESENTE DE NATAL que entusiasma um garoto de oito anos, mas eu disse obrigado mesmo assim e o levei para o meu quarto. Coloquei o relógio na mesa de cabeceira e o liguei na tomada.

Era um relógio quadrado. Ele não tinha números que se mexiam — ele tinha mãos que giravam. Ele não tocava fitas nem CDs, mas, ao longo dos anos, começou a fazer um barulho leve e tranquilizante que podia ser ouvido quando o quarto estava em silêncio.

Hoje você pode comprar relógios que reproduzem som de chuva quando você vai dormir e que soam como a voz da sua mãe quando é hora de acordar. Mas aquele não. O alarme dele podia fazer os cachorros latirem. Esqueça os botões “Soneca”. Simplesmente pegue-o e jogue-o do outro lado do quarto. Era um modelo do tipo “Neandertal”. Ele não valeria cinquenta centavos em um brechó nestes dias de relógios digitais e alarmes musicais.

Mas, ainda assim, com o tempo, eu me apeguei a ele. As pessoas geralmente não ficam sentimentais com relação a relógios elétricos, mas eu fiquei com relação a este. Não por causa da sua precisão; ele estava sempre um pouco atrasado. Nem pelo barulhinho, com o qual eu não me importava. Eu gostava dele por causa da luz.

Aquele relógio brilhava no escuro.

O dia inteiro, todos os dias, ele absorvia a luz. Ele sugava a luz do sol. As mãos eram pequenas varetas que marcavam o tempo e absorviam a luz do sol. E quando a noite chegava, o relógio estava pronto. Quando eu apagava a luz para dormir, o pequeno relógio ligava a sua luz e brilhava. Não era muita luz, mas quando o seu mundo está escuro, apenas um pouco parece muito.

Era mais ou menos como a luz que uma mulher recebeu quando encontrou Jesus.

Não sabemos o nome dela, mas sabemos a sua situação. O mundo dela era escuro como a meia-noite. Negro a ponto de, nele, ter de se tatear no escuro em busca de ajuda. Leia estes três versículos e veja o que quero dizer:

Uma grande multidão o seguia e o comprimia. E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia. Ela padecera muito sob o cuidado de vários médicos e gastara tudo o que tinha, mas, em vez de melhorar, piorava. (Marcos 5:24-26)

Ela era uma cana quebrada: “havia doze anos vinha sofrendo”, “padecera muito”, “gastara tudo o que tinha” e “piorava”.

Um distúrbio menstrual crônico. Um fluxo de sangue contínuo. Uma condição assim seria difícil para qualquer mulher em qualquer época. Mas, para uma judia, nada podia ser pior. Nenhuma parte de sua vida deixou de ser afetada.

Sexualmente... ela não podia tocar no seu marido.

Maternalmente... ela não podia ter filhos.

Domesticamente... qualquer coisa que ela tocasse era considerada imunda.

Nada de lavar louças. Nada de varrer o chão.

Espiritualmente... ela era impedida de entrar no templo.

Ela estava fisicamente exausta e lançada em um ostracismo social.

Ela havia procurado ajuda “sob o cuidado de vários médicos” (v. 26). O Talmude oferece nada menos do que onze curas para essa condição. Sem dúvida, ela havia tentado todas elas. Algumas eram tratamentos legítimos. Outras, como levar as cinzas de um ovo de avestruz em um pano de linho, eram superstições vazias.

Ela “gastara tudo o que tinha” (v. 26). A soma do fardo financeiro sobre o fardo do sofrimento físico só tornava a situação ainda pior. Um amigo que luta contra o câncer me disse que a perseguição dos credores exigindo pagamentos para o tratamento médico em andamento é tão devastadora quanto a dor.

“Em vez de melhorar, piorava” (v. 26). Ela era uma cana quebrada. Acordava todos os dias em um corpo que ninguém queria. Estava reduzida a uma última oração. E, no dia em que a encontramos, ela estava a ponto de fazer essa oração.

Quando ela chega perto de Jesus, ele está cercado de pessoas. Jesus está indo ajudar a filha de Jairo, o homem mais importante da comunidade. Quais são as probabilidades de que ele interrompa uma missão urgente em favor de um alto oficial para ajudar alguém como ela? Muito poucas. Mas quais são as probabilidades de que ela sobreviva se não se arriscar? Menores ainda. Então, ela se arrisca.

“Se eu tão somente tocar em seu manto, ficarei curada” (v.28).

Era uma decisão arriscada. Para tocá-lo, ela terá de tocar nas pessoas. Se algum deles a reconhecer... olá repreensão, adeus cura. Mas que escolha ela tem? Ela não tem dinheiro, influência, amigos, soluções. Tudo o que tem é um pressentimento louco de que Jesus pode ajudar e uma grande esperança de que ele o fará.

Talvez, isso seja também tudo que você tem: um pressentimento louco e uma grande esperança. Você não tem nada para dar. Mas você está sofrendo. E tudo que você tem a oferecer a Jesus é a sua dor.

Talvez, isso tenha impedido você de vir a Deus. Sim, você deu um passo ou dois na direção dele. Mas, depois, viu as outras pessoas que o cercavam. Elas pareciam tão puras, tão limpas, tão arrumadas e firmes em sua fé. E quando você as viu, elas o impediram de vê-lo. Então, você recuou.

Se isso descreve você, observe com atenção e veja que só uma pessoa foi elogiada naquele dia por ter fé. Não foi um ofertante rico. Não foi um seguidor leal. Não foi um mestre renomado. Foi uma mulher excomungada, atingida pela vergonha, sem dinheiro, que se agarrou ao seu pressentimento de que Jesus podia e à sua esperança de que ele o faria.

Por falar nisso, essa não é uma má definição de fé: *uma convicção de que ele pode e uma esperança de que ele o fará*. Parece semelhante à definição de fé dada pela Bíblia. “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (Hebreus 11:6).

Não é muito complicado, é? A fé é a convicção de que Deus é real e de que ele é bom. A fé não é uma experiência mística, uma visão à meia-noite ou uma voz na floresta... é uma escolha de crer que aquele que criou tudo não abandonou tudo, e que ele ainda envia luz às sombras e responde a gestos de fé.

Não havia nenhuma garantia, é claro. Ela esperava que Jesus respondesse... ela ansiava por isso... mas não sabia se ele o faria. Tudo que ela sabia era que ele estava lá e que era bom. Isso é fé.

A fé não é a convicção de que Deus fará o que você quer. A fé é a convicção de que Deus fará o que é certo.

“Bem-aventurados os pobres sujos, que não têm nada para dar, encurralados em um canto, necessitados, doentes”, disse Jesus, “porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:6, tradução do autor).

A economia de Deus é totalmente invertida, de ponta a cabeça (ou ela está certa, e a nossa é que está virada ao contrário!). Deus diz que quanto mais desesperadora for a sua situação, mais provável é a sua salvação. Quanto mais escuro o quarto, maior a necessidade de luz.

O que nos leva de volta ao meu relógio. Quando era dia, eu nunca apreciava a capacidade do meu pequeno relógio de brilhar no escuro. Mas quando as sombras aumentavam, também aumentava a minha gratidão.

Uma mulher saudável nunca teria apreciado o poder de um toque na barra das vestes de Jesus. Mas esta mulher estava doente... E quando o seu dilema se encontrou com a dedicação dele, um milagre aconteceu.

A participação da mulher na cura foi muito pequena. Tudo que ela fez foi estender o braço em meio à multidão.

— Se eu apenas puder tocá-lo.

O que importa não é a forma do esforço, mas o fato do esforço. O fato é que ela fez alguma coisa. Ela se recusou a se contentar com a doença por mais um dia e decidiu tomar uma atitude.

A cura começa quando fazemos alguma coisa. A cura começa quando estendemos a mão. A cura começa quando damos um passo.

A ajuda de Deus está próxima e sempre disponível, mas só é dada àqueles que a buscam. A apatia não gera nenhum resultado. A grande obra desta história é a poderosa cura que ocorreu. Mas a grande verdade é que a cura começou com o toque daquela mulher. E com aquele pequeno e corajoso gesto, ela experimentou o afetuoso poder de Jesus.

Comparada à parte de Deus, a nossa parte é minúscula, mas necessária. Não temos de fazer muito, *mas temos de fazer alguma coisa.*

Escrever uma carta.

Pedir perdão.

Ligar para um conselheiro.

Confessar.

Ligar para a mamãe.

Ir ao médico.

Ser batizado.

Alimentar uma pessoa faminta.

Orar.

Ensinar.

Ir.

Faça algo que demonstre fé. Pois fé sem esforço não é fé. *Deus responderá*. Ele nunca rejeitou um gesto genuíno de fé. Jamais.

Deus honra a fé radical, que se arrisca.

Quando arcas são construídas, vidas são salvas. Quando soldados marcham, Jericós desmoronam. Quando cajados são erguidos, os mares ainda se abrem. Quando um almoço é dividido, milhares são alimentados. E quando uma veste é tocada — seja pela mão de uma mulher anêmica na Galileia ou pelas orações de um mendigo em Bangladesh — Jesus para. Ele para e responde.

Marcos pode lhe dizer isso. Quando aquela mulher tocou em Cristo, duas coisas que não aconteceram em nenhum outro lugar na Bíblia ocorreram. E Marcos registrou as duas.

Em primeiro lugar, Jesus a curou antes mesmo de saber que a estava curando. O poder saiu dele de modo automático e instantâneo. É como se o Pai tivesse feito um curto-circuito no sistema e a divindade de Cristo estivesse um passo à frente da humanidade dele.

A necessidade dela exigia a ajuda dele. Sem luzes de neon ou gritos. Sem agitação. Sem sons de trombetas. Sem comoção. Sem barulho. Apenas ajuda.

Assim como o meu quarto escuro extraía a luz do meu relógio, o nosso mundo escuro extrai a luz de Deus.

Em segundo lugar, ele a chama de *filha*. “Filha, a sua fé a curou” (Marcos 5:34). É a única vez que Jesus chama *qualquer* mulher em *qualquer* lugar de filha. Imagine como isso a fez se sentir! Quem podia se lembrar da última vez que ela recebera uma expressão de carinho? Quem sabia qual fora a última vez que olhos bondosos haviam se encontrado com os olhos dela?

Leon Tolstoi, o grande escritor russo, contou sobre a vez em que ele estava andando por uma rua e passou por um mendigo. Tolstoi enfiou a mão no bolso para dar algum dinheiro ao mendigo, mas seu bolso estava vazio. Então ele se virou para o homem e disse: “Sinto muito, meu irmão, mas não tenho nada para dar.”

O mendigo se iluminou e disse: “Você me deu mais do que pedi — você me chamou de irmão.”

Para os que são amados, uma palavra de afeto é uma migalha, mas para os que estão carentes de amor, uma palavra de afeto pode ser um banquete.

E Jesus deu um banquete para aquela mulher.

A tradição conta que ela nunca se esqueceu do que Jesus fez. A lenda afirma que ela ficou com Jesus e o seguiu enquanto ele carregava a cruz ao subir o Calvário. Alguns acreditam que ela era Verônica, a mulher que percorreu o caminho até a cruz com ele. E quando o suor e o sangue estavam fazendo seus olhos arderem, ela limpou sua testa.

Ela, em um momento de grande necessidade, recebeu o toque dele — e ele, em um momento de dor, recebeu o dela. Não sabemos se a lenda é verdadeira, mas sabemos que poderia ser. E não sei se o mesmo aconteceu com você, mas sei que pode acontecer.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Qual era o pressentimento louco e a grande esperança da mulher de Marcos 5? Em termos específicos, como ela pode ser um exemplo hoje?
2. Discuta a definição de fé de Max: “Uma convicção de que Deus pode e uma esperança de que ele o fará.”
3. Max escreveu: “Fé não é a convicção de que Deus fará o que você quer. Fé é a convicção de que Deus fará o que é certo.” Como isso deve mudar a sua maneira de orar? Por quê?
4. É verdade que “fé sem esforço não é fé”? Explique sua resposta.
5. O que há de significativo no fato de Jesus ter chamado a mulher aflita de “filha”? Isso significa alguma coisa no que se refere ao seu relacionamento pessoal com Jesus?

Capítulo 6

FILIPPE

O eunuco disse: “Olhe, aqui há água. Que me impede de ser batizado?”

Disse Filipe: “Você pode, se crê de todo o coração.”

— ATOS 8:36,37

EXPLODA ALGUMAS MURALHAS

OS FÃS TORCIAM PELA COMPETIÇÃO. As animadoras de torcida alternavam sua preferência. O treinador ajudava o time oponente a fazer pontos. Os parentes gritavam pelos competidores.

O que era aquilo?

Era a ideia original de um treinador de futebol americano de Grapevine, Texas, que tinha um grande coração. Kris Hogan comanda o time de sucesso da Escola Secundária Faith Christian. Ele tem setenta jogadores, onze técnicos, equipamento de qualidade, além de pais que se importam, fazem bandeiras, frequentam reuniões para animar o time e não perderiam nenhum jogo, ainda que fosse para ir ao próprio funeral.

Eles levaram seu time vitorioso para uma competição com a Escola Estadual de Gainesville. Os jogadores da Gainesville, ao contrário, usam ombreiras que têm sete anos de idade, capacetes da década passada e aparecem em cada jogo usando algemas. Os pais deles não assistem aos jogos, mas doze policiais uniformizados assistem. Isso porque Gainesville é uma instituição correcional de segurança máxima.

A escola não possui um estádio, uma equipe de animadoras de torcida, nem meia esperança de vencer. Gainesville estava perdendo de 0 a 8

no jogo contra a Grapevine. Eles haviam marcado dois gols durante o ano inteiro.

Toda aquela situação não parecia justa. Então, o treinador Hogan arquitetou um plano. Ele pediu aos fãs para atravessarem o campo, e, apenas por uma noite, torcerem pelo outro lado. Mais de duzentos se ofereceram como voluntários.

Eles formaram uma linha de 36 metros. Pintaram “Vamos lá, Tornados!” em uma bandeira que a equipe de Gainesville poderia agitar. Eles se sentaram do lado do estádio onde ficava o time de Gainesville. Eles até aprenderam os nomes dos jogadores de Gainesville para poderem gritar.

Os prisioneiros já tinham ouvido as pessoas gritarem os seus nomes, mas nunca daquela maneira. Gerald, um atacante que vai ficar detido por três anos, disse: “As pessoas têm um pouco de medo de nós quando chegamos para os jogos. Pode-se ver isso nos olhos delas. Elas olham para nós como criminosos. Mas essas pessoas, elas estavam torcendo por nós e nos chamando pelos nossos nomes!”

Depois do jogo, os times se reuniram no meio do campo para orar. Um dos jogadores presos pediu para dirigir a oração. O treinador Hogan concordou, sem saber o que esperar. “Senhor”, disse o garoto, “não sei como isto aconteceu, então não sei como dizer obrigado, mas eu nunca saberia que existem tantas pessoas no mundo que se importam conosco.”

Os fãs da Grapevine não haviam terminado. Depois do jogo, eles esperaram ao lado do ônibus do Gainesville para dar a cada jogador um presente de despedida — hambúrgueres, batatas-fritas, doces, refrigerantes, uma Bíblia, uma carta de encorajamento e aplausos. Quando o ônibus da prisão deixou o estacionamento, os jogadores pressionaram seus rostos deslumbrados contra as janelas e ficaram se perguntando o que havia acabado de acontecer com eles.

Eis o que aconteceu: uma equipe de especialistas em demolição de intolerância. A missão deles? Explodir o preconceito e transformá-lo em

poeira. Suas armas? Fogo cerrado de “Você ainda é importante” e “Alguém ainda se importa.” A tarefa deles? Destruir as barricadas que separam os filhos de Deus uns dos outros.

Alguma muralha divide o seu mundo ao meio? Ali está você, de um lado. E do outro? A pessoa a quem você aprendeu a desconsiderar, talvez até a desdenhar. O adolescente com aquelas tatuagens. O chefe com a grana. O imigrante com o sotaque difícil de entender. A pessoa do outro lado da cerca em termos de política. O mendigo que fica sentado do lado de fora da igreja todas as semanas.

Ou os samaritanos do lado de fora de Jerusalém.

Isso é que é muralha! Antiga e alta. “Os judeus”, como João escreveu no seu Evangelho, “não se dão bem com os samaritanos” (João 4:9). As duas culturas se odiavam havia mil anos. A rixa envolvia alegações de deserção, casamento misto e deslealdade com o templo. Os samaritanos estavam na lista negra. Suas camas e utensílios — até o escarro deles — eram considerados impuros. Nenhum judeu ortodoxo passaria por aquela região. A maioria dos judeus duplicaria com prazer a distância de sua viagem para não ter de atravessar Samaria.

Jesus, entretanto, se conduzia por um conjunto de regras diferente. Ele passou a melhor parte de um dia no terreno de uma mulher samaritana, bebendo água da sua concha, discutindo os problemas dela (João 4:1-26). Ele passou por cima do tabu cultural como se ele fosse um cachorro dormindo à porta. Jesus ama derrubar muralhas.

Foi por isso que ele enviou Filipe a Samaria.

Indo Filipe para uma cidade de Samaria, ali lhes anunciava o Cristo. Quando a multidão ouviu Filipe e viu os sinais milagrosos que ele realizava, deu unânime atenção ao que ele dizia. Os espíritos imundos saíam de muitos, dando gritos, e muitos paralíticos e mancos foram curados... quando Filipe lhes pregou as boas novas do Reino de Deus e

do nome de Jesus Cristo, creram nele, e foram batizados, tanto homens como mulheres. (Atos 8:5-7, 12)

A cidade irrompeu em um avivamento. Pedro e João ouviram falar sobre a reação e viajaram de Jerusalém até Samaria para confirmar o que estava acontecendo. “Estes, ao chegarem, oraram para que eles recebessem o Espírito Santo, pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo” (Atos 8:15-17).

Essa é uma curiosa reviravolta nos acontecimentos. Por que os samaritanos ainda não haviam recebido o Espírito Santo? No dia de Pentecostes, Pedro prometeu o dom do Espírito àqueles que se arrependessem e fossem batizados. Como então podemos explicar o batismo dos samaritanos que, de acordo com Lucas, não havia sido acompanhado pelo Espírito? Por que a demora em receber o dom?

É simples. Para celebrar a queda de uma muralha. O evangelho, pela primeira vez, estava quebrando uma tendência antiga. Deus marcou aquele momento com um desfile do tipo “parada militar”. Ele desenrolou o tapete de boas-vindas e enviou os seus apóstolos para constatarem o avivamento e impor as mãos sobre os samaritanos. Que toda dúvida seja desfeita: Deus aceita todas as pessoas.

Mas ele não havia terminado. Jesus enviou Filipe para uma segunda missão transcultural.

Um anjo do Senhor disse a Filipe: “Vá para o sul, para a estrada deserta que desce de Jerusalém a Gaza.” Ele se levantou e partiu. No caminho encontrou um eunuco etíope, um oficial importante, encarregado de todos os tesouros de Candace, rainha dos etíopes. Esse homem viera a Jerusalém para adorar a Deus e, de volta para casa, sentado em sua carruagem, lia o livro do profeta Isaías. E o Espírito

disse a Filipe: “Aproxime-se dessa carruagem e acompanhe-a.” (Atos 8:26-29)

Muralhas separavam Filipe do eunuco. Os etíopes tinham pele escura; Filipe era claro. O oficial era nativo da África distante; Filipe havia crescido ali por perto. O viajante era rico o suficiente para viajar. E quem era Filipe, senão um simples refugiado, banido de Jerusalém? E não ignore a delicada questão da diferença nos níveis de testosterona. Filipe, como vamos saber mais tarde, era pai de quatro meninas (Atos 21:9). O oficial era um eunuco. Não tinha mulher ou filhos, nem planos de ter nenhum deles. As vidas dos dois homens não poderiam ter sido mais diferentes.

Mas Filipe não hesitou. Ele “... começando com aquela passagem da Escritura, anunciou-lhe as boas novas de Jesus. Prosseguindo pela estrada, chegaram a um lugar onde havia água. O eunuco disse: ‘Olhe, aqui há água. Que me impede de ser batizado?’” (Atos 8:35-36)

Aquela não era uma questão de pouca importância. Um oficial negro, efeminado e influente da África volta-se para o cristão branco, simples e viril de Jerusalém e pergunta: “Existe algum motivo pelo qual eu não possa ter o que você tem?”

E se Filipe tivesse dito: “Agora que você tocou no assunto, sim. Sinto muito. Não aceitamos pessoas do seu tipo”?

Mas Filipe, membro fundador da equipe de demolição da intolerância, atravessou aquela muralha e convidou: “‘Você pode, se crê de todo o coração.’ O eunuco respondeu: ‘Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.’” (v. 37)

A próxima coisa que sabemos é que o eunuco está saindo das águas do batismo, assobiando “Jesus me Ama”, Filipe está pronto para a sua próxima missão e a Igreja tem o seu primeiro convertido não judeu.

E nós estamos um pouco tontos. O que fazer com um capítulo como este? Samaria. Pedro e João chegando. O Espírito Santo falhando. Gaza. O

oficial etíope. Filipe. O que estes acontecimentos nos ensinam?

Eles nos ensinam como Deus se sente acerca da pessoa do outro lado do muro.

Ele derrubou o muro que usávamos para manter-nos separados... Em vez de continuar com dois grupos de pessoas, separados por séculos de animosidade e desconfiança, ele criou um novo tipo de ser humano, um novo começo para todos.

Mas Cristo nos uniu por meio da sua morte na cruz. A cruz nos leva a abraçar uns aos outros, e faz cessar a hostilidade. (Efésios 2:14-16, *A Mensagem*)

A cruz de Cristo cria um novo povo, um povo que não é separado pela cor da pele ou pela rixa familiar. Uma nova cidadania fundamentada não na ancestralidade comum ou na geografia, mas em um Salvador comum.

Meu amigo Buckner Fanning experimentou isso em primeira mão. Ele era fuzileiro naval na Segunda Guerra Mundial e serviu em Nagasaki três semanas depois do lançamento da bomba atômica. Você pode imaginar um jovem soldado norte-americano entre os destroços e as ruínas da cidade destruída? Vítimas queimadas pela radiação perambulavam pelas ruas. Partículas radioativas choviam sobre a cidade. Corpos queimavam a ponto de ficarem negros. Sobreviventes se misturavam pelas ruas, procurando por suas famílias, comida e esperança. O soldado vencedor sentindo não a vitória, mas a dor pelo sofrimento que o cercava.

Em vez de raiva e vingança, Buckner encontrou um oásis de graça. Enquanto patrulhava as ruas estreitas, ele se deparou com um cartaz que continha uma frase em inglês: Igreja Metodista. Ele anotou o endereço e decidiu voltar no domingo seguinte pela manhã.

Quando voltou no domingo, entrou em uma estrutura parcialmente demolida. Janelas quebradas. Paredes tortas. O jovem fuzileiro naval passou pelo entulho, inseguro quanto à maneira como seria recebido.

Cerca de quinze japoneses estavam arrumando cadeiras e removendo entulho. Quando o norte-americano uniformizado entrou no meio deles, eles pararam e se viraram.

Ele só sabia uma palavra em japonês. E ele a ouviu. *Irmão*. “Eles me receberam como a um amigo”, relata Buckner, com o poder daquele momento ainda ecoando mais de sessenta anos depois dos acontecimentos. Eles lhe ofereceram uma cadeira. Ele abriu sua Bíblia e, sem entender o sermão, sentou-se e observou. Durante a Santa Ceia, os adoradores levaram os elementos até ele. Naquele momento silencioso, a inimizade de suas nações e a dor da guerra foram colocadas de lado, enquanto um cristão servia ao outro o corpo e o sangue de Cristo.

Outra muralha desabou.

Que muralhas existem em seu mundo?

Brian Overcast está derrubando muralhas em Morelia, no México. Como diretor do Centro NOÉ, New Opportunities in Education [Novas Oportunidades em Educação], Brian e sua equipe tratam do problema da imigração ilegal a partir de um ângulo exclusivo. Os membros da equipe me disseram recentemente: “Os mexicanos não querem atravessar a fronteira. Se pudessem ficar em casa, eles o fariam. Mas eles não podem porque não conseguem empregos. Então nós lhes ensinamos inglês. Com habilidade em inglês, eles podem ser aceitos em uma das universidades de baixo custo do México e encontrar uma carreira em sua terra. Os outros veem imigrantes ilegais; nós vemos oportunidades.”

Outra muralha foi derrubada.

Não podemos prolongar nossas vidas se não pudermos superar os nossos preconceitos. Quem são os seus samaritanos? Seus eunucos etíopes? De quem você aprendeu a desconfiar e a evitar?

É hora de remover alguns tijolos.

Dê boas-vindas ao dia em que Deus o levará à sua Samaria — que não está tão distante em quilômetros, mas que é diferente em termos de estilo, gosto, língua e tradição.

E se você encontrar um eunuco etíope, tão diferente, mas tão sincero, não rejeite essa pessoa. Não permita que a classe, a raça, o sexo, a inclinação política, a geografia ou a cultura dela impeçam a obra de Deus. Porque o fim da questão é este: quando nós atravessamos o campo e torcemos pelo outro lado, todos vencem.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Filipe foi a Samaria, e a graça de Deus explodiu as muralhas entre os judeus e os samaritanos. Max lhe pergunta: “Existem algumas muralhas que dividem o seu mundo?” Que divisões você vê dominando a sua cultura? Que regras não expressas de separação promovem um preconceito subconsciente? Há quanto tempo essa muralha está de pé? Quais são as causas? O que a mantém erguida?
2. Descreva a si mesmo com as categorias que Max usou para descrever Filipe (cor da pele, cidade natal, economia, relacionamentos etc.) Agora, descreva alguém que é totalmente o seu oposto nessas categorias. Cite alguém que você conhece e que se encaixe nesse perfil.
3. Como cristãos, como vivemos Gálatas 3:28-29 e apagamos as divisões entre nós? Onde tivemos êxito? Onde falhamos?
4. Como você poderia dizer a uma pessoa que está do outro lado de um muro de separação que ela importa para você? O que você poderia fazer para mostrar a essa pessoa que você se importa?
5. Seja sincero consigo mesmo em relação aos seus preconceitos. Passe algum tempo pensando sobre isso. Faça uma lista de grupos de pessoas acerca dos quais você tende a ser preconceituoso ou a rotular. Ore sobre esse pedaço de papel, pedindo a Deus para mudar o seu coração. Depois rasgue a

lista, abraçando a liberdade que encontramos quando temos olhos imparciais.

Capítulo 7
O PARALÍTICO

Poucos dias depois, tendo Jesus entrado novamente em Cafarnaum, o povo ouviu falar que ele estava em casa. Então muita gente se reuniu ali, de forma que não havia lugar nem junto à porta; e ele lhes pregava a palavra. Vieram alguns homens, trazendo-lhe um paralítico, carregado por quatro deles. Não podendo levá-lo até Jesus, por causa da multidão, removeram parte da cobertura do lugar onde Jesus estava e, pela abertura no teto, baixaram a maca em que estava deitado o paralítico. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Filho, os seus pecados estão perdoados.”

Estavam sentados ali alguns mestres da lei, raciocinando em seu íntimo: “Por que esse homem fala assim? Está blasfemando! Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?”

Jesus percebeu logo em seu espírito que era isso que eles estavam pensando e lhes disse: “Por que vocês estão remoendo essas coisas em seu coração? Que é mais fácil dizer ao paralítico: Os seus pecados estão perdoados, ou: Levante-se, pegue a sua maca e ande? Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico — “eu lhe digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”. Ele se levantou, pegou a maca e saiu à vista de todos, que, atônitos, glorificaram a Deus, dizendo: “Nunca vimos nada igual!”

— MARCOS 2:1-12

A COISA MAIS DIFÍCIL QUE DEUS JÁ FEZ

VAMOS FALAR POR UM INSTANTE SOBRE rompantes de amor.

Você já testemunhou *rompantes de sol*: a luz do sol atravessando uma floresta escura. Você já viu *rompantes de estrelas*: raios de luz pairando em meio ao céu da noite. E você ouviu *rompantes de energia*: energia bruta retumbando no silêncio. E você já sentiu *rompantes de amor*. Talvez não os tenha chamado assim, mas você os sentiu.

Rompantes de amor. Afeição instantânea. Momentos ternos de amor radiante. Devoção inflamada. Explosões de ternura. Posso fazer uma ilustração?

Você e seu marido estão em uma festa. Uma dessas festas em que as pessoas ficam de pé na sala de visitas, conversam e comem. Você está conversando com algumas mulheres, e seu marido está do outro lado da sala em um círculo de homens. O tópico no seu grupo são os maridos, e a opinião coletiva é negativa. As mulheres reclamam da quantidade de horas passadas no futebol, das meias sujas e das noites em que eles trabalham até tarde. Mas você está calada. Você fala pouco porque tem pouco a dizer. O sujeito com quem você se casou não é perfeito, mas também não é um chato. Na verdade, comparado àqueles homens, ele parece bastante especial. Ele trocou mais fraldas do que o esperado, e as chuteiras dele não saem do

armário desde que o último bebê nasceu. Você olha para o outro lado da sala para seu marido e sorri por causa da maneira como ele puxa a gravata que você o convenceu a colocar. Ele ainda é tão bonito quanto no dia em que se conheceram. Talvez um pouco mais barrigudo e com menos cabelo, mas você não vê isso. Tudo que vê é o homem que roubou seu coração. E você poderia ir até a China em um barco a remo para lhe dizer o quanto é feliz por ele ter feito isso.

Isso é um rompante de amor. Aqui vai outro.

Já faz muito tempo desde que você segurou um bebê nos braços. Já faz muito tempo desde a última vez que você esteve perto de um bebê. Mas, agora, você está sozinho com o bebê. Seus filhos o deixaram em sua casa para passar a noite, sua mulher correu até a loja para comprar leite, e agora estão somente você e seu neto. Ele só tem alguns dias e está mais empacotado do que os charutos que você distribuiu entre os seus amigos. Enquanto o nina em seus braços, você percebe que esta é a primeira vez que vocês dois ficam a sós. Com toda a agitação e os amigos no hospital, vocês não desfrutaram de um momento em particular — até agora. Então, você se senta na sua poltrona e o vira para poder ver o seu rosto. Você medita sobre o futuro, o futuro dele: os primeiros passos, o primeiro beijo, o futebol, a escola. Você imagina como será ser uma criança em um mundo no qual a dor parece estar em cada esquina.

Ao olhar dentro dos pequeninos olhos e para o nariz que foram herdados do outro lado da família, algo lhe causa um impacto. Do nada, você é atingido por um raio de devoção. De repente, você se conscientiza de que o inferno teria de passar por cima de você para agarrar este ser que leva o seu nome.

— Vai dar tudo certo — você ouve sua voz prometer ao menino que dorme. — Aconteça o que acontecer, simplesmente, lembre-se de que eu estou aqui. Vai ficar tudo bem.

Posso compartilhar mais um?

Você chegou em casa irritado porque um prazo final foi encurtado. Ela chegou em casa mal-humorada porque a diarista se esqueceu de dar o remédio de garganta à sua filha de cinco anos. Cada um de vocês queria um pouco de compreensão por parte do outro, mas nenhum dos dois a teve. Então, vocês se sentam à mesa do jantar — mal-humorados e irritados — com a pequena Emily. Emily cruza as mãos para orar (como lhe foi ensinado), e vocês dois curvam as cabeças (mas não o coração) e ouvem. De onde vem esta oração, só Deus sabe:

— Deus, aqui é a Emily. Como vai? Eu estou bem, obrigada. Mamãe e papai estão zangados. Não sei por que. Nós temos pássaros, brinquedos e purê de batatas, além de uns aos outros. Será que o Senhor pode fazer com que eles parem de ficar zangados um com o outro? Por favor, faça isso, do contrário vamos ser apenas eu e o Senhor que vamos nos divertir esta noite. Amém.

A oração é respondida antes mesmo de terminar. Vocês dois olham para cima e sorriem, sacudindo a cabeça e dizendo que sentem muito. E os dois agradecem a Deus pela pequena voz que lhes lembrou do que realmente importa.

Isso é o que os rompantes de amor fazem. Eles lembram a você o que realmente importa. É como um telegrama entregue na porta dos fundos familiar, dizendo-lhe para valorizar o tesouro que você tem enquanto ainda o tem. Um sussurro de um anjo, ou de alguém que soa como um anjo, lembrando a você que o que você tem é maior do que o que você deseja, e que o que é urgente nem sempre é o que importa.

Esses são rompantes de amor. Você os tem. Eu os tenho. E essa informação pode surpreender você: Jesus os tinha... muitos deles.

Um deles aconteceu quando Jesus encontrou um homem inválido. O homem não podia andar. Ele não podia ficar de pé. Seus membros eram encurvados e seu corpo era torto. Um mundo até a altura da cintura passava por ele enquanto ele ficava sentado e observava.

Talvez ele estivesse paralisado e tivesse o corpo tomado pela doença desde o nascimento. Enquanto as outras crianças pulavam e corriam, ele se esforçava para levar a colher à boca. Enquanto seus irmãos e irmãs falavam e cantavam, suas palavras escorregavam e ele gaguejava. Talvez, aquele homem nunca tivesse sabido o que é ser sadio.

Ou, talvez, tivesse. Talvez, ele um dia tivesse sido saudável. Será que houve um tempo em que ele era conhecido pela sua habilidade e não pela sua incapacidade? Será que houve um tempo em que ele podia vencer qualquer um em uma corrida? Será que houve um tempo em que ele era o mais forte do lugar? Será que houve um dia em que todas as crianças da aldeia queriam ser como ele?

E, então, veio a queda — uma queda de um despenhadeiro, talvez um tombo de uma escada. A dor em seu crânio era insuportável, mas o entorpecimento em suas pernas e braços era muito pior. Seus pés estavam pendurados como enfeites no fim de suas pernas. Suas mãos balançavam como mangas vazias que pendiam dos seus lados. Ele podia ver seus membros, mas não podia senti-los.

Quer ele tenha nascido paralítico ou tenha ficado paralítico, o resultado final era o mesmo: a total dependência dos outros. Alguém tinha de lavar seu rosto e banhar seu corpo. Ele não podia assoar o nariz ou dar um passeio. Quando ele corria, era nos seus sonhos, e, dos seus sonhos, ele sempre acordava e se deparava com um corpo que não podia virar de lado e voltar a dormir, por causa de toda a dor que o sonho da noite havia lhe causado.

“O que ele precisa é de um novo corpo”, qualquer homem com um mínimo de entendimento diria. O que ele precisa é de um Deus no céu para devolver o que a tragédia roubou: braços que se movem, mãos que seguram, pés que dançam.

Quando as pessoas olhavam para ele, não viam o homem. Viam um corpo que precisava de um milagre. Não foi isso que Jesus viu, mas era isso que as pessoas viam. E, com certeza, era isso que os seus amigos viam.

Então, eles fizeram o que qualquer um de nós faria por um amigo: tentaram ajudá-lo.

Correu a notícia de que um carpinteiro que-havia-se-tornado-mestre-e-que-agora-era-um-fazedor-de-milagres estava na cidade. E quando a notícia correu, as pessoas vieram. Elas vieram de todas as partes de Israel. Vieram como soldados voltando da batalha — aleijados, feridos, cegos. Os velhos com seus rostos franzidos como ameixas e suas bocas desdentadas. Os jovens com bebês surdos e corações partidos. Pais com filhos que não falavam. Esposas com ventres que não geravam fruto. O mundo, ao que parecia, tinha ido ver se ele era real, se estava certo, ou as duas coisas.

Quando seus amigos chegaram ao local, a casa estava cheia. As pessoas lotavam as entradas. Havia crianças sentadas nas janelas. Alguns espiavam por cima dos ombros dos outros. Como aquele pequeno grupo de amigos atrairia a atenção de Jesus? Eles precisavam fazer uma escolha: vamos entrar ou vamos desistir?

O que teria acontecido se os amigos tivessem desistido? E se eles tivessem dado de ombros e resmungado alguma coisa sobre a multidão ser muito grande e o jantar estar esfriando e tivessem dado meia-volta e ido embora? Afinal, eles haviam feito uma boa ação ao irem até aquele ponto. Quem poderia culpá-los por voltar? Você só pode ajudar alguém até certo ponto. Mas aqueles amigos ainda não haviam feito o bastante.

Um deles disse ter uma ideia. Os quatro se encurvaram sobre o parálítico e ouviram o plano de subir no telhado da casa, cortar as telhas e descer o amigo com os seus cintos.

Era arriscado — eles poderiam cair. Era perigoso — *ele* poderia cair. Era uma ação não ortodoxa — antissocial. Era uma invasão — Jesus estava ocupado. Mas era a única chance de verem Jesus. Então, eles subiram no telhado.

A fé faz essas coisas. A fé faz o inesperado. E a fé chama a atenção de Deus. Veja o que Marcos diz: “Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao parálítico: ‘Filho, os seus pecados estão perdoados’” (Marcos 2:5).

Finalmente, alguém confiou no que ele dizia! Quatro homens tiveram esperança suficiente nele e amor suficiente pelo seu amigo para se arriscarem. A maca no alto foi um sinal do alto: alguém acredita! Alguém estava disposto a correr o risco de sofrer constrangimento e de ser magoado apenas para estar alguns instantes com aquele galileu.

Jesus ficou comovido.

Como a esposa cheia de amor por seu marido barrigudo, mas precioso.

Como o avô determinado a proteger seu neto.

Como os pais tocados pela oração de sua filha.

Jesus foi tocado pela cena de fé. Então, ele aplaude — se não com as mãos, pelo menos com o coração. E ele não apenas aplaude, ele abençoa. E nós testemunhamos um rompante de amor divino.

Os amigos querem que ele cure o amigo deles. Mas Jesus não vai se contentar com uma simples cura do corpo — ele quer curar a alma. Ele passa por cima do físico e trata com o espiritual. Curar o corpo é temporal; curar a alma é eterno.

O pedido dos amigos é válido — mas tímido. As expectativas da multidão são altas — mas não o suficiente. Eles esperam que Jesus diga: “Eu curo você.” Em vez disso, ele diz: “Eu perdoo você.”

Eles esperam que Jesus trate o corpo, pois é isso que eles enxergam.

Ele opta por tratar não apenas do corpo, mas também do espiritual, pois é isso que ele vê.

Eles querem que Jesus dê ao homem um novo corpo para que ele possa andar. Jesus dá graça para que o homem possa viver.

É notável. Às vezes, Deus fica tão tocado com o que vê que nos dá o que precisamos, e não simplesmente aquilo que pedimos.

Isso é uma coisa boa. Pois quem teria pensado em pedir a Deus o que ele nos dá? Qual de nós teria ousado dizer: “Deus, o Senhor poderia se colocar em um instrumento de tortura no meu lugar por cada erro que já cometi?” E depois teria a audácia de acrescentar: “E depois de me perdoar, o

Senhor poderia me preparar um lugar na sua casa, onde eu pudesse viver para sempre?”

E se isso não bastasse: “E poderia, por favor, viver dentro de mim e me proteger, guiar e abençoar com mais do que eu jamais poderia merecer?”

Sinceramente, será que teríamos a cara de pau de pedir isso? Não, nós, assim como aqueles amigos, só teríamos pedido as coisas menores.

Teríamos pedido coisas pequenas como uma vida longa, um corpo saudável e um bom emprego. Esses são grandes pedidos do nosso ponto de vista, mas, do ponto de vista de Deus, pedir essas coisas é como ficar com a bicicleta quando ele nos oferece uma limusine.

Então, sabendo que o paralítico não tinha conhecimento suficiente para pedir o que precisava, Jesus o deu assim mesmo: “Filho, os seus pecados estão perdoados” (v. 5).

Os fariseus começaram a murmurar. Isso não é kosher. Até um judeu iniciante sabe que “Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?” (v. 7)

A murmuração deles provoca uma das maiores perguntas de Cristo: “Que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os seus pecados estão perdoados’ ou: ‘Levante-se, pegue a sua maca e ande?’” (v.9)

Responda você à pergunta. O que é mais fácil para Jesus? Perdoar uma alma ou curar um corpo? O que causou menos dor em Jesus, dar saúde àquele homem ou dar a ele o céu?

Para curar o corpo do homem foi preciso uma simples ordem; para perdoar os pecados do homem foi necessário o sangue de Jesus. O primeiro ato foi feito na casa dos amigos; o segundo em um monte com ladrões. Um exigiu uma palavra; o outro exigiu o seu corpo. Um levou um instante; o outro levou sua vida.

Qual deles foi mais fácil?

O seu amor por aquele grupo de amigos de fé foi tão grande que ele foi além do pedido deles e foi direto para a cruz.

Jesus já sabe qual é o preço da graça. Ele já sabe qual é o preço do perdão. Mas ele os oferece mesmo assim. O amor irrompe em seu coração.

Por falar nisso, ele não mudou. O que aconteceu naquele tempo acontece hoje. Quando damos um passo de fé, Deus vê. O mesmo rosto que brilhou sobre o paralítico brilha sobre o alcoólatra que recusa a garrafa. Os mesmos olhos que dançaram sobre os amigos dançam sobre a mãe e o pai que fazem o que for preciso para levar seu filho a Jesus. E os mesmos lábios que falaram com o homem em Cafarnaum falam com o homem em Detroit, com a mulher em Belfast, com a criança em Moscou... com qualquer pessoa em qualquer lugar que ouse entrar na presença de Deus e pedir ajuda.

E embora não possamos ouvi-lo aqui, os anjos podem ouvi-lo lá. Todo o céu deve parar enquanto outro rompante de amor declara as únicas palavras que realmente importam: “Os seus pecados estão perdoados.”

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Max escreve que os rompantes de amor o fazem lembrar que “o que você tem é maior do que o que você quer, e que o que é urgente nem sempre é o que importa.” Como os rompantes de amor fazem isso? Cite alguns exemplos de sua própria vida nos quais você viu esse princípio em operação.
2. Se os amigos do homem paraplégico tivessem desistido quando viram a casa cheia, o que você acha que teria acontecido com ele? Você tem alguns amigos que iriam tão longe para ajudá-lo quanto os amigos daquele homem foram por ele? Você é um amigo assim?
3. Max escreve: “A fé faz o inesperado. E a fé chama a atenção de Deus.” Enquanto agia por fé, você já fez o inesperado? Nesse caso, o que aconteceu?
4. Comente a seguinte afirmação: “Eles querem que Jesus dê um novo corpo ao homem para que ele possa andar. Jesus dá graça para que o homem possa viver.” Que implicações isso tem em nossa vida diária?
5. Você está feliz porque Deus costuma ultrapassar os nossos pedidos e nos dar, em vez deles, o que precisamos? Explique.

Capítulo 8

NOÉ

Passados quarenta dias, Noé abriu a janela que fizera na arca. Esperando que a terra já tivesse aparecido, Noé soltou um corvo, mas este ficou dando voltas. Depois soltou uma pomba para ver se as águas tinham diminuído na superfície da terra. Mas a pomba não encontrou lugar onde pousar os pés porque as águas ainda cobriam toda a superfície da terra e, por isso, voltou para a arca, a Noé. Ele estendeu a mão para fora, apanhou a pomba e a trouxe de volta para dentro da arca. Noé esperou mais sete dias e soltou novamente a pomba. Ao entardecer, quando a pomba voltou, trouxe em seu bico uma folha nova de oliveira. Noé então ficou sabendo que as águas tinham diminuído sobre a terra.

— GÊNESIS 8:6-11

QUANDO NÃO HÁ MUITA ESPERANÇA

ÁGUA. É TUDO O QUE NOÉ PODE VER. O sol da tarde se põe sob a água. As nuvens são refletidas nela. O seu barco está cercado por ela. Água. Água ao norte. Água ao sul. Água a leste. Água a oeste. Água.

Tudo que Noé pode ver é água.

Ele não consegue se lembrar de quando conseguia ver outra coisa que não fosse água. Ele e os rapazes mal haviam empurrado o último hipopótamo rampa acima quando o céu abriu mil hidrantes de água. Dentro de alguns instantes o barco estava balançando, e, por dias, a chuva continuou caindo, e por semanas Noé ficou se perguntando: “*Quanto tempo isto vai durar?*” Choveu durante quarenta dias. Durante meses, eles flutuaram. Durante meses, eles comeram a mesma comida, sentiram o mesmo cheiro e olharam para os mesmos rostos. Depois de certo ponto, as pessoas começam a ficar sem ter o que dizer umas às outras.

Finalmente, o barco deu um solavanco e parou de balançar. A Sra. Noé deu uma olhada para o Sr. Noé, e Noé empurrou a janela e enfiou a cabeça para fora. O casco da arca estava pousado no chão, mas o chão ainda estava cercado de água.

— Noé, — ela gritou para ele — o que você está vendo?

— Água.

Ele enviou um corvo em uma missão de exploração; ele não voltou. Ele enviou uma pomba. Ela voltou, tremendo e exausta, sem ter encontrado um lugar para pousar. Então, naquela manhã, ele tentou novamente. Tirou uma pomba do fundo da arca e subiu a escada. O sol da manhã fez com que ambos franzissem os olhos. Quando ele beijou o peito do pássaro, sentiu um coração batendo. Se tivesse colocado a mão em seu peito, teria sentido outro. Com uma oração, ele a soltou e observou até que o pássaro não fosse maior do que um ponto na janela.

Durante o dia inteiro, ele esperou o retorno da ave. Entre uma tarefa e outra, ele abria a janela e procurava. Os rapazes queriam que ele brincasse de “coloque o rabo no burro”, mas ele recusou. Em vez disso, ele preferiu subir até o cesto da gávea e observar. O vento levantou seus cabelos grisalhos. O sol aqueceu seu rosto gasto pelo tempo. Mas nada elevava o seu coração pesado. Ele não havia visto nada. Nada pela manhã. Nada depois do almoço. Nada mais tarde.

Agora, o sol está se pondo e o céu escurecendo, e ele veio olhar uma última vez, mas tudo o que vê é água. Água ao norte. Água ao sul. Água a leste. Água a...

Você sabe o que se sente. Você já esteve como Noé. Você já passou pela sua cota de dilúvios. Inundado pela tristeza no cemitério, pelo estresse no escritório, pela raiva da deficiência no seu corpo ou da incapacidade do seu cônjuge. Você viu o nível da inundação subir e, provavelmente, viu o sol se pôr sobre as suas esperanças também. Você já esteve no barco de Noé.

E você precisou do que Noé precisava; de um pouco de esperança. Você não está pedindo um resgate de helicóptero, mas o som de um se aproximando realmente seria bom. A esperança não promete uma solução instantânea, mas, sim, a possibilidade de uma solução eventual. Algumas vezes, tudo que precisamos é de um pouco de esperança.

Isso era tudo de que Noé precisava. E foi tudo que Noé recebeu.

O velho marujo olha para o sol cortado ao meio pelo horizonte. Ele não poderia imaginar uma visão mais bela. Mas ele daria essa visão e outras cem mais em troca de um acre de terra seca e um cacho de uvas. A voz da Sra. Noé lhe recorda de que o jantar está na mesa e que ele deve trancar a janela, e ele está pronto para dar o dia por terminado quando ouve o arrulhar da pomba. Eis como a Bíblia descreve este momento: “Ao entardecer, quando a pomba voltou, trouxe em seu bico uma folha nova de oliveira” (Gênesis 8:11).

Uma folha de oliveira. Noé teria ficado feliz em ter o pássaro de volta, mas aquela folha! Aquela folha era mais do que uma folhagem; era uma promessa. O pássaro trazia mais do que um pedaço de uma árvore; ele trazia esperança. E não é isso que a esperança é? A esperança é uma folha de oliveira — a prova de que há terra seca depois do dilúvio. A prova para o sonhador de que sonhar vale o risco.

Não amamos as folhas de oliveira da vida?

“Parece que o câncer está controlado.”

“Posso ajudar você com as suas finanças.”

“Vamos passar por isto juntos.”

E, mais, não amamos as pombas que as trazem? Quando o pai passa com seu filho pela sua primeira decepção amorosa, ele dá a ele uma folha de oliveira. Quando a esposa de muitos anos consola a esposa de alguns meses, quando ela lhe diz que os conflitos acontecem e que todos os maridos são mal-humorados e que as tempestades passam, você sabe o que ela está fazendo? Ela está lhe dando uma folha de oliveira.

Amamos as folhas de oliveira. E amamos aqueles que as dão a nós.

Talvez, seja esse o motivo pelo qual tantas pessoas amavam Jesus.

Ele fica ao lado da mulher que foi arrancada de um leito de promiscuidade. Ela ainda está tonta com a invasão. Uma porta escancarada, as cobertas arrancadas, e a fraternidade da polícia moral invade a casa. E,

agora, ali está ela. Noé não podia ver nada senão água. Ela não pode ver nada senão ódio. Ela não tem esperança.

Mas, então, Jesus fala: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela” (João 8:7). Silêncio. Tanto os olhos quanto as pedras dos acusadores tocam o chão. Em instantes, eles partem, e Jesus está a sós com a mulher. A pomba do céu lhe oferece uma folha.

Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?”

“Ninguém, Senhor”, disse ela.

Declarou Jesus: “Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado.” (vv. 10-11)

Ele traz uma folha de esperança para o mundo dela, inundado pela vergonha.

Ele faz algo semelhante por Marta. Ela está se debatendo em um mar de tristeza. Seu irmão está morto. Seu corpo foi enterrado. E Jesus, bem, Jesus está atrasado. “Senhor, se estivesse aqui meu irmão não teria morrido.” Acho que ela deve ter feito uma pausa nesse momento, antes de prosseguir. “Mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires” (João 11:21-22). Assim como Noé abriu a janela, Marta também abre o seu coração. Assim como a pomba trouxe uma folha, Cristo também o faz.

Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso? Ela lhe respondeu: “Sim, Senhor, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.” (vv. 25-27)

Como ele podia dizer essas palavras? Quem era ele para fazer tal afirmação? O que o qualificava para oferecer graça a uma mulher e uma promessa de ressurreição a outra? É simples: ele fez o que a pomba havia feito. Ele ultrapassou a fronteira da terra do futuro e viajou entre as árvores. E, do bosque da graça, ele arrancou uma folha para a mulher. E, da árvore da vida, ele arrancou um broto para Marta.

E, de ambos, ele traz folhas para você. Graça e vida. Perdão de pecados. A derrota da morte. Esta é a esperança que Jesus dá. Esta é a esperança de que precisamos.

Em seu livro *The Grand Essentials* (Os grandes princípios básicos, em tradução livre), Ben Patterson conta sobre um submarino S-4 que afundou na costa de Massachusetts. Toda a tripulação ficou presa. Foram feitos todos os esforços possíveis para salvar os marinheiros, mas todos falharam. Perto do fim daquela difícil experiência, um mergulhador de águas profundas ouviu uma batida no casco de aço do submarino afundado. Quando ele encostou o capacete contra a embarcação, percebeu que estava ouvindo um marujo transmitindo esta mensagem em código Morse: “Há alguma esperança?”⁵

Ao culpado que faz esta pergunta, Jesus responde: “Sim!”

Ao que se depara com a morte e faz esta pergunta, Jesus responde: “Sim!”

A todos os Noés do mundo, a todos que procuram no horizonte um sinal de esperança, ele proclama: “Sim!” E ele vem. Ele vem como uma pomba. Vem trazendo o fruto de uma terra distante, do nosso futuro lar. Ele vem com uma folha de esperança.

Você já recebeu a sua? Não pense que a sua arca é isolada demais. Não pense que o seu dilúvio é grande demais. O seu desafio mais difícil não é nada para Deus além de grampos de cabelo e elásticos. *Grampos de cabelo e elásticos?*

Minha irmã mais velha costumava me dar grampos de cabelo e elásticos quando eu era pequeno. Eu andava com o meu triciclo para cima e para baixo na calçada, fingindo que os grampos de cabelo eram chaves e o meu triciclo, um caminhão. Mas, um dia, eu perdi as “chaves”. Que crise! O que eu ia fazer? A minha busca não deu em nada, a não ser lágrimas e medo. Mas quando confessei o meu erro à minha irmã, ela apenas sorriu. Sendo dez anos mais velha, ela tinha uma perspectiva melhor do que a minha.

Deus tem uma perspectiva melhor também. Com o devido respeito, as nossas lutas mais graves são, aos olhos dele, nada menos que grampos de cabelo e elásticos perdidos. Ele não fica confuso, perturbado ou desanimado.

Receba a sua esperança, está bem? Receba-a porque você precisa dela. Receba-a para poder compartilhá-la com outros.

O que você acha que Noé fez com a dele? O que você acha que ele fez com a folha? Atirou-a para fora do barco e se esqueceu dela? Você acha que ele a enfiou no bolso e a guardou para fazer um livro de recortes? Ou você acha que ele deu um grito, reuniu as tropas e passou a folha de mão em mão, como se ela fosse um diamante Hope?

Com certeza ele gritou. É isso que se faz com a esperança. O que se faz com folhas de oliveiras? Você as passa a outros. Você não as guarda no bolso. Você as dá a quem ama. O amor sempre espera. “O amor... tudo sofre, tudo crê, *tudo espera*, tudo suporta” (1Coríntios 13:4-7, grifo do autor).

O amor tem esperança em você.

O jovem aspirante a autor precisava de esperança. Mais de uma pessoa havia lhe dito para desistir. “É impossível publicar”, disse um mentor. “A não ser que você seja uma celebridade nacional, as editoras não falarão com você”. Outro advertiu: “Escrever requer tempo demais. Além disso, você não quer ter todos os seus pensamentos escritos em um papel.”

A princípio, ele ouviu. Concordou que escrever era um desperdício de esforço e voltou sua atenção para outros projetos. Mas, de algum modo, a caneta e o bloco eram como rum e Coca-cola para o alcoólatra das palavras.

Ele preferia escrever a ler. Então, ele escrevia. Quantas noites ele passou naquele sofá no canto do apartamento reorganizando a sua coleção de verbos e substantivos? E quantas horas sua mulher se sentou ali com ele? Ele escrevendo. Ela bordando em ponto de cruz. Finalmente, um manuscrito foi terminado. Sem revisão e cheio de erros, mas terminado.

Ela o incentivou:

— Mande-o. Que mal há nisso?

Então, ele o mandou. Foi enviado a quinze editoras diferentes. Enquanto o casal esperava, ele escrevia. Enquanto ele escrevia, ela bordava. Nenhum deles esperava muito, mas tinham esperança de tudo. As respostas começaram a encher a caixa de correio. “Sinto muito, mas não aceitamos manuscritos não solicitados.” “Precisamos devolver o seu trabalho. Boa sorte.” “O nosso catálogo não tem lugar para autores não publicados.”

Ainda tenho essas cartas. Em algum lugar, em um arquivo. Para encontrá-las, levaria algum tempo. Mas, para encontrar o bordado de Denalyn, não levaria tempo algum. Para vê-lo, tudo que faço é erguer os olhos deste monitor e olhar para a parede. “De todas as artes nas quais os sábios se destacam, a obra prima da natureza é escrever bem.”

Ela o deu a mim, mais ou menos, quando a décima quinta carta chegou. Uma editora disse sim. Aquela carta também está emoldurada. Qual dos dois é mais significativo? O presente de minha esposa ou a carta da editora? O presente, sem dúvida. Pois, ao dar o presente, Denalyn deu esperança.

O amor faz isso. O amor entrega uma folha de oliveira ao ser amado e diz: “Tenho esperança em você.”

O amor, da mesma forma, está pronto para dizer: “Tenho esperança *por* você.”

Você pode dizer essas palavras. Você é o sobrevivente de um dilúvio. Pela graça de Deus, você encontrou o seu caminho para a terra seca. Você sabe como é ver as águas secando. E, por saber, por ter passado por um

dilúvio e vivido para falar sobre isso, você está qualificado para dar esperança a outros.

O quê? Você não consegue se lembrar de nenhum dilúvio no seu passado? Deixe-me ativar a sua memória.

E quanto à adolescência? Você se lembra dos anos tempestuosos da adolescência? Você se lembra dos hormônios e das barras de saia? Da puberdade e das espinhas? Aqueles eram tempos difíceis. “É”, você está pensando, “*mas a gente passa por eles.*” É exatamente isso que os adolescentes precisam ouvir você dizer. Eles precisam de uma folha de oliveira dada por um sobrevivente.

O mesmo acontece com os jovens casais. Acontece em todos os casamentos. A lua de mel termina, o rio do romance se torna o rio da realidade, e eles se perguntam se sobreviverão. Você pode dizer a eles que sim. Você passou por isso. Não foi fácil, mas você sobreviveu. Você e seu cônjuge encontraram terra seca. Por que você não arranca uma folha de oliveira e a leva até uma arca?

Você é um sobrevivente do câncer? Alguém no setor de oncologia precisa ouvir as suas palavras. Você enterrou um cônjuge e viveu a ponto de sorrir novamente? Então encontre os viúvos recentes e ande com eles. As suas experiências fizeram de você um representante da “brigada da pomba”. Você tem uma oportunidade — na verdade, uma obrigação — de dar esperança aos que estão presos na arca.

Você se lembra da advertência de Paulo?

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações.
(2Coríntios 1:3-4)

Encoraje aqueles que estão enfrentando dificuldades. Você não sabe o que dizer? Então abra a sua Bíblia. A folha de oliveira para os cristãos é um versículo da Bíblia. “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança” (Romanos 15:4).

Você tem uma Bíblia? Você conhece um Noé? Então, comece a passar as folhas adiante.

Aos atingidos pela dor: “Deus mesmo disse: ‘Nunca o deixarei, nunca o abandonarei’” (Hebreu 13:5).

Aos dominados pela culpa: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1).

Aos desempregados: “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos 8:28).

Aos que se sentem fora do alcance da graça de Deus: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

A sua Bíblia é um cesto cheio de folhas. Você não gostaria de compartilhar uma? Elas causam um impacto impressionante. Depois de receber a sua, Noé passou a ser um homem transformado. “Noé então ficou sabendo que as águas tinham diminuído sobre a terra” (Gênesis 8:11). Ele subiu a escada com perguntas e desceu a escada com confiança.

Que diferença faz uma folha!

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Em que áreas da sua vida você precisa de esperança neste instante? Como a esperança o salvou de um “dilúvio” no passado?
2. “A esperança não promete uma solução instantânea, mas, sim, a possibilidade de uma solução eventual. Algumas vezes, tudo que precisamos é de um pouco de esperança”. Quem você conhece que poderia fazer uso de um pouco de esperança neste instante?
3. De que maneiras você pode “dar uma folha de oliveira” àqueles a quem ama? Se você dissesse a essas pessoas que tem esperança nelas e por elas, o que isso significaria para elas?
4. Por que Paulo não murmurou por causa das lutas que estava enfrentando? (Romanos 8:18)
5. Como a compreensão de Paulo acerca da esperança (Romanos 8:24-25) nos ajuda nos nossos tempos de dificuldades?

Capítulo 9

A MULHER
SURPREENDIDA EM
ADULTÉRIO

Jesus, porém, foi para o monte das Oliveiras. Ao amanhecer ele apareceu novamente no templo, onde todo o povo se reuniu ao seu redor, e ele se assentou para ensiná-lo. Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?” Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo.

Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela.” Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão.

Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando pelos mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele. Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?”

“Ninguém, Senhor”, disse ela.

Declarou Jesus: “Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado.”

— JOÃO 8:1-11

SUPERANDO A VERGONHA

REBECCA THOMPSON CAIU DUAS VEZES DA Ponte Fremont Canyon. Ela morreu nas duas vezes. A primeira queda partiu seu coração. A segunda partiu seu pescoço.

Rebecca tinha apenas dezoito anos quando ela e sua irmã, de onze, foram sequestradas por dois bandidos, perto de uma loja na cidade de Casper, no Wyoming. Eles dirigiram com as garotas por quase setenta quilômetros a sudoeste da Ponte Fremont Canyon, uma estrutura de aço com uma única pista, que se erguia a 34 metros acima do Rio North Platte.

Os homens bateram em Rebecca e a violentaram brutalmente. De algum modo, ela os convenceu a não fazerem o mesmo com sua irmã, Amy. Ambas foram lançadas da ponte no estreito desfiladeiro. Amy morreu quando bateu em uma pedra próxima ao rio, mas Rebecca bateu em uma saliência e foi lançada em direção às águas profundas.

Com o quadril fraturado em cinco lugares, ela lutou para chegar à margem. Para proteger seu corpo do frio, ela se encaixou entre duas pedras e esperou o nascer do sol.

Mas a alvorada nunca chegou para Rebecca. Ah, sim, a manhã chegou, e ela foi encontrada. Os médicos trataram seus ferimentos, e os

tribunais prenderam um de seus atacantes. A vida prosseguiu, mas o sol nunca mais nasceu.

A escuridão daquela noite de horrores permanecia. Ela nunca conseguiu sair daquele desfiladeiro. Assim, em setembro de 1992, dezenove anos depois, ela voltou à ponte.

Contra as súplicas do namorado, ela dirigiu a 110 quilômetros por hora até o Rio North Platte. Com sua filha de dois anos e seu namorado ao lado, Rebecca se sentou na beirada da Ponte Fremont Canyon e chorou. Em meio às lágrimas, ela contou novamente a história. O namorado não queria que a criança visse a mãe chorando, então, ele levou a menina para o carro.

Foi quando ele ouviu seu corpo bater na água.

E foi quando Rebecca Thompson morreu a sua segunda morte. O sol nunca nasceu após a noite escura de Rebecca. Por quê? O que obscureceu a luz do seu mundo?

O medo? Talvez. Ela havia testemunhado contra os homens, apontando-os no tribunal. Um dos assassinos a havia provocado, forçando um sorriso e passando o dedo pela garganta. No dia de sua morte, os dois haviam recebido a liberdade condicional. Talvez, o medo de um segundo encontro fosse grande demais.

Seria raiva? Raiva dos seus estupradores? Raiva da comissão que lhes concedeu a liberdade condicional? Raiva de si mesma pelas milhares de quedas nos mil pesadelos que se seguiram? Ou raiva de Deus, por um desfiladeiro que era tão fundo, por uma noite que era tão escura e por uma manhã que nunca chegou?

Seria culpa? Alguns pensam que sim. Apesar do sorriso atraente de Rebecca e de sua personalidade interessante, os amigos dizem que ela lutava contra o fato terrível de ter sobrevivido e sua irmãzinha não.

Seria vergonha? Todos que ela conhecia e milhares que ela não conhecia haviam ouvido sobre os detalhes humilhantes de sua tragédia. O estigma era tatuado mais fundo com a tinta de cada manchete de jornal. Ela

havia sido violentada. Ela havia sido estuprada. Ela havia sido envergonhada. E, por mais que tentasse sobreviver e superar a lembrança... não conseguia.

Então, dezenove anos depois, ela voltou à ponte.

Os desfiladeiros da vergonha são profundos. Precipícios de uma culpa interminável. Muralhas adornadas com o verde e o cinza da morte. Ecos de gritos intermináveis. Você coloca as mãos nos ouvidos. Joga água no rosto. Para de olhar por sobre o ombro. Por mais que você tente superar as tragédias de ontem, seus tentáculos são mais longos do que a sua esperança. Eles o arrastam de volta à ponte da tristeza para ser envergonhada outra vez, e outra vez, e outra vez.

Se fosse culpa sua, seria diferente. Se você fosse culpada, poderia pedir desculpas. Se a queda no desfiladeiro fosse erro seu, você poderia reagir. Mas você não foi um voluntário. Você foi a vítima.

Às vezes, a sua vergonha é particular. Empurrada até o limite por um esposo abusivo. Molestada por um pai pervertido. Seduzida por um superior comprometido. Ninguém mais sabe. Mas você sabe. E isso basta.

Às vezes, ela é pública. Marcado por um divórcio que você não queria. Contaminado por uma doença que você jamais esperou. Marcado por uma deficiência que você não criou. E, quer seja realmente aos olhos deles ou na sua imaginação, você tem de lidar com isso — você está marcado: um divorciado, um inválido, um órfão, um paciente com Aids.

Seja em particular ou em público, a vergonha é sempre dolorosa. E, a não ser que você trate com ela, ela será permanente. A não ser que você busque ajuda, a manhã nunca chegará.

Você não se surpreende quando digo que existem outras Rebeccas Thompsons em todas as cidades e outras Pontes Fremont. E existem muitas Rebeccas Thompsons na Bíblia. Tantas, na verdade, que parece até que as páginas das Escrituras estão pontuadas com as histórias delas. Você conheceu muitas neste livro. Cada uma familiarizada com o chão duro do desfiladeiro da vergonha.

Mas existe uma mulher cuja história incorpora todas elas. Uma história de fracasso. Uma história de abuso. Uma história de vergonha.

E uma história de graça.

É ela, a mulher que está de pé no meio do círculo. Os homens que a cercam são líderes religiosos. Fariseus, é assim que são chamados. Os autodenominados “guardas do comportamento”. E o outro homem, o que está vestido com roupas simples, o que está sentado no chão, o que está olhando para o rosto da mulher, aquele é Jesus.

Jesus estava ensinando.

A mulher estava enganando.

E os fariseus pretendem impedir os dois.

— Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério (João 8:4).

A acusação ecoa nos muros do pátio.

“Surpreendida em ato de adultério.” As palavras por si só são suficientes para fazer você corar. Portas escancaradas. Cobertas arrancadas.

“No ato”. Nos braços. No instante. No abraço.

“Surpreendida.” Ah! O que temos aqui? Este homem não é seu marido. Vista algumas roupas! Sabemos o que fazer com mulheres como você!

Em um instante ela é lançada da paixão particular para o espetáculo público.

Cabeças saem das janelas enquanto o grupo de civis a empurra pelas ruas. Os cachorros latem. Os vizinhos se viram. A cidade vê. Segurando uma túnica fina sobre seus ombros, ela esconde a sua nudez.

Mas não pode esconder a sua vergonha.

Daquele segundo em diante, ela será conhecida como uma adúltera. Quando for ao mercado, as mulheres cochicharão. Quando ela passar, as cabeças se voltarão. Quando o seu nome for mencionado, as pessoas se lembrarão.

O fracasso moral é facilmente lembrado.

A maior máscara, porém, passa despercebida. O que a mulher fez é vergonhoso, mas o que os fariseus fizeram é desprezível. De acordo com a lei, o adultério era punível com a morte, mas apenas se duas pessoas testemunhassem o ato. Deveria haver duas testemunhas.

Pergunta: qual é a probabilidade de duas pessoas serem testemunhas oculares de um adultério? Quais são as chances de duas pessoas se depararem com um alvoroço de abraços proibidos de manhã cedo? É improvável. Mas, se isso acontecer, é provável que não seja coincidência.

Então, nos perguntamos: por quanto tempo os homens espiaram pela janela antes de invadirem a casa? Por quanto tempo eles se esconderam atrás da cortina antes de aparecerem?

E quanto ao homem? O adultério exige dois participantes. O que aconteceu com ele? Será que ele escapou?

A evidência deixa poucas dúvidas. Era uma armadilha. Ela foi apanhada. Mas, logo, ela perceberá que não é a presa. Ela é apenas a isca.

“Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?” (v.5).

Como é arrogante este comitê de alta ética. Quão orgulhosos de si mesmos são estes agentes da justiça. Este será um momento do qual eles se lembrarão por muito tempo, a manhã em que enganaram e frustraram o poderoso Nazareno.

E quanto à mulher? Ora, ela é imaterial. É apenas um peão de xadrez no jogo deles. O futuro dela? Não tem importância. A reputação dela? Quem se importa se ela for arruinada? Ela é uma parte do plano deles, necessária, porém, dispensável.

A mulher olha para o chão. Seus cabelos suados balançam. Suas lágrimas caem quentes pela dor. Seus lábios estão apertados; seu maxilar, travado. Ela sabe que foi enquadrada. Não tem necessidade de olhar para cima. Ela não encontrará qualquer gentileza. Ela olha para as pedras nas

mãos deles. Apertadas com tanta força, que as pontas dos dedos ficam brancas.

Ela pensa em correr. Mas para onde? Ela poderia alegar maus tratos. Mas, para quem? Ela poderia negar o fato, mas foi vista. Ela poderia implorar por misericórdia, mas aqueles homens não oferecem nenhuma.

A mulher não tem a quem recorrer.

Porém, mais uma vez, a mensagem dele é inconfundível.

O que Jesus faz? (Se você já sabe, finja que não sabe e sinta a surpresa.)

Jesus escreve na areia.

Ele se inclina e desenha na terra. O mesmo dedo que gravou os mandamentos no topo do Sinai e cauterizou o aviso na parede de Belsazar, agora escreve no chão do pátio. E, enquanto escreve, ele diz: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela” (v.7).

Os mais jovens olham para os mais velhos. Os mais velhos olham para os seus próprios corações. Eles são os primeiros a lagar as pedras. E quando eles se viram para sair, os jovens, que haviam arrogantemente copiado suas convicções, fazem o mesmo. O único som que se ouve é o das pedras caindo e pés se arrastando no chão.

Jesus e a mulher são deixados sozinhos. Tendo o júri partido, o pátio se torna a câmara do juiz, e a mulher espera o seu veredito. Com certeza, aí vem um sermão. Sem dúvida, ele vai pedir que eu me desculpe. Mas o juiz não fala. Sua cabeça está baixa; talvez ele ainda esteja escrevendo na areia. Ele parece surpreso quando percebe que ela ainda está ali.

— Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?

— Ninguém, Senhor — disse ela.

— Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado (vv. 10-11).

Se você já se perguntou como Deus reage quando você falha, emoldure estas palavras e pendure-as na parede. Leia-as. Medite nelas. Beba

delas. Fique de pé debaixo delas e deixe que elas lavem a sua alma.

Ou, melhor ainda, leve-as para o seu desfiladeiro de vergonha. Convide Cristo para viajar com você até a Ponte Fremont do seu mundo. Deixe que ele fique ao seu lado, enquanto você conta de novo os acontecimentos das noites mais escuras da sua alma.

E depois ouça. Ouça com atenção. Ele está falando.

— Eu não o condeno.

E observe. Observe com atenção. Ele está escrevendo. Ele está deixando uma mensagem. Não na areia, mas em uma cruz.

Não com a sua mão, mas com o seu sangue.

Sua mensagem tem apenas uma palavra: inocente.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Max escreveu: “Seja em particular ou em público, a vergonha é sempre dolorosa. E, a não ser que você trate com ela, ela será permanente. A não ser que você busque ajuda, a manhã nunca chegará.” O que você acha que ele quer dizer? Você concorda com ele? Por que ou por que não?
2. O que a palavra *vergonha* significa para você? O que a palavra *graça* significa para você? Qual é o termo mais forte? Por quê?
3. Com que personagem na história de João 8 você se identifica mais? Com a mulher? Com o homem culpado (mas ausente)? Com os fariseus? Com os homens na multidão? Explique sua escolha.
4. Jesus disse à mulher: “Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado” (João 8:11). Alguma parte dessa declaração o incomoda? Era isso que você esperava que Jesus dissesse? Por quê?
5. A palavra “inocente” se aplica a você? Explique sua resposta. Como essa palavra faz você se sentir?

Capítulo 10
PEDRO E JOÃO

*Enquanto Pedro e João falavam ao povo, chegaram os sacerdotes,
o capitão da guarda do templo e os saduceus.*

— ATOS 4:1

QUANDO A PERSEGUIÇÃO VEM

EM 18 DE ABRIL DE 2007, TRÊS CRISTÃOS FORAM mortos na Turquia devido a suas convicções. Necati Aydin era um deles. Ele era um pastor de trinta e cinco anos da cidade de Malatya.

Ele quase não foi ao escritório naquela manhã. Ele estivera viajando por dez dias e sua esposa, Semse, queria que ele ficasse em casa e descansasse. Ela deu o café da manhã aos dois filhos deles, Elisha e Esther, e levou-os para a escola. Ao voltar, ela andou bem devagar para não acordar o marido. Ainda assim, ele se agitou, abriu os braços, e admitiu seu cansaço: “Não quero me levantar hoje.”

Mas ele se levantou. Havia muito trabalho a ser feito. Só 2% da nação, de maioria muçulmana, seguia Jesus. Era irônico. Aquela terra um dia conhecera as pegadas das sandálias do apóstolo Paulo e servira de palco para as primeiras igrejas. Mas, hoje? Os turcos adoradores de Cristo somam menos que 153.000 em uma nação de 76 milhões de habitantes.⁶ Pessoas como Necati vivem para mudar isso. Ele tirou o seu corpo cansado da cama e se preparou para o dia.

Enquanto Semse recorda e conta novamente os acontecimentos daquela manhã, ela faz uma pausa entre as frases. Suas bochechas redondas ficam rosadas. Seus cabelos escuros varrem sua testa em uma onda. Até este momento, ela conseguiu conter a emoção. Ela descreveu o ataque, a crueldade e a dureza da viuvez repentina sem lágrimas. Mas, diante desta frase, elas começam a correr. “Meu querido marido saiu por esta porta às onze da manhã. Eu estava esperando que ele entrasse no elevador. Ali, ele sorriu para mim uma última vez, mas eu não sabia que aquele era o último sorriso. É disso que irei sempre me lembrar...”

Ela suspira e olha para longe, como se visse um rosto que só ela pode ver. Então, volta a dizer: “Isso é doloroso para mim porque sinto falta do sorriso dele... porque o sol não se levanta quando ele não sorri...”

Semse olha para baixo e se permite um soluço suave, mas apenas um. “É um cálice amargo, e temos de bebê-lo todos os dias.”

Quando Necati chegou ao escritório, seus dois colegas já haviam recebido visitantes: cinco jovens que haviam demonstrado interesse pela fé cristã. Mas aqueles jovens levaram mais do que perguntas. Eles levaram armas, facas de pão, cordas e toalhas.

Os atacantes brandiram suas armas e disseram a Necati para fazer a oração de conversão islâmica: “Não há outro Deus senão Alá, e Maomé é o seu profeta.”

Quando Necati se recusou, a tortura começou. Durante uma hora agonizante, os atacantes amarraram, interrogaram e cortaram os cristãos. Finalmente, com a polícia batendo à porta, eles cortaram as gargantas das vítimas. A última palavra ouvida vindo do escritório foi o grito de um cristão inabalável: “Messias! Messias!”⁷

Essas histórias têm uma forma de nos silenciar. O engarrafamento desta manhã já não é mais digno de importância. Embora eu possa me ver — por um milésimo de segundo — como um homem de fé, medito nos mártires de Malatya e me pergunto: *Será que eu faria este sacrifício? Será que eu clamaria “Messias! Messias!”? Será que eu entregaria minha vida? Porque*

há dias em que eu não quero nem mesmo entregar a minha vaga no estacionamento!

Os pastores turcos poderiam ter vivido. Com uma simples confissão a Alá, as facas poderiam ter sido abaixadas e suas vidas poupadas. Semse teria seu marido e Elisha e Esther teriam seu pai. Necati poderia ter ido para casa, para sua família. Mas, em vez disso, ele escolheu defender a causa de Cristo.

O que você faria?

A pergunta é mais do que acadêmica. A perseguição vem. Três quartos dos cristãos vivem no terceiro mundo, em geral, em ambientes anticristãos. Mais chineses participam dos cultos de domingo do que a totalidade dos europeus ocidentais. O Líbano é composto de 39% de cristãos. O Sudão, de 5%. O Egito, de cerca de 10%.⁸ Muitos desses santos homens e mulheres adoram a Deus por sua conta em risco. Você pode ser um deles. Talvez, você seja o único cristão na sua universidade no Iraque. Talvez, você seja uma mulher árabe que oferece orações em silêncio ou um judeu messiânico que mora no coração de Jerusalém.

Ou, talvez, você viva em uma sociedade de liberdade religiosa, mas em uma comunidade espiritualmente oprimida. Talvez, não enfrente lâminas e terroristas, mas críticos e acusadores. Os membros da sua família ridicularizam as suas crenças. Os professores da universidade menosprezam as suas convicções. Os colegas de turma riem das suas escolhas. Os colegas o pressionam para abrir mão da sua integridade. Os colegas de trabalho se dedicam à missão de serem um tropeço para você nos seus momentos de fraqueza. Eles colocam uma faca no seu pescoço? Não. Mas o pressionam para que você abandone as suas convicções?

Estou pensando em Maria Dutton, minha professora de português, quando eu era missionário no Brasil. Ela cresceu em uma família aristocrática e influente. Quando se tornou cristã, seu pai a desertou. Ele não foi ao seu casamento nem ia vê-la nos dias de festas. Durante vários anos, ele não quis saber dela nem de seus filhos.

Heidi é a única cristã na equipe de animação de torcida do colegial. Quando os outros saem para comemorar depois dos jogos, ela vai para casa. Quando eles festejam em viagens pela estrada, ela vai para o hotel. Ela é o alvo perfeito, pronta para ser ridicularizada por eles.

A perseguição acontece. Pedro e João podem lhe dizer. Eles curaram o aleijado em um minuto e foram atormentados no minuto seguinte.

“Enquanto Pedro e João falavam ao povo, chegaram os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os saduceus. Eles estavam muito perturbados porque os apóstolos estavam ensinando o povo e proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos” (Atos 4:1-2).

Até então, a Igreja primitiva havia seguido um percurso suave. O milagre do Pentecostes teve uma colheita de três mil seguidores. A Igreja gerou atos de bondade, compaixão e comunhão. As boas ações que eles praticavam confirmaram as suas Boas-novas. O número de seguidores crescia. Os três primeiros capítulos de Atos falam de dias felizes. Mas, então, vem Atos 4. A Igreja mal saiu da maternidade, e chegam os valentões da cidade: “... chegaram os sacerdotes, o capitão da guarda do templo e os saduceus” (v. 1).

Um soldado musculoso abre caminho em meio à multidão. Ele tem cachos pesados nos cabelos, que vão até a altura da cintura. Seu peito nu se destaca e suas pernas sólidas parecem ser de ferro. Ele tem um medalhão de autoridade pendurado em seu peito e um chicote na mão. Ele pode, pela lei, prender qualquer um que transgrida a lei do templo. Ele veio cumprir a lei.

Os sacerdotes o seguem: Caifás e seu sogro, Anás. Eles ficam dos dois lados do comandante do templo e cruzam os braços, transmitindo esta advertência implícita: “Não se esqueçam do que fizemos com o seu Messias. Os três cravos na cruz romana não deixaram isso claro?”

Anás, o sumo sacerdote, levanta uma sobrancelha na direção de Pedro. Ele não se esqueceu do que aquele apóstolo fez ao seu servo há algumas semanas, no Jardim do Getsêmani. Quando o servo e os soldados foram prender Jesus, Pedro desembainhou a espada e “... feriu o servo do

sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha direita” (João 18:10). Jesus curou a orelha, mas o sumo sacerdote não se esqueceu do incidente. Estou visualizando Anás puxando a orelha de Pedro e ameaçando: “Tenho contas a acertar com você.”

Enquanto isso, Pedro talvez esteja lidando com algumas lembranças particulares da noite de quinta-feira. Não apenas da sua espada afiada, mas, também, dos seus pés arrojados. Ele e os outros seguidores fugiram do jardim como cachorrinhos queimados com água fervente, deixando Jesus para enfrentar sozinho os seus inimigos. Mais tarde, naquela noite, Pedro conseguiu se encher de lealdade o suficiente para aparecer no julgamento de Jesus. Mas, quando as pessoas o reconheceram, ele perdeu a coragem novamente. Ele negou o seu Salvador não uma vez, mas três vezes.

Até agora, o placar está: Perseguição 2; Pedro 0. Pedro falhou em todos os testes da perseguição. Mas ele não vai falhar neste.

O trio continua firme. Se as pernas deles estão tremendo é porque o mendigo acaba de aprender a ficar de pé e os apóstolos estão escolhendo não correr.

Então Pedro, cheio do Espírito Santo, disse-lhes: “Autoridades e líderes do povo! Visto que hoje somos chamados para prestar contas de um ato de bondade em favor de um aleijado, sendo interrogados acerca de como ele foi curado, saibam os senhores e todo o povo de Israel que por meio do nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem os senhores crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dos mortos, este homem está aí curado diante dos senhores.” (Atos 4:8-10)

Não há qualquer sinal de desistência nessas palavras. Posso detectar um toque de sarcasmo (“visto que hoje somos chamados para prestar contas de um ato de bondade em favor de um aleijado...”) e uma firme declaração (“saibam os senhores e todo o povo de Israel, que por meio do nome de

Jesus Cristo, o Nazareno...”). Apenas o nome “Jesus” seria suficiente, mas Pedro responde sem se desculpar: “Jesus Cristo, o Nazareno”. E, então, ele afirma claramente, com vigor e firmeza: “Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (v.12).

Anás e Caifás mordem os lábios. O capitão do templo aperta seu chicote. Os olhos dos saduceus se apertam, formando aberturas pequenas. Os poderosos e influentes de Jerusalém olham para Pedro e João.

Mas eles não se movem nem um centímetro. O que acontece com eles? Na última vez que eles viram aqueles soldados, Pedro e João fugiram e os olharam pelo espelho retrovisor. Mas, hoje, eles ficam face a face com a Suprema Corte de Jerusalém. O que deu neles?

Lucas nos dá a resposta no versículo 13: “Vendo a coragem de Pedro e de João, e percebendo que eram homens comuns e sem instrução, [os acusadores] ficaram admirados e reconheceram que eles haviam estado com Jesus.”

Pedro e João haviam estado com Jesus. O Jesus ressurreto. No Cenáculo, onde ele atravessou a parede. Estavam de pé ao lado de Tomé quando o discípulo tocou nas chagas de Jesus. Na praia, quando Jesus assou o peixe. Sentados aos pés de Jesus por quarenta dias, enquanto ele explicava os caminhos do Reino.

Eles haviam permanecido por muito tempo, e prazerosamente, na presença do Rei ressurreto. Despertando com ele, andando com ele. E por terem feito isso, o silêncio não era mais uma opção. “Pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos” (v. 20).

Você deveria agir com uma grande ousadia? Se quiser viver além da sua vida, deve. Enquanto você ficar parado, ninguém irá reclamar. Os cachorros não latem para carros estacionados. Mas, assim que você acelerar — assim que sair da embriaguez para a sobriedade, da desonestidade para a integridade ou da letargia para a compaixão —, espere que os latidos

comecem. Espere ser criticado. Espere ser ridicularizado. Espere ser perseguido.

Então, como podemos nos preparar? É simples. Imita os discípulos. Demore-se por muito tempo e com frequência na presença de Cristo. Medite na sua graça. Reflita no seu amor. Memorize as suas palavras. Contemple a sua face. Fale com ele. A coragem vem à medida que vivemos com Jesus.

Pedro se expressou da seguinte maneira: “Não deem uma segunda chance à oposição. Em condições favoráveis ou desfavoráveis, mantenham o coração atento, em adoração a Cristo, Senhor de vocês. Estejam prontos para falar e explicar a qualquer um que perguntar por que vocês adotaram esse estilo de vida, sempre com a maior gentileza” (1Pedro 3:14-15 — *A Mensagem*).

Ao meditarmos na vida de Cristo, encontramos força para a nossa própria vida. O exemplo de Xu Yonghai me vem à mente. Sendo um cristão na China comunista, ele trabalhou para ver a legalização das igrejas nas casas. O governo respondeu trancafiando-o em uma prisão de Pequim durante vinte e quatro meses. Sua cela era um quadrado de dois e meio por dois e meio de tamanho. Não havia banheiro, apenas um cano em um canto de onde a água fluía e caía no concreto.

“Minha cela era a última parada para prisioneiros condenados à morte”, disse ele. “Às vezes havia até três outros prisioneiros na cela pequena e úmida, esperando a data da sua execução.”

Yonghai sobreviveu por intermédio da oração, da meditação e do hábito de escrever. Nas paredes de sua cela, ele escreveu os principais pontos de um livro sobre Deus, usando uma barra de sabão. Quando terminou, confiou seus pensamentos à sua memória. Por ocasião da sua libertação, ele transferiu seus pensamentos para um livro de cinquenta mil palavras, intitulado *God the Creator* [Deus, o Criador]. Assim como Pedro e João, Yonghai passava muito tempo na presença de Jesus e encontrava forças. A coragem vem à medida que meditamos nos feitos de Cristo.⁹

Você quer ser ousado amanhã? Então, esteja com Jesus hoje. Permaneça na sua Palavra. Permaneça com o seu povo. Permaneça na sua presença. E, quando a perseguição vier (e ela virá), seja forte. Quem sabe? Talvez, as pessoas percebam que você, assim como os discípulos, esteve com Cristo.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Como você se sente quando ouve histórias sobre mártires heroicos, como Necati, ou histórias sobre a terrível perseguição por todo o mundo? De que maneira isso faz você entender as suas próprias dificuldades?
2. Nas sociedades que possuem liberdade religiosa, talvez não experimentemos a perseguição, mas podemos experimentar a oposição espiritual dos críticos, dos colegas de trabalho, dos acusadores, dos membros da família, dos professores, dos colegas de turma e de outros em nossa vida diária. Ao ler essa lista, você se lembra de uma situação que o levou a calar sobre as suas crenças?
3. Como você acha que Pedro se sentiu em João 18:15-18,25-27? Você alguma vez deixou de se pronunciar diante da pressão ou da perseguição? Por outro lado, quando foi que você esteve, como Pedro, diante dos seus acusadores em Atos 4:5-13 — pronto para falar a verdade com ousadia diante da pressão ou da perseguição?
4. Que hábitos você desenvolveu para passar tempo com Jesus de modo a permanecer por mais tempo e frequência na sua presença? Como esses hábitos poderiam ajudar outras pessoas a perceber que você esteve com ele?
5. De que maneiras as disciplinas espirituais deveriam desenvolver a ousadia em um cristão?

Capítulo 11

NICODEMOS

Havia um fariseu chamado Nicodemos, uma autoridade entre os judeus. Ele veio a Jesus, à noite, e disse: “Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais milagrosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele.”

Em resposta, Jesus declarou: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo.”

Perguntou Nicodemos: “Como alguém pode nascer, sendo velho? É claro que não pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e renascer!”

Respondeu Jesus: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: É necessário que vocês nasçam de novo. O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito.”

Perguntou Nicodemos: “Como pode ser isso?”

Disse Jesus: “Você é mestre em Israel e não entende essas coisas? Asseguro-lhe que nós falamos do que conhecemos e testemunhamos do que vimos, mas mesmo assim vocês não aceitam o nosso testemunho. Asseguro-lhe que nós falamos do que conhecemos e testemunhamos do que vimos, mas mesmo assim vocês não aceitam o nosso testemunho. Eu lhes falei de coisas terrenas e vocês não creram; como crerão se lhes falar de coisas celestiais? Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do homem. Da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crer tenha a vida eterna.

“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus. Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus.”

— JOÃO 3:1-21

O QUE SÓ DEUS PODE FAZER

ISTO É UM FATO NA AGRICULTURA. Mesmo o solo mais fértil permanecerá estéril se nenhuma semente for plantada.

Aparentemente, Nicodemos não sabia disso. Ele pensou que o solo pudesse dar frutos sem sementes. Ele entendia muito bem a parte que cabia ao fazendeiro, mas havia se esquecido da parte da semente. Ele era um legalista. E é assim que os legalistas pensam. O legalista prepara o solo, mas se esquece da semente.

Nicodemos atuava honestamente no seu legalismo. Ele era um fariseu.

Os fariseus achavam que a fé era uma obra externa. O que você vestia, a sua maneira de agir, o título que você tinha, o som das suas orações, a quantidade de dons que você tinha — tudo isso era a medida de espiritualidade dos fariseus.

Se fossem fazendeiros, eles teriam os terrenos mais atraentes da região — silos pintados e equipamentos reluzentes. As cercas seriam pintadas de branco e limpas. O solo trabalhado e regado.

Se fossem fazendeiros, eles passariam horas na lanchonete discutindo a teoria agrícola. É melhor fertilizar antes ou depois das chuvas? Temos de deixar a terra em pousio ano sim, ano não, ou a cada três anos? O fazendeiro deve usar macacão ou jeans? Chapéu de caubói ou boné?

Os fariseus só tinham um problema: mesmo com toda aquela discussão sobre as técnicas corretas, eles colhiam poucos frutos. Na verdade, um galileu destreinado havia dado mais frutos em alguns poucos meses do que todos os fariseus em uma geração. Isso os deixou com ciúmes. Zangados. Sentindo-se rebaixados. E eles lidaram com o galileu ignorando os seus resultados e insultando os seus métodos.

Isto é, todos os fariseus, exceto Nicodemos. Ele estava curioso. Na verdade, mais do que curioso, ele estava impactado. Nicodemos estava impactado pela maneira como as pessoas ouviam Jesus. Elas ouviam como se ele fosse o único que tivesse a verdade. Como se ele fosse um profeta.

Nicodemos estava impactado com o que viu Jesus fazer. Como a vez em que Jesus entrou violentamente no templo e virou as mesas dos cambistas. Nicodemos, um dia, havia conhecido uma paixão assim. Mas isso havia sido há muito tempo — antes dos títulos, dos mantos, das regras.

Nicodemos é atraído pelo carpinteiro, mas ele não pode ser visto com ele. Nicodemos está na suprema corte. Ele não pode se aproximar de Jesus durante o dia. Então, Nicodemos vai encontrá-lo à noite. Na escuridão.

Muito apropriado, já que o legalismo não oferece nenhuma luz.

Nicodemos começa com cortesias: “Mestre, sabemos que ensinas da parte de Deus, pois ninguém pode realizar os sinais milagrosos que estás fazendo, se Deus não estiver com ele” (João 3:2).

Jesus desconsidera o elogio. “Digo-lhe a verdade: ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo” (v.3).

Nada de conversa fiada aqui. Nada de jogar conversa fora. Ele vai direto ao ponto. Direto ao problema. Jesus sabe que o coração do legalista é duro. Você não pode rachá-lo com elogios suaves. Você precisa de um cinzel. Então, Jesus continua martelando:

Não se pode ajudar os cegos acendendo a luz, Nicodemos.

Não se pode ajudar os surdos aumentando a música, Nicodemos.

Não se pode mudar o interior decorando o exterior, Nicodemos.

Não se pode dar frutos sem semente, Nicodemos.

Você precisa nascer de novo.

Bam! Bam! Bam!

O encontro entre Jesus e Nicodemos foi mais do que um encontro entre duas figuras religiosas. Foi uma colisão entre dois filósofos. Duas visões opostas sobre a salvação.

Nicodemos pensava que a pessoa fazia a obra de se salvar; Jesus diz que Deus a faz. Nicodemos pensava que se tratava de uma troca. Jesus diz que é um presente. Nicodemos pensava que o trabalho do homem era conquistá-la. Jesus diz que o trabalho do homem é aceitá-la.

Essas duas visões englobam todas as visões. Todas as religiões do mundo podem ser colocadas em um destes dois campos: legalismo ou graça. A humanidade faz, ou Deus faz. A salvação como um salário, baseado nos atos praticados — ou a salvação como um presente, baseado na morte de Cristo.

O legalista acredita que a força suprema por trás da salvação é você. Se você tiver a aparência certa, falar o que é certo e pertencer ao segmento certo do grupo certo, você será salvo. O peso da responsabilidade não está em Deus, está dentro de você.

O resultado? O exterior brilha. A fala é boa e o passo é verdadeiro. Mas olhe mais de perto. Ouça com atenção. Algo está faltando. O que é? Alegria. O que temos aí? Medo (de que você não faça o suficiente). Arrogância (por você ter feito o suficiente). Fracasso (por ter cometido um erro).

O legalismo é um mundo escuro.

Se você nunca conheceu o peso esmagador do legalismo, seja grato. Você foi poupado.

Outros de vocês não foram. Você sabe que o legalismo é uma tortura lenta, a sufocação do espírito, a amputação dos sonhos. O legalismo é apenas religião suficiente para mantê-lo, mas não o bastante para alimentá-lo.

Então, você morre de fome. Seus mestres não sabem aonde ir em busca de alimento, então, vocês morrem de fome juntos. A dieta de vocês é baseada nas regras e padrões. Sem vitaminas. Sem gosto. Sem tempero. Apenas religião insossa e previsível.

Isso me faz lembrar um grupo que eu frequentava quando era jovem. Quando eu tinha oito anos, fiz parte de um coral de meninos. Nos reuníamos duas vezes por semana, por duas horas. Usávamos blazers e cantávamos em banquetes. Até viajávamos juntos.

Curiosamente, o nosso instrutor era um ex-sargento, especialista em treinamentos. Antes de dirigir um coral de garotos, ele dirigiu um campo de treinamento de novos recrutas. E um pouco do primeiro respingou sobre o segundo. Todas as noites, durante os ensaios, fazíamos um intervalo para marchar. Íamos para fora e marchávamos em fila. Ele dava as ordens, e nós fazíamos as voltas.

— Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro.

A princípio, não questionei essa prática. Eu não tinha coragem. Fiquei intimidado pelo homem. Finalmente, reuni coragem suficiente para pedir ao garoto ao meu lado para explicar aquela marcha.

— Por que estamos fazendo isto?

— Não sei.

— Para onde vamos?

— Não sei.

Ninguém sabia. Durante dois anos, marchamos duas noites por semana. Mas ninguém sabia para onde estávamos indo e o porquê. Apenas sabíamos que, se quiséssemos cantar, era melhor acertarmos o passo.

Isso é legalismo.

O legalismo é rígido. É uniforme. Ele é mecânico — e ele não vem de Deus.

Posso lhe mostrar o lado baixo e sujo do legalismo?

O legalismo não precisa de Deus. O legalismo é a busca da inocência — não do perdão. Ele é um processo sistemático de defesa do eu, de

explicação do eu, de exaltação e de justificação do eu. Os legalistas são obcecados pelo ego — não por Deus.

O legalismo:

Transforma a minha opinião no seu fardo. Só há lugar para uma opinião neste barco, e adivinhe quem está errado?

Transforma a minha opinião no seu limite. A sua opinião contrária me faz questionar não apenas o seu direito de ter comunhão comigo, mas também a sua salvação.

Transforma a minha opinião na sua obrigação. Os cristãos devem seguir as ordens da companhia. O seu trabalho não é pensar; é marchar.

Se você quer ficar no grupo, acerte o passo e não faça perguntas.

Nicodemos sabia como marchar, mas ele ansiava por cantar. Ele sabia que havia algo a mais, mas não sabia onde encontrá-lo. Então, ele foi até Jesus.

Ele foi à noite, porque temia o desprezo de seus amigos. O legalismo coloca o temor dos homens em você. Ele o torna faminto por aprovação. Você passa a estar fortemente consciente do que os outros vão dizer e pensar, e você faz o que for preciso para agradá-los. A conformidade não é divertida, mas é segura. O uniforme não cabe, mas é aprovado, então, você o usa. Você não sabe por que está marchando ou para onde está indo — mas quem é você para fazer perguntas? Então, você acerta o passo e caminha penosamente o caminho da menor resistência.

E se ousar explorar outra trilha, você precisa fazer isso à noite, como Nicodemos. Ele se esgueirou pelas sombras e se esquivou pelas ruas escuras até estar na presença de Cristo. Na conversa, Nicodemos, o famoso mestre da lei, fala apenas três vezes: uma vez para elogiar e duas para perguntar. Depois de uma vida inteira pesando os títulos das Escrituras na balança da

lógica, o erudito de repente fica mudo, enquanto Jesus abre o portão e a luz da graça inunda a catacumba.

Jesus começa revelando a fonte da espiritualidade: “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito” (v.6).

A vida espiritual não é um empreendimento humano. Ela está enraizada no Espírito Santo e é orquestrada por ele. Toda realização espiritual é criada e ativada por Deus.

A espiritualidade, Jesus diz, não vem da frequência à igreja, de boas ações ou de uma doutrina correta, mas do próprio céu. Essas palavras devem ter colocado Nicodemos na defensiva. Mas Jesus estava apenas começando.

“O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito” (v.8).

Já lhe aconteceu de uma rajada de vento vir lhe pedir ajuda? Você já viu uma tempestade de vento ao lado da estrada recobrando o fôlego? Não, nunca. O vento não pede a nossa ajuda. O vento nem sequer revela o seu destino. Ele é silencioso e invisível, e o Espírito também.

A essa altura, Nicodemos estava ficando irritado. Essa luz é brilhante demais para os olhos dele. Nós, mestres religiosos, gostamos de controlar e administrar. Gostamos de definir e delinear. A estrutura e a clareza são amigas do pregador. Mas elas nem sempre são o protocolo de Deus.

A salvação é assunto de Deus. A graça é ideia, obra e ônus dele. Ele a oferece a quem deseja, quando deseja. O nosso trabalho nesse processo é informar às pessoas, não peneirá-las.

A pergunta deve ter ficado estampada no rosto de Nicodemos. Por que Deus faria isso? O que o motivaria a oferecer um dom como esse? O que Jesus disse a Nicodemos, ele jamais poderia ter imaginado. O motivo por trás do presente do novo nascimento? Amor. “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (v.16).

Nicodemos nunca ouviu essas palavras. Nunca. Ele já discutiu a salvação muitas vezes, mas esta é a primeira vez que nenhuma regra é dada. Nenhum sistema é oferecido. Nenhum código ou ritual. “Todo aquele que crê pode ter a vida eterna em si”, Jesus disse a ele. Deus poderia ser tão generoso? Mesmo na escuridão da noite, o assombro é perceptível no rosto de Nicodemos. *Todo aquele que crê pode ter a vida eterna*. Não “todo aquele que realiza”. Não “todo aquele que tem êxito”. Não “todo aquele que concorda”. Mas “todo aquele que crê”.

Observe como Deus libera o legalista. Observe a terna firmeza do seu toque. Como um perito em agricultura, ele jogou fora com uma pá o solo pedregoso, até que um local úmido e fértil foi encontrado, e, ali, plantou uma semente, uma semente de graça.

Será que ela deu fruto? Leia o seguinte trecho e veja por si mesmo:

Ele estava acompanhado de Nicodemos, aquele que antes tinha visitado Jesus à noite. Nicodemos levou cerca de trinta e quatro quilos de uma mistura de mirra e aloés. Tomando o corpo de Jesus, os dois o envolveram em faixas de linho, com as especiarias, de acordo com os costumes judaicos de sepultamento. No lugar onde Jesus foi crucificado havia um jardim; e no jardim, um sepulcro novo, onde ninguém jamais fora colocado. Por ser o Dia da Preparação dos judeus, e visto que o sepulcro ficava perto, colocaram Jesus ali. (João 19:39-42)

É estranho como um homem pode percorrer um círculo completo no Reino. Aquele que havia ido à noite, agora, aparece à luz do dia. Aquele que se esgueirou pelas sombras para se encontrar com Jesus, agora, vai até à cruz para servir a Jesus. E aquele que havia recebido a semente da graça, agora, planta a maior semente de todas — a semente da vida eterna.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Leia João 3:2. Por que você acha que Jesus ignorou o comentário de Nicodemos e, em vez disso, respondeu: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”?
2. Comente a seguinte declaração: “O legalismo é uma tortura lenta, o sufocamento do espírito, a amputação dos sonhos de uma pessoa.” Se você já sentiu as garras do legalismo, explique sua experiência.
3. Leia Colossenses 2:20-23. Por que você acha que é tão facilmente atraído de volta para o legalismo? Qual é a única maneira de permanecer livre dele?
4. Leia Gálatas 5:1-6. Como essa passagem ensina que a salvação não pode ser alcançada por meio de uma mistura de fé e obras?
5. Como João 19:39-42 prova que Nicodemos finalmente escapou da armadilha do legalismo? Como ele escapou das garras dele?

Capítulo 12
ANANIAS E SAULO

Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo.

— ATOS 9:17

NÃO REJEITE NINGUÉM

ANANIAS CORRE PELAS RUAS ESTREITAS DE DAMASCO.¹⁰ Sua barba densa e eriçada não esconde o seu rosto sério. Os amigos chamam quando ele passa, mas ele não para. Ananias murmura enquanto caminha:

— Saulo? Saulo? De jeito nenhum. Não pode ser verdade.

Ele se pergunta se ouviu mal as instruções. Imagina se deve voltar e avisar à sua esposa. Imagina se deve parar e dizer a alguém para onde está indo, caso nunca volte. Mas ele não faz isso. Os amigos o chamariam de louco. Sua esposa lhe diria para não ir.

Mas ele precisa ir. Ele corre pelo espaço cheio de galinhas, camelos altos e pequenos burricos. Passa pela loja do alfaiate e não responde à saudação do curtidor. Ele continua seguindo em frente até chegar a uma rua chamada Direita. A hospedaria tem arcos baixos e quartos grandes com colchões. Boa, segundo os padrões de Damasco; o lugar de escolha para qualquer pessoa de importância ou poder, e Saulo com certeza é as duas coisas.

Ananias e os outros cristãos haviam se preparado para a chegada dele. Alguns dos discípulos haviam deixado a cidade. Outros foram se esconder. A reputação de Saulo como assassino de cristãos o precedia. Mas e quanto à ideia de “Saulo, o seguidor de Cristo”?

Esta havia sido a mensagem da visão. Ananias a relembra mais uma vez. “Vá à casa de Judas, na rua chamada Direita, e pergunte por um homem de Tarso chamado Saulo. Ele está orando; numa visão viu um homem chamado Ananias chegar e impor-lhe as mãos para que voltasse a ver” (Atos 9:11-12).

Ananias quase engasgou com o seu pão ázimo. *Isto não é possível!* Ele lembrou a Deus sobre o coração duro de Saulo. “Senhor, tenho ouvido muita coisa a respeito desse homem e de todo o mal que ele tem feito aos teus santos em Jerusalém” (v. 13). Saulo, um cristão? Com certeza, tão certo quanto uma tartaruga pode aprender a dançar uma polca.

Mas Deus não estava brincando. “Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel” (v.15).

Ananias reavalia as palavras enquanto anda. O nome “Saulo” não casa bem com *instrumento escolhido*. Saulo, o cabeça-dura — esse sim. Saulo, o crítico — tudo bem. Mas, Saulo, o instrumento escolhido? Ananias balança a cabeça diante desse pensamento. Mas agora ele já está na metade do caminho, descendo a Rua Direita e considerando seriamente a hipótese de voltar e ir para casa. Ele teria feito isso, a não ser pelo fato de que dois guardas o viram.

— O que o traz aqui? — eles gritaram do segundo andar e ficaram atentos. Seus rostos estão frios e cheios de inquietação.

Ananias sabe quem eles são — soldados do templo. Companheiros de viagem de Saulo.

— Fui enviado para ajudar o rabi.

Eles abaixam suas lanças.

— Espero que consiga fazer isso. Algo aconteceu com ele. Ele não come nem bebe. Mal fala.

Ananias não pode voltar agora. Ele sobe os degraus de pedra. O guarda sobe ao lado dele, e Ananias passa pela porta. Ele engole em seco diante do que vê. Um homem magro, sentado de pernas cruzadas no chão,

meio encoberto por um raio de luz do sol. Bochechas côncavas e lábios secos, ele balança para frente e para trás, murmurando uma oração.

— Há quanto tempo ele está assim?

— Há três dias.

A cabeça de Saulo parece grande para os seus ombros. Ele tem um nariz pontiagudo e sobrancelhas grossas. A comida no prato e a água na taça estão no chão, intocadas. Seus olhos sobressaem das órbitas, olhando na direção de uma janela aberta. Estão cobertos por uma névoa, como uma crosta. Saulo nem mesmo espanta as moscas de seu rosto. Ananias hesita. Se isso for uma armadilha, ele já passou a fazer parte da história. Se não, aquele instante é histórico.

Este encontro merece algo especial: um toque de tambores, uma reprodução nos vitrais da janela de uma igreja, algumas páginas em um livro chamado *Você, em um Banco de Igreja?* Antes de lermos sobre Agostinho e a voz da criança ou sobre C.S. Lewis e os Inklings,¹¹ precisamos ler sobre Saulo — o obstinado Saulo e o discípulo que se arriscou por ele.

Ninguém poderia culpar Ananias por sua relutância. Saulo via os cristãos como transmissores de uma praga. Ele estava ao lado do sumo sacerdote no julgamento de Estevão. Ele segurou as capas dos que atiravam pedras na sua execução. Ele acenou confirmando o último suspiro de Estevão. E quando o Sinédrio precisou de um assassino de aluguel para aterrorizar a igreja, Saulo se ofereceu como voluntário. Ele se tornou o Anjo da Morte. Ele se lançou sobre os cristãos com fúria e “respirava ameaças de morte” (Atos 9:1). Ele “perseguiu com violência a igreja de Deus, procurando destruí-la” (Gálatas 1:13).

Ananias sabia o que Saulo havia feito à igreja de Jerusalém. O que ele estava prestes a saber, porém, é o que Jesus havia feito a Saulo no caminho para Damasco.

A viagem havia sido ideia de Saulo. A cidade havia visto um grande número de conversões. Quando a palavra acerca do avivamento chegou até Saulo, ele fez este pedido: “Enviem-me.” Então, o ardente jovem hebreu saiu de Jerusalém em sua primeira viagem missionária, determinado pelo Inferno a fazer parar a Igreja. A jornada até Damasco era longa, 241 quilômetros. Saulo provavelmente ia a cavalo, tomando o cuidado de contornar as aldeias dos gentios. Aquela era uma jornada santa.

Também era uma jornada quente. As terras baixas entre o Monte Hermom e Damasco podiam derreter prata. O sol penetrava como lanças; o calor fazia ondas no horizonte. Em algum ponto de sua trilha sedenta, Jesus derrubou Saulo ao chão e lhe perguntou: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” (Atos 9:4).

Saulo pressionou os punhos nos olhos como se eles estivessem cheios de areia. Ele caiu de joelhos e baixou a cabeça até o chão. “Quem és tu, Senhor?” Ele respondeu: ‘Eu Sou Jesus, a quem você persegue’” (v. 5). Quando Saulo ergueu a cabeça para olhar, o centro vital de seus olhos havia desaparecido. Ele estava cego. Ele tinha o olhar vago de uma estátua romana.

Seus guardas correram para ajudá-lo. Eles o conduziram até a hospedaria em Damasco e subiram as escadas com ele.

Quando Ananias chegou, o cego Saulo havia começado a ver Jesus sob uma luz diferente.

Ananias entra e se senta no chão de pedra. Ele toma a mão do ex-terrorista e a sente tremer. Observa os lábios trêmulos de Saulo. Notando a espada e a lança depositadas em um canto, Ananias percebe que Cristo já havia feito a obra. Tudo que resta é que Ananias mostre a Saulo o próximo passo. “Irmão Saulo...” (Como essas palavras devem ter soado doces. Saulo com certeza chorou ao ouvi-las).

Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do

Espírito Santo. (v. 17)

As lágrimas correm como um mar contra as crostas nos olhos de Saulo. A cobertura escamosa se solta e cai. Ele pisca e vê o rosto de seu novo amigo.

Em menos de uma hora, ele está saindo das águas do batismo. Dentro de alguns dias, ele está pregando em uma sinagoga. O primeiro de mil sermões. Saulo logo se torna Paulo, e Paulo prega nas colinas de Atenas, escreve cartas nas entranhas de prisões e, finalmente, gera uma genealogia de teólogos, inclusive Aquino, Lutero e Calvino.

Deus usou Paulo para tocar o mundo. Mas, primeiro, ele usou Ananias para tocar em Paulo. Deus lhe deu uma missão semelhante? Deus lhe deu um Saulo?

Uma mãe, recentemente, me falou sobre seu filho. Ele está cumprindo pena em uma unidade de segurança máxima por roubo. Todos, até seu pai, desistiram do jovem. Mas sua mãe tem uma visão diferente. Ela realmente acha que os melhores anos de seu filho estão à frente dele.

— Ele é um bom garoto — disse ela com firmeza. — Quando ele sair dali vai fazer algo com sua vida.

Outro Saulo, outro Ananias.

Encontrei com um amigo em uma livraria. Ele comemorou, recentemente, seu aniversário de cinquenta anos. Ele chorou enquanto descrevia a santa com quem havia se casado, e o idiota com quem sua mulher havia se casado.

— Eu não acreditava em Deus. Eu não tratava as pessoas com respeito. Seis semanas depois de casado, voltei para casa um dia e encontrei-a chorando na banheira por causa do erro que havia cometido. Mas ela nunca desistiu de mim.

Outro Saulo, outro Ananias.

E você? Todos os outros rejeitaram o seu Saulo. “Ele foi longe demais.” “Ela é dura demais... viciada demais... velha demais... fria demais.” Ninguém

faz uma oração pelo seu Saulo. Mas você está começando a entender que, talvez, Deus esteja trabalhando por trás, dos bastidores. Talvez seja cedo demais para jogar a toalha... Você começa a acreditar.

Enfrente esses pensamentos.

José enfrentou. Seus irmãos o venderam para ser escravo no Egito. Mas ele lhes deu as boas-vindas no seu palácio.

Davi enfrentou. O Rei Saul tinha uma inimizade contra Davi, mas Davi tinha um lugar de ternura para Saul. Ele o chamava de “o ungido do Senhor” (1Samuel 24:10).

Oseias enfrentou. Sua esposa, Gomer, era a rainha do bairro da luz vermelha, mas Oseias manteve a porta da frente aberta. E ela voltou para casa.

É claro que ninguém acreditou nas pessoas mais do que Jesus. Ele viu algo em Pedro que valia a pena desenvolver, viu na mulher adúltera algo que valia a pena perdoar, e em João algo que valia a pena controlar. Ele viu algo no ladrão na cruz, e o que ele viu valia a pena salvar. E na vida de um extremista de olhos arregalados, sedento por sangue, ele viu um apóstolo da graça. Ele acreditou em Saulo. E ele acreditou em Saulo através de Ananias.

“Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo” (Atos 9:17).

Não desista do seu Saulo. Quando as pessoas o rejeitarem, dê outra chance a ele. Permaneça forte. Chame-o de *irmão*. Chame-a de *irmã*. Fale ao seu Saulo sobre Jesus e ore. E lembre-se disto: Deus nunca o envia para onde ele ainda não tenha estado. Quando você chegar ao seu Saulo, quem sabe o que você encontrará.

Minha história favorita do tipo Ananias envolve dois colegas de quarto da faculdade. O Ananias dessa história era uma alma tolerante. Ele tolerava a embriaguez de seu amigo até tarde da noite, os seus vômitos à meia-noite e o seu sono até meio-dia. Ele não reclamava quando seu amigo

desaparecia no fim de semana ou fumava no carro. Ele poderia ter pedido um colega de quarto que frequentasse mais a igreja ou que falasse menos palavrões, ou que se importasse com outra coisa além de impressionar as garotas.

Mas aquele rapaz decidiu ficar com o seu Saulo pessoal, parecendo pensar que algo podia acontecer se o sujeito conseguisse acertar a vida. Então, ele continuava a limpar a bagunça, a convidar seu colega de quarto para a igreja e a consertar o que ele havia feito.

Não me lembro de uma luz brilhante ou de uma voz alta. Nunca viajei por uma estrada deserta até Damasco. Mas lembro-me claramente de Jesus me derrubando do meu banco e acendendo a luz. Levou quatro semestres, mas o exemplo de Steve e a mensagem de Jesus, finalmente, chegaram ao seu destino.

Então, se este livro eleva o seu espírito, você pode agradecer a Deus pelo meu Ananias, Steve Green. E, mais ainda, você pode ouvir essa voz em seu coração e procurar no seu mapa uma rua chamada Direita.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Cite uma pessoa muito pública ou famosa que ninguém espera que se converta ao Cristianismo. Por que parece tão improvável que essa pessoa se torne cristã?
2. Conte uma história sobre si mesmo ou sobre alguém que você conheça pessoalmente que se converteu a Deus de forma radical e inesperada.
3. “Deus lhe deu um Saulo?” Existe alguém em sua vida a quem a maioria das pessoas descartou ou de quem desistiu? Como você poderia ser um Ananias para essa pessoa?
4. O que a Bíblia diz sobre estender a mão às pessoas necessitadas? Como você pode ser mais sensível aos apelos do Pai nessa área?
5. Como você descreveria a sua conversão? Ela foi repentina ou gradual? O que você está fazendo para ajudar outros a se converterem?

Capítulo 13

DAVI

Então Davi disse a Natã: “Pequei contra o Senhor!” E Natã respondeu: “O Senhor perdoou o seu pecado. Você não morrerá.”

— 2 SAMUEL 12:13

QUEDAS COLOSSAIS

O QUE O VATICANO DARIA PELO NOME DO PAPA? Rogers Cadenhead buscou uma resposta a essa pergunta. Quando o Papa João Paulo morreu, aquele que se autodenominava um “acumulador de domínios” registrou o domínio www.BenedictXVI.com antes que o nome do novo papa fosse anunciado. Cadenhead o garantiu antes que Roma soubesse que precisavam dele.

Ter o nome de domínio correto pode provar ser lucrativo. Outro nome, www.PopeBenedictXVI.com, ultrapassou os dezesseis mil dólares no eBay. Cadenhead, porém, não queria dinheiro. Sendo ele próprio um católico, ele se sente feliz com o fato de a igreja reconhecer o nome. “Vou tentar evitar a ira de 1.1 bilhão de católicos e minha avó”, ele ironizou.

Ele gostaria de algo em troca, porém. Em troca, Cadenhead visava:

1. “um daqueles chapéus”;
2. “uma estadia gratuita no hotel do Vaticano”;
3. “absolvição total, sem perguntas, quanto à terceira semana de março de 1987”.¹²

Isso nos faz imaginar o que deve ter acontecido naquela semana, não é? Talvez, isso faça você se lembrar de uma semana em sua própria vida. A

maioria de nós tem uma, ou mais.

Um verão louco, um mês fora dos eixos, dias selvagens. Se existisse uma caixa de vídeos documentando cada segundo da sua vida, que vídeos você queimaria? Houve um período em sua vida em que você se entregou ao desejo, bebeu ou usou drogas?

O Rei Davi teve. Poderia uma queda ser pior do que a dele? Ele seduz e engravida Bate-Seba, assassina seu marido e engana o seu general e os seus soldados. Depois, ele se casa com ela. Ela tem um filho.

O disfarce parece estar completo. Um observador casual não detecta qualquer motivo de preocupação. Davi tem uma nova esposa e uma vida feliz. Tudo parece bem no trono. Mas nem tudo está bem no coração de Davi. A culpa ferve lentamente. Mais tarde, ele descreverá esse período de pecado secreto em termos gráficos:

Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer.

Pois dia e noite a tua mão pesava sobre mim; minhas forças foram-se esgotando como em tempo de seca. (Salmos 32:3-4).

A alma de Davi parece uma árvore no inverno. Estéril. Infrutífera. Envoltas em um tom cinzento. Sua harpa fica sem ser tocada. Sua esperança está em hibernação. O sujeito é uma ruína ambulante. A sua “terceira semana de março” o espreita como uma matilha de lobos. Ele não consegue fugir dela. Por quê? Porque Deus continua trazendo o assunto à tona.

Sublinhe o último versículo de 2Samuel capítulo 11: “Mas o que Davi fez desagradou ao Senhor” (v. 27). Com essas palavras, o narrador introduz um novo personagem no drama de Davi e Bate-Seba: Deus. Até ali, ele estava ausente do texto e não havia sido mencionado na história.

Davi seduz — não há menção a Deus. Davi planeja — nenhuma menção a Deus. Urias é enterrado, Bate-Seba se casa — nenhuma menção a Deus. Ninguém fala com Deus. Deus não fala. A primeira metade do versículo 27 engana o leitor no sentido de um falso final feliz: Bate-Seba “se tornou sua mulher e teve um filho dele”. Eles decoram o quarto da criança e escolhem nomes em uma revista. Nove meses se passam. Um filho nasce. E concluímos: Davi escapou por um triz. Os anjos colocaram essa história no arquivo intitulado “Meninos sempre serão meninos”. Deus fingiu que não viu. Mas, exatamente quando pensávamos isso e Davi esperava que assim fosse... alguém sai de trás da cortina e assume o lugar central do palco. “Mas o que Davi fez desagradou ao Senhor.”

Deus não vai ficar mais em silêncio. O nome não mencionado até o versículo final do capítulo 11 domina o capítulo 12. Davi, o “emissário”, se senta, enquanto Deus assume o controle.

Deus envia Natã a Davi. Natã é um profeta, um pregador, o capelão da Casa Branca. O homem merece uma medalha por ter ido até o rei. Ele sabe o que havia acontecido com Urias. Se Davi havia matado um soldado inocente... o que ele fará com um pregador que o confrontar?

Ainda assim, Natã vai. Em vez de declarar o fato, ele conta a história de um pobre homem que tinha uma ovelha. Davi faz a relação instantaneamente. Ele pastoreava rebanhos antes de dirigir pessoas. Ele conhece a pobreza. Ele é o filho mais novo de uma família pobre demais para contratar um pastor. Natã conta a Davi como o pobre pastor amava aquela ovelha — segurando-a no seu próprio colo, alimentando-a do seu próprio prato. Ela era tudo que ele tinha.

Enquanto a história prossegue, entra em cena o sujeito rico. Um viajante passa pela sua mansão, e ele decide preparar um banquete. Em vez de matar uma ovelha do seu próprio rebanho, o homem rico manda seus guardas roubarem o animal do pobre homem. Eles entram na propriedade do homem, arrebatam a ovelha e assam o churrasco.

Enquanto Davi ouve, os pelos do seu pescoço se eriçam. Ele agarra os braços do trono e dá um veredito sem julgamento: ele mordeu a isca. “O homem que fez isso merece a morte! Deverá pagar quatro vezes o preço da cordeira, porquanto agiu sem misericórdia!” (2Samuel 12:5-6).

Ah, Davi, você não viu que isso estava para acontecer, não foi? Você não viu Natã construindo a força nem jogando a corda sobre a viga. Você não sentiu quando ele amarrou suas mãos atrás de suas costas, o conduziu a subir os degraus e o colocou direto diante da armadilha. Só quando ele apertou o nó em volta do seu pescoço foi que você engoliu em seco. Só quando Natã apertou a corda com estas quatro palavras:

“Você é esse homem!” (v. 7).

O rosto de Davi empalidece; seu pomo de Adão se mexe. Uma gota de suor se forma em sua testa. Ele se reclina em sua cadeira. Ele não se defende. Não dá resposta. Não tem nada a dizer. Deus, entretanto, está apenas limpando a garganta. Por intermédio de Natã, ele proclama:

Eu o ungi rei de Israel e o librei das mãos de Saul. Dei-lhe a casa e as mulheres do seu senhor. Dei-lhe a nação de Israel e Judá. E, se tudo isso não fosse suficiente, eu lhe teria dado mais ainda. Por que você desprezou a palavra do Senhor, fazendo o que ele reprova? Você matou Urias, o hitita, com a espada dos amonitas e ficou com a mulher dele! (vv.7-9).

As palavras de Deus refletem dor, não ódio; perplexidade, não depreciação. Os seus rebanhos enchem os montes. Por que roubar? A beleza povoa o seu palácio. Por que tomá-la de outra pessoa? Por que os ricos roubam? Davi não tem desculpas.

Então, Deus profere uma sentença:

“Por isso, a espada nunca se afastará de sua família, pois você me desprezou e tomou a mulher de Urias, o hitita, para ser sua mulher.” Assim diz o Senhor: “De sua própria família trarei desgraça sobre você. Tomarei as suas mulheres diante dos seus próprios olhos e as darei a outro; e ele se deitará com elas em plena luz do dia. Você fez isso às escondidas, mas eu o farei diante de todo o Israel, em plena luz do dia.” (vv. 10-12)

Daquele dia em diante, o caos e a tragédia marcaram a família de Davi. Até o filho do seu adultério morrerá (v. 18). Ele deve morrer. As nações que o cercam agora questionam a santidade do Deus de Davi. Davi havia manchado a reputação de Deus, maculado a honra de Deus. E Deus, que protege zelosamente a sua glória, pune o pecado público de Davi de maneira pública. A criança perece. O rei de Israel descobre a dura verdade de Números 32:23: “... estejam certos de que vocês não escaparão do pecado cometido.”

Você já descobriu que isso é verdade? A sua semana obstinada de março de 1987 o persegue? Contamina você? As quedas colossais não vão nos deixar em paz. Elas vêm à tona como uma bolha na pele.

Certa vez, aconteceu com meu irmão. Nos seus anos de ensino médio, ele teve um furúnculo. O pus venenoso surgiu na parte de trás do seu pescoço como um pequeno Monte Fuji. Minha mãe, que era enfermeira, sabia do que a bolha precisava — ser apertada com força. Dois dedões todas as manhãs. Quanto mais ela pressionava, mais ele gritava. Mas ela não parou até que o carnegão da bolha pulou para fora.

Credo, Max, obrigado pela bela imagem.

Sinto muito ser tão ilustrativo, mas preciso enfatizar este ponto. Se você acha que minha mãe foi dura... experimente as mãos de Deus. O pecado não confessado fica em nosso coração como uma bolha de pus, envenenando, se expandindo. E Deus, com dedões graciosos, aplica a pressão:

“O caminho do infiel é áspero” (Provérbios 13:15).

“... quem cultiva o mal e semeia maldade, isso também colherá” (Jó 4:8).

Deus tira o seu sono, a sua paz. Ele tira o seu descanso. Quer saber por quê? Porque ele deseja tirar o seu pecado. Uma mãe pode ficar sem fazer nada, enquanto as toxinas invadem seu filho? Deus pode ficar sentado passivamente, enquanto o pecado envenena os seus? Ele não descansará até que façamos o que Davi fez: confessar o nosso erro. “Então Davi disse a Natã: ‘Pequei contra o Senhor!’ E Natã respondeu: ‘O Senhor perdoou o seu pecado. Você não morrerá’” (2Samuel 12:13).

Interessante. Davi condenou o ladrão de ovelhas imaginário à morte. Deus é mais misericordioso, pois ele colocou de lado o pecado de Davi. Em vez de encobri-lo, ele o levantou e colocou-o de lado. “Como o Oriente está longe do Ocidente, assim ele afasta para longe de nós as nossas transgressões. Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o Senhor tem compaixão dos que o temem” (Salmos 103:12-13).

Levou um ano para Davi. Foi preciso uma gravidez inesperada, a morte de um soldado, a persuasão de um pregador, o aprofundamento e a pressão de Deus, mas o coração duro de Davi finalmente abrandou-se, e ele confessou: “Pequei contra o Senhor!” (2Samuel 12:13).

E Deus fez com o pecado o que ele faz com o seu e com o meu — ele o removeu.

É hora de colocar a sua “terceira semana de Março de 1987” para descansar. Faça uma reunião entre três pessoas: você, Deus e a sua memória. Coloque o erro diante do trono do julgamento de Deus. Deixe que ele o condene, deixe que ele o perdoe e deixe que ele o remova.

Ele fará isso. E você não precisa ser o papa para que ele faça isso.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Max escreveu: “Davi seduz — não há menção a Deus. Davi planeja — nenhuma menção a Deus. Urias é enterrado, Bate-Seba se casa — nenhuma menção a Deus. Ninguém fala com Deus. Deus não fala.” Por que você acha que Deus não fala com Davi durante toda essa ação maligna? Por que ele está em silêncio?
2. Leia o Salmo 32:3-5. Como Davi se sentiu durante o tempo em que ele tentou encobrir seu pecado? Como Deus respondeu quando Davi finalmente o confessou?
3. Quando pensa nos pecados ocultos em sua vida, você teme que Deus não o perdoe ou que você tenha pecado tanto que nunca possa ser usado por Deus? Leia 2Samuel 11:27; 12:25. Qual foi a primeira coisa que Davi fez logo após muitos meses de rebelião voluntária (12:13)? Como Deus respondeu a ele?
4. Você já sofreu uma queda colossal? Nesse caso, que passos você deu para se recuperar dela?
5. Existe algum pecado no seu passado recente que você ainda precise citar, confessar e abandonar? Nesse caso, como Max diz: “Coloque o erro diante do trono do julgamento de Deus. Deixe que ele o condene, deixe que ele o perdoe e deixe que ele o remova.”

Capítulo 14
OS IRMÃOS DE JESUS

*Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e
minha mãe.*

— MARCOS 3:35

FAMÍLIAS HOSTIS ENCONTRAM PAZ

— **F** AÇA UMA DESCRIÇÃO, USANDO UMA IMAGEM figurativa, de um parente que realmente o incomoda.

Eu estava fazendo essa pergunta a meia dúzia de amigos que estavam sentados ao redor de uma mesa de almoço. Todos eles me olharam com uma expressão que dizia: “O que você quer dizer?” Então, expliquei a eles minha intenção.

— Sempre encontro pessoas que não conseguem lidar com alguém em suas famílias. Ou a sogra é uma bruxa, ou o tio é um chato ou eles têm um pai que os trata como se nunca tivessem nascido.

Agora eles começavam a balançar a cabeça. Estavam conseguindo entender. E as descrições começaram a surgir.

— Tenho uma descrição — um deles se ofereceu. — Um parasita grudado no meu pescoço. Minha esposa tem um irmão que nunca trabalha e sempre espera que o sustentemos.

— Um cacto usando uma camisa de seda — disse outro. — É minha mãe. Aparentemente ela é ótima. Todos a acham o máximo, mas, se você se aproximar dela, verá que é áspera, seca, e... sedenta por vida.

— Uma coluna de mármore — foi a maneira como outro descreveu uma tia. Majestosa, nobre, mas alta e dura.

— A boneca de piche do Coelho Brer — alguém respondeu.

Todos entenderam a referência, exceto eu. Eu não me lembrava da história do Coelho Brer. Pedi que me fizessem um resumo. Wily, a Raposa pregou uma peça no Coelho Brer. A raposa fez uma boneca de piche e a colocou ao lado da estrada. Quando o Coelho viu a boneca de piche, ele pensou que era uma pessoa e parou para visitá-la.

Foi uma conversa unilateral. O silêncio da boneca de piche incomodou o coelho. Ele não conseguia suportar o fato de estar perto de alguém e não se comunicar com essa pessoa. Então, em sua frustração, ele encostou na boneca de piche e ficou grudado nela. Ele segurou a boneca de piche de novo com a outra mão e, você já descobriu, a outra mão ficou presa.

— É assim que somos com os parentes difíceis — explicou o meu amigo que estava usando aquela fábula como exemplo. — Ficamos presos a alguém com quem não conseguimos nos comunicar.

Presos é a palavra correta. Não é como se fossem vizinhos dos quais podemos nos afastar, ou empregados que podemos demitir. Eles são parte da família. E você pode escolher seus amigos, mas não pode... bem, você sabe.

É provável que você saiba muito bem.

É provável que você tenha uma boneca de piche em sua vida, alguém com quem você não consegue falar e de quem não pode se afastar. Uma mãe que se lamenta, um tio que toma a sopa fazendo barulho ou uma irmã que se gaba do seu corpo. Um pai que ainda está esperando que você consiga um emprego de verdade ou uma sogra que se pergunta por que sua filha se casou com você.

Todos esses são relacionamentos boneca de piche — grudados em você, mas desmoronando.

É como um elevador lotado. Pessoas coladas pelo acaso em uma viagem curta, dizendo o mínimo possível. A única diferença é que você, em algum momento, sairá do elevador e nunca mais verá aquelas pessoas — o

que não acontece com os parentes difíceis. Há as reuniões em família. O Natal. A Páscoa, os casamentos, os funerais — elas estarão lá.

E você estará lá, escolhendo as perguntas difíceis. Por que a vida com os parentes se torna tão difícil? Se esperamos que alguém seja sensível às nossas necessidades, são os membros da nossa família. Quando sofremos fisicamente, queremos que a nossa família reaja. Quando temos lutas emocionais, queremos que a nossa família saiba.

Mas, às vezes, eles agem como se não soubessem. Às vezes, eles agem como se não se importassem.

Em seu livro *Irregular People* [Pessoas irregulares, em tradução livre], Joyce Landorf conta sobre uma mulher na casa dos trinta anos que soube que precisaria ser submetida a uma mastectomia. Ela e sua mãe raramente se comunicavam, por isso, a filha estava apreensiva em lhe dar a notícia. Um dia, no almoço, ela decidiu revelar a notícia.

— Mãe, acabo de saber que vou fazer uma mastectomia.

A mãe ficou em silêncio. A filha perguntou se ela havia ouvido. A mãe balançou a cabeça. Então, ela, calmamente, mudou de assunto dizendo:

— Sabe, a sua irmã tem a melhor receita de torta de frango.

O que você pode fazer quando os que são mais próximos de você mantêm distância? O que fazer quando você consegue conviver com outros, mas você e sua família não conseguem se relacionar?

Jesus tem alguma coisa a dizer sobre como lidar com parentes difíceis? Existe um exemplo de Jesus levando paz a uma família difícil? Sim, existe.

A sua própria família.

Talvez o surpreenda saber que Jesus tinha uma família difícil. Talvez o surpreenda saber que Jesus tinha uma família! Talvez você não esteja ciente de que Jesus tinha irmãos e irmãs. Ele tinha. Citando os críticos da cidade natal de Jesus, Marcos escreveu: “Não é este [Jesus] o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão? Não estão aqui conosco as suas irmãs?” (Marcos 6:3).

E, talvez, o surpreenda saber que essa família não era nada perfeita. Se a sua família não o apreciava, anime-se, a de Jesus também não o apreciava. “Só em sua própria terra, entre seus parentes e em sua própria casa, é que um profeta não tem honra” (v. 4).

Eu me pergunto o que ele quis dizer quando disse “em sua própria casa”. Ele ia à sinagoga onde lhe pediam para falar. As pessoas sentiam orgulho porque aquele garoto de sua cidade natal havia sido bem-sucedido — até que ouviam o que ele dizia. Ele se referia a si mesmo como o Messias, aquele que cumpriu a profecia.

A reação deles? “Este não é o filho de José?” Tradução: este não é nenhum Messias! Ele é exatamente como nós! Ele é o filho do encanador que mora na nossa rua. Ele é o contador do terceiro andar. Ele é o operário de obra que namorava a minha irmã. Deus não fala através de pessoas conhecidas.

Em um instante, ele era um herói, no outro, um herege. Veja o que acontece em seguida. “Levantaram-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o topo da colina sobre a qual fora construída a cidade, a fim de atirá-lo precipício abaixo. Mas Jesus passou por entre eles e retirou-se” (Lucas 4:29-30).

Que momento feio! Os amigos da vizinhança de Jesus tentaram matá-lo. Mas ainda mais feio do que o que vemos é o que não vemos. Observe o que está faltando nesse versículo. Observe que palavras deveriam estar ali, mas não estão. “E o levaram até o topo da colina sobre a qual fora construída a cidade, a fim de atirá-lo precipício abaixo, mas os irmãos de Jesus chegaram e o defenderam”.

Gostaríamos de ler isso, mas não podemos, porque não é o que a Bíblia diz. Não foi isso que aconteceu. Quando Jesus tinha problemas, seus irmãos ficavam invisíveis.

Contudo, eles não ficavam sempre invisíveis. Houve um tempo em que eles falaram. Houve um momento em que foram vistos com ele em

público. Não porque sentissem orgulho dele, mas porque tinham vergonha dele. “Quando seus familiares ouviram falar disso, saíram para trazê-lo à força, pois diziam: ‘Ele está fora de si’” (Marcos 3:21).

Os irmãos de Jesus pensavam que seu irmão era um lunático. Eles não tinham orgulho — eles ficavam constrangidos!

“Ele está fora de si, mãe. Você precisa ouvir o que as pessoas estão dizendo sobre ele.”

“As pessoas dizem que ele é louco.”

“Sim, alguém me perguntou por que não fazemos alguma coisa a respeito.”

“É bom que o papai não esteja por perto para ver o que Jesus está fazendo.”

Palavras dolorosas ditas pelos que eram mais próximos de Jesus.

Eis mais algumas:

Os irmãos de Jesus lhe disseram: Você deve sair daqui e ir para a Judeia, para que os seus discípulos possam ver as obras que você faz. Ninguém que deseja ser reconhecido publicamente age em segredo. Visto que você está fazendo estas coisas, mostre-se ao mundo. Pois nem os seus irmãos criam nele. (João 7:3-5)

Ouça o sarcasmo nessas palavras! Elas exalam zombaria. Como Jesus tolera esses caras? Como você pode acreditar em si mesmo quando aqueles que o conhecem melhor não acreditam? Como você pode seguir em frente quando a sua família quer puxar você para trás? Quando você e sua família têm planos diferentes, o que você faz?

Jesus nos dá algumas respostas.

Vale a pena notar que ele não tentava controlar o comportamento de sua família, nem permitia que o comportamento deles o controlasse. Ele não

exigia que eles concordassem com ele. Ele não ficava aborrecido quando eles o insultavam. Ele não fazia do desejo de agradar-lhes a sua missão.

Cada um de nós tem a fantasia de que a nossa família será como uma família perfeita, e a expectativa de que os nossos amigos mais queridos serão os nossos parentes mais chegados. Jesus não tinha essa expectativa. Veja como ele definia sua família: “Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Marcos 3:35).

Quando os irmãos de Jesus não compartilhavam das suas convicções, ele não tentava obrigá-los. Ele reconhecia que sua família espiritual poderia suprir o que a sua família natural não podia. Se o próprio Jesus não podia obrigar sua família a compartilhar das suas convicções, o que o faz pensar que você pode obrigar a sua?

Não podemos controlar a maneira como a nossa família reage a nós. No que se refere ao comportamento dos outros para conosco, estamos de mãos atadas. Temos de ir além da expectativa ingênua de que, se fizermos o que é certo, as pessoas nos tratarão corretamente. O fato é que elas podem nos tratar assim ou não. Não podemos controlar a maneira como as pessoas reagem a nós.

Se o seu pai é um idiota, você pode ser a melhor filha do mundo e ele, ainda assim, não dirá isso a você.

Se sua tia não gosta da sua carreira, você pode trocar de emprego doze vezes e, ainda assim, não satisfazê-la.

Se a sua irmã está sempre reclamando do que você tem e ela não tem, você poderia dar tudo a ela e, ainda assim, ela poderá não mudar.

Enquanto achar que pode controlar o comportamento das pessoas com relação a você, você está cativo da opinião delas. Se acha que pode controlar a opinião delas e a opinião delas não é positiva, então adivinhe quem você tem de culpar? A si mesmo.

É um jogo de regras injustas e finais fatais. Jesus não entrou neste jogo, e você também não deve entrar.

Não sabemos se José apoiava Jesus em seu ministério — mas sabemos que Deus apoiava: “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado” (Mateus 3:17).

Não posso lhe garantir que a sua família, algum dia, lhe dê a benção que você busca, mas sei que Deus o fará. Deixe Deus lhe dar o que a sua família não dá. Se o seu pai terreno não o apoia, então deixe que o seu Pai celestial tome o lugar dele.

Como fazer isso? Aceitando emocionalmente Deus como seu Pai. Veja bem, uma coisa é aceitá-lo como Senhor, outra é reconhecê-lo como Salvador — mas é outra questão, totalmente diferente, aceitá-lo como Pai.

Reconhecer Deus como Senhor é reconhecer que ele é soberano e supremo no Universo. Aceitá-lo como Salvador é aceitar o seu dom da salvação oferecido na cruz. Vê-lo como Pai é ir um passo além. Em condições ideais, um pai é aquele em sua vida que supre e protege. Foi exatamente isso que Deus fez.

Ele supriu as suas necessidades (Mateus 6:25-34). Ele o protegeu do mal (Salmos 139:5). Ele adotou você (Efésios 1:5). E ele lhe deu um nome (1João 3:1).

Deus provou ser um pai fiel. Agora, cabe a nós sermos filhos que confiam nele. Deixe que Deus lhe dê o que a sua família não lhe dá. Deixe que ele preencha o vazio que outros deixaram. Dependendo dele para lhe dar apoio e encorajamento. Veja as palavras de Paulo: “Assim, você já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, *Deus também o tornou herdeiro*” (grifo do autor).

Ter a aprovação da sua família é desejável, mas não necessário para se ter felicidade — e nem sempre é possível. Jesus não permitiu que a difícil dinâmica de sua família ofusasse o chamado que Deus tinha para a sua vida. E, por ele não ter feito isso, este capítulo tem um final feliz.

O que aconteceu com a família de Jesus?

Explore comigo uma pepita de ouro em um veio do livro de Atos. “Então eles voltaram para Jerusalém, vindo do monte chamado das Oliveiras, que fica perto da cidade, cerca de um quilômetro... Todos eles se reuniam sempre em oração, com as mulheres, *inclusive Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele*” (Atos 1:12,14, grifo do autor).

Que mudança! Aqueles que o ridicularizavam agora o adoravam. Aqueles que tinham pena dele agora oravam a ele. E se Jesus os tivesse deserdado? Ou, pior ainda, e se ele tivesse sufocado sua família exigindo que eles mudassem?

Ele não fez isso. Ao invés disso, Jesus lhes deu espaço, tempo e graça. E, por ter feito isso, eles mudaram. Quanto eles mudaram? Um irmão se tornou apóstolo (Gálatas 1:19) e os outros se tornaram missionários (1Coríntios 9:5).

Portanto, não desanime. Deus ainda transforma famílias. Uma boneca de piche hoje pode ser o seu melhor amigo amanhã.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Você tem algum parente do tipo “boneca de piche”? Nesse caso, o que dificulta sua comunicação com ele?
2. Como você se sente ao saber que o próprio Jesus teve uma família difícil? Qual foi a sua reação quando você leu esta declaração?
3. Volte, releia o capítulo e relacione as muitas maneiras como a família de Jesus o desonrou. Como Jesus reagia a esses insultos? O que podemos aprender com esses incidentes?
4. Max escreve: “Vale a pena notar que ele não tentava controlar o comportamento de sua família, nem permitia que o comportamento deles o controlasse.” De que maneiras esse é um princípio excelente para nós?
5. Como os membros da família de Jesus finalmente mudaram a maneira de avaliá-lo? Como isso pode nos dar esperança?

Capítulo 15

O ALEIJADO JUNTO À PORTA FORMOSA

Pedro e João olharam bem para ele...

Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se.

— ATOS 3:4,7

VEJA A NECESSIDADE. TOQUE O SOFREDOR

UMA PORTA CHAMADA FORMOSA. O homem era qualquer coisa, menos formoso.

Ele não podia andar. Tinha de se arrastar sobre os joelhos. Ele passava os dias entre o contingente de mendigos reais e falsos que cobiçavam as moedas dos adoradores que entravam no templo de Salomão.

Pedro e João estavam entre eles.

O homem necessitado viu os apóstolos, ergueu sua voz e pediu dinheiro. Eles não tinham nenhum dinheiro para dar, mas, ainda assim, pararam.

Pedro e João olharam bem para ele e, então, Pedro disse: “Olhe para nós!” (Atos 3:4). Eles fixaram os olhos nos dele com tamanha compaixão que “o homem olhou para eles com atenção, esperando receber deles alguma coisa” (v. 5). Pedro e João não o olharam de modo constrangido, não encolheram os ombros irritados, nem o repudiaram de forma depreciativa, mas o olharam de forma sincera.

É difícil olhar o sofrimento de frente. Preferiríamos nos desviar dele, certo? Olhar para o outro lado? Fixar o olhar em objetos mais agradáveis? A

dor humana não é fácil para os nossos olhos. As bochechas poeirentas do refugiado paquistanês. O olhar de olhos selvagens do órfão peruano. Ou o nó mesclado de cores claras e escuras da barba do vagabundo que Stanley e eu encontramos na Pensilvânia.

Stanley Shipp foi como um pai na fé na minha juventude. Ele era trinta anos mais velho e abençoado com um nariz bonito, lábios finos, uma faixa de cabelos brancos e um coração tão grande quanto o Oriente Médio. Seus cartões de visitas, que ele dava aos que pediam e aos que não pediam, diziam simplesmente, “Stanley Ship — Seu Servo”.

Passei o meu primeiro anos após a faculdade sob sua tutela. Uma de nossas viagens nos levou a uma pequena igreja na Pensilvânia rural para uma conferência. Ele e eu, por acaso, éramos as duas únicas pessoas no prédio quando um vagabundo, que usava o álcool como um perfume barato, bateu à porta. Ele fez o seu discurso de vítima. Excesso de qualificações para o trabalho. Desqualificado para receber pensão. Havia perdido a passagem de ônibus. Tinha problemas nas costas. Seus filhos no Kansas não se importavam. Se a má sorte fosse rock’n’roll, aquele cara seria Elvis. Cruzei os braços, dei um sorriso forçado e olhei para Stanley com um daqueles olhares tipo “dê uma olhada neste cara!”

Stanley não retribui o meu olhar. Ele dedicou cada nervo ótico ao vagabundo. Stanley não via ninguém mais a não ser ele. *Há quanto tempo, lembro-me de ter me perguntado, será que ninguém olha para este sujeito no rosto?*

Aquela saga finalmente cessou, e Stanley conduziu o homem até a cozinha da igreja e preparou-lhe um prato de comida e uma sacola de alimentos. Enquanto nós o observávamos partir, Stanley piscou reprimindo uma lágrima e respondeu aos meus pensamentos não expressos. “Max, sei que ele, provavelmente, está mentindo. Mas e se apenas uma parte da sua história for verdadeira?”

Ambos vimos o homem. Eu vi através dele. Stanley viu bem no fundo dele. Há algo fundamentalmente bom em se dedicar tempo para ver uma pessoa.

Simão, o fariseu, uma vez, desdenhou a bondade de Jesus para com uma mulher de caráter questionável. Então Jesus o testou: “Vê esta mulher?” (Lucas 7:44).

Simão não a viu. Ele viu uma mulher vil, uma prostituta, uma ordinária. Ele não viu a mulher.

O que vemos quando vemos...

- As figuras embaixo do viaduto, em volta do fogo de uma lata de lixo?
- Os novos vídeos de crianças em campos de refugiados?
- Os relatos informando que 1,75 bilhão de pessoas vivem com menos de 1,25 dólares por dia?¹³

O que vemos? “Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mateus 9:36).

Esta palavra, *compaixão*, é uma das mais estranhas da Bíblia. O dicionário do Novo Testamento Grego diz que ela significa “ser tocado nas suas entranhas... (pois se pensava que as entranhas eram a sede do amor e da piedade)”.¹⁴ A palavra compartilha do mesmo sistema de raízes da *esplancnologia*, o estudo das vísceras. A compaixão, então, é um movimento no íntimo do ser — uma pancada nos intestinos.

Talvez seja por isso que nós nos afastamos. Quem pode lidar com uma emoção como essa? Principalmente quando não podemos fazer nada a respeito. Por que olhar o sofrimento de frente se não podemos fazer a diferença?

Mas, e se pudéssemos? E se a nossa atenção pudesse diminuir a dor de alguém? Essa é a promessa do encontro.

Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande”. Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se, e imediatamente os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes. E de um salto pôs-se em pé e começou a andar. Depois entrou com eles no pátio do templo, andando, saltando e louvando a Deus. (Atos 3:6-8)

E se Pedro tivesse dito: “Já que não tenho prata nem ouro, vou ficar de boca fechada”? Mas ele não fez isso. Ele colocou o seu gesto do tamanho de uma semente de mostarda (um olhar e um toque) no solo do amor de Deus. E veja o que aconteceu.

A mão grossa e carnuda do pescador procurou a mão frágil e fina do mendigo. Pense na Capela Sistina e na mão de Deus lá no alto. Uma, vindo de cima; a outra, de baixo. Uma mão santa de ajuda. Pedro ergueu o homem em sua direção. Parecia que o homem ia cair, mas ele não caiu. Ele ficou de pé. E, quando ficou de pé, ele começou a gritar, e os que passavam começaram a parar. Eles pararam e viram o aleijado pular.

Você não acha que ele fez isso? Não a princípio, é verdade. Mas depois de um passo cauteloso, depois mais alguns, você não acha que ele saltou como se estivesse dançando? Desfilando e sacudindo o colchão no qual havia vivido?

A multidão crescia em volta do trio. Os apóstolos riam, enquanto o mendigo dançava. Outros mendigos se aglomeravam em volta da cena com suas cobertas esfarrapadas e roupas surradas, clamando pela sua porção de um milagre.

— Quero a minha cura! Toque em mim! Toque em mim!

Então, Pedro obedeceu. Ele os acompanhou até a clínica do Grande Médico e convidou-os a se sentarem. “... o Nome... A fé que vem por meio dele lhe deu esta saúde perfeita... Arrependam-se, pois, e voltem-se para

Deus, para que os seus pecados sejam cancelados, para que venham tempos de descanso da parte do Senhor” (vv. 16,19-20).

Cancelados é a tradução de um termo grego que significa “obliterar” ou “apagar completamente”. A fé em Cristo, Pedro explicou, leva a termos uma “ficha limpa” com Deus. O que Jesus fez pelas pernas daquele aleijado, ele faz pelas nossas almas. Ele as torna totalmente novas!

Um olhar sincero levou a uma mão de ajuda, que levou a uma conversa sobre a eternidade. As obras feitas em nome de Deus ultrapassam, em muito, a nossa vida terrena.

Vamos ser as pessoas que param na porta do templo. Vamos olhar para os sofrendores até sofrermos com eles. Nada de passar por eles com pressa, de nos desviarmos ou de mudar o olhar de direção. Nada de fingir ou se esquivar. Vamos olhar no rosto até que vejamos a pessoa.

Um casal da nossa organização convive com a realidade dolorosa de ter um filho que mora nas ruas. Ele fugiu aos dezessete anos, e, exceto por alguns telefonemas da prisão e uma visita, seus pais não tiveram contato com ele por vinte anos. Sua mãe me permitiu entrevistá-la em uma reunião de liderança. Enquanto nos preparávamos para a conversa, perguntei a ela por que estava disposta a revelar sua história.

— Quero mudar a maneira como as pessoas olham para os moradores de rua. Quero que elas parem de vê-los como problemas e comecem a ver os filhos de muitas mães.

Em certas áreas zulus da África do Sul, as pessoas se cumprimentam com uma frase que significa “Eu vejo você.”¹⁵ A mudança começa com um olhar genuíno.

E continua com uma mão que ajuda. Estou escrevendo este capítulo sob a luz de uma lâmpada fraca em um hotel da Etiópia, a apenas alguns quilômetros e horas de uma versão dos dias modernos desta história.

Bzuneh Tulema mora em uma casa de dois cômodos, com um chão sujo, de blocos de cimento, no final de uma estrada de terra nas colinas secas

de Adama. Talvez, a casa tenha 27 metros quadrados. Ele pintou as paredes de azul pastel e pendurou duas imagens de Jesus, uma das quais tem o título “Jesus o Bon Pastor” [sic]. Durante a nossa visita, o ar está quente, o cheiro de esterco de vaca é pungente e não ouse inalar fundo com medo de engolir uma mosca.

Na minha frente, Bzuneh está radiante. Ele usa um boné da Nike com a viseira de lado, uma jaqueta vermelha (apesar de estar quente como uma fornalha) e um sorriso que exhibe uma falha em seus dentes. Nenhum rei teve mais orgulho do seu castelo do que ele das suas quatro paredes. Enquanto o homem de trinta e cinco anos conta sua história, eu entendo.

Há apenas dois anos, ele era o bêbado da cidade. Ele bebeu até destruir o seu primeiro casamento e chegou ao ponto de estar a uma oração de distância de fazer o mesmo com o segundo. Ele e sua esposa estavam tão consumidos pelo álcool que entregaram seus filhos aos vizinhos e se resignaram a morrer de tanto beber.

Mas, então, alguém os viu. Como Pedro e João viram o mendigo, os membros de uma igreja da região deram uma boa olhada na situação deles. Eles começaram a levar comida e roupas para o casal. Eles os convidaram para frequentar os cultos de adoração. Bzuneh não estava interessado. No entanto, sua esposa, Billie, estava. Ela começou a ficar sóbria e a refletir sobre a história de Cristo. A promessa de uma nova vida. A oferta de uma segunda chance. Ela acreditou.

Bzuneh não foi tão rápido. Ele continuou bebendo até que, um ano depois, certa noite, ele caiu com tanta força que bateu com o rosto, provocando um afundamento que permanece até hoje. Os amigos o encontraram em uma vala e o levaram para a mesma igreja e falaram a ele sobre o mesmo Jesus. Ele não tomou mais nem um gole desde então.

O problema da pobreza continuou. O casal não tinha nada além de suas roupas e da sua cabana de terra. Entra em cena Meskerem Trango, um obreiro da World Vision. Ele deu continuidade ao ministério do olhar e do toque. Como ele podia ajudar Bzuneh, um alcoólatra em recuperação, a se levantar

de novo? Os empregos na região eram raros. Além disso, quem iria querer contratar o beberrão da aldeia? Um presente em dinheiro não era a solução; o casal poderia gastar tudo com bebida.

Meskerem sentou-se com Bzuneh e avaliou as opções. Ele finalmente chegou a uma solução: esterco de vaca. Ele conseguiu um empréstimo através do departamento de microfinanças da World Vision. Bzuneh comprou uma vaca, construiu um curral e começou a recolher os dejetos da vaca e a transformá-los em metano e fertilizante. Billie cozinhava com o gás, e ele vendia o fertilizante. Dentro de um ano, Bzuneh havia pagado o empréstimo, comprado mais quatro vacas, construído sua casa e reivindicado os seus filhos de volta.

— Agora tenho dez vacas, trinta cabras, um aparelho de TV, um gravador e um telefone móvel. Até minha mulher tem um telefone móvel. — Ele sorriu. — E o meu sonho é vender grãos.

Tudo começou com um olhar sincero e uma mão de ajuda. Seria essa a estratégia de Deus para o sofrimento humano? Primeiro, olhos bondosos se encontram com olhos desesperados. Em seguida, mãos fortes ajudam mãos fracas. Depois, o milagre de Deus. Fazemos a nossa pequena parte, ele faz a parte maior, e a vida na Porta Formosa começa a ser exatamente isso.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. “A dor humana não é fácil para os nossos olhos.” Fale de um tempo em que você encontrou o sofrimento e foi doloroso observar. Descreva um tempo em que você estava sofrendo e alguém fez você pensar que ele ou ela realmente viram você.
2. Quando você olha as pessoas necessitadas diretamente nos olhos, o que isso transmite a elas, principalmente, àquelas que não são bonitas?
3. Anote cada toque significativo que você encontra nos seguintes milagres de Jesus: Mateus 9:20-22; Marcos 1:40-45; Marcos 7:32-35; Lucas 8:51-55; Lucas 13:11-13; João 9:1-7. Jesus precisava tocar nas pessoas para curá-las? Por que você acha que alguma forma de toque fazia parte da cura?
4. Pedro e João deram mais do que o dinheiro que o mendigo aleijado pediu em Atos 3. Que recursos você tem — além de dinheiro — que você poderia dar a pessoas necessitadas?
5. Para Pedro e João, a estratégia dos olhos bondosos encontrando olhos desesperados e de mãos fortes ajudando mãos fracas deu início a um milagre divino. Como você poderia colocar essa estratégia em ação?

Capítulo 16

ISAÍAS

*“Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos,
a terra inteira está cheia da sua glória.”*

Ao som das suas vozes os batentes das portas tremeram, e o templo ficou cheio de fumaça. Então gritei:

*“Ai de mim! Estou perdido!
Pois sou um homem de lábios impuros
e vivo no meio de um povo de lábios impuros;
os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!”*

— ISAÍAS 6:3-5

SANTA DIFERENÇA

JOHAN HANNING SPEKE ESTÁ DE PÉ NA MARGEM DO RIO, olhando a parede de água. Ele dedicou a melhor parte do ano de 1858 a chegar ali. Durante semanas, ele e seu destacamento atravessaram florestas da África, cortando galhos e cruzando rios profundos. Nativos com lanças de ponta de ferro os perseguiram. Crocodilos e andorinhas mantinham-nos sob vigilância. Mas, finalmente, depois de quilômetros marchando na selva e se fatigando na vegetação, eles encontraram as cachoeiras.

Somente um britânico poderia atenuar a visão de forma tão clara. “Fomos bem recompensados”, escreveu ele em seu diário.

O rugir das águas, os milhares de peixes que passavam saltando nas quedas d’água com toda a sua força, os pescadores de Wasoga e Waganda vindo em barcos e assumindo seus lugares em todas as pedras com vara e anzol, hipopótamos e crocodilos deitados sonolentos na água compunham uma imagem tão interessante quanto alguém desejaria ver.¹⁶

Speke não podia sair dali. Ele desenhava aquela visão vez após vez. Ele dedicou um dia inteiro a simplesmente contemplar a majestade das cachoeiras na parte superior do Nilo. Não é difícil entender por quê.

Nenhuma região da Inglaterra tinha uma visão como aquela. Raramente os olhos pousam sobre uma imagem tão incomum como aquela.

Os olhos de Speke tiveram essa chance. E ele estava atônito com o que via.

Quatorze anos depois, do outro lado do globo, Frederick Dellenbaugh ficou igualmente impressionado. Ele tinha apenas dezoito anos quando se uniu ao Major Powell em sua viagem pioneira pelo rio através do Grand Canyon. Dirigidos por Powell, que tinha apenas um braço, os exploradores flutuaram em barcos que vazavam e enfrentaram águas altas. O fato de terem sobrevivido é digno de maravilha. E é ainda mais maravilhoso o que eles viram. Dellenbaugh descreveu a cena:

Eu estava de costas para a cachoeira e não podia vê-la... Aproximava-se cada vez mais o tumulto irado; o Major gritou “Reverter os remos!” Houve uma diminuição repentina de todo apoio. Então, o movimento poderoso nos atingiu. O barco subiu, mas estávamos voando a 40 quilômetros por hora e, a cada salto, as grandes ondas rolavam sobre nós. “Esvaziem o barco!” gritou o Major, “Esvaziem o barco para salvar suas vidas!”, e nós largamos os remos para esvaziar o barco, embora isso fosse quase inútil... O barco rolava e se inclinava como um navio em um tornado... Coberturas de espuma se derramavam sobre pedras negras gigantescas, primeiro de um lado, depois do outro... Se você pegar um relógio e contar noventa segundos, provavelmente terá aproximadamente o tempo em que estivemos neste caos, embora parecesse muito mais tempo para mim. Então, tudo terminou.¹⁷

O jovem Dellenbaugh conhecia as correntezas rápidas. Rios e águas turbulentas não eram novidades para ele. Mas algo neste rio era. A imensidão repentina, a intensidade absoluta — algo roubou o fôlego do remador. Ele conhecia correntezas rápidas. Mas nada assim.

Speke, sem fala. Dellenbaugh, encharcado e aterrorizado.

E Isaías, com o rosto no chão do templo. De braços cruzados acima de sua cabeça, com a voz abafada clamando por misericórdia. Assim como os

exploradores, ele acaba de ver o incomum. Mas, diferente dos exploradores, ele viu mais do que a criação — ele viu o Criador. Ele viu Deus.

Sete séculos e meio antes de Cristo, Isaías foi a versão da antiga Israel de um capelão do Senado ou de um sacerdote dos tribunais. Sua família, aristocrática. Seu hebraico, impecável. Polido, profissional e bem-sucedido. Mas no dia em que ele viu Deus, somente uma reação parecia apropriada: “Ai de mim, estou perdido.” O que gerou essa confissão? O que causou uma resposta como essa? A resposta está nas palavras dos serafins, repetidas três vezes: “Santo, santo, santo.”

Acima dele estavam serafins; cada um deles tinha seis asas: com duas cobriam o rosto, com duas cobriam os pés e com duas voavam. E proclamavam uns aos outros:

“Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos,
a terra inteira está cheia da sua glória”.

Ao som das suas vozes, os batentes das portas tremeram, e o templo ficou cheio de fumaça. Então gritei:

Ai de mim! Estou perdido!
Pois sou um homem de lábios impuros
e vivo no meio de um povo de lábios impuros;
os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! (Isaías 6:2-5)

Na única ocasião em que os serafins aparecem nas Escrituras, eles repetem três vezes a mesma palavra, interminavelmente.

“Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos.” A repetição, em hebraico, faz o trabalho do nosso pincel luminoso. Uma ferramenta para dar ênfase. Deus, proclamam os anjos com seis asas, não é santo. Ele não é santo, santo. Ele é santo, santo, santo.

Que outro atributo recebe tal ênfase? Nenhum versículo descreve Deus como “sábio, sábio, sábio” ou “forte, forte, forte”. Somente como “santo, santo, santo”. A santidade de Deus exige atenção especial. O adjetivo qualifica o seu nome mais do que todos os outros combinados.¹⁸ O primeiro e o último cântico da Bíblia magnificam a santidade de Deus. Após atravessarem o Mar Vermelho, Moisés e os israelitas cantaram: “Quem entre os deuses é semelhante a ti, Senhor? Quem é semelhante a ti? Majestoso em santidade, terrível em feitos gloriosos, autor de maravilhas?” (Êxodo 15:11). Em Apocalipse, aqueles que haviam sido vitoriosos sobre a besta cantaram: “Quem não te temerá, ó Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Pois tu somente és santo” (15:4).

A palavra hebraica para *santo* é *qadosh*, que significa isolado ou separado. Santidade, então, fala da diferenciação de Deus, da sua total singularidade. Tudo acerca de Deus é diferente do mundo que ele criou.

O que você é para um avião de papel, Deus é para você. Pegue uma folha de papel e faça um avião. Compare-se com a sua criação. Desafie-a para uma competição de soletrar palavras. Quem vencerá?

Desafie-a para uma corrida em volta do quarteirão. Quem é mais rápido? Convide o avião para um jogo de basquete de um contra um. Você não vai dominar a quadra?

Você ganha, e com razão. A coisa não tem ondas cerebrais, não tem pulsação. Ela só existe porque você a formou e só voa quando alguém a lança no ar. Multiplique os contrastes entre você e o avião de papel ao infinito e você começará a captar um vislumbre da disparidade entre Deus e nós.

Ao que podemos comparar Deus? “Pois, quem nos céus poderá comparar-se ao Senhor? Quem dentre os seres celestiais assemelha-se ao Senhor?” (Salmos 89:6). “Com quem vocês compararão Deus? Como poderão representá-lo?” (Isaías 40:18). Até Deus pergunta: “Com quem vocês vão me comparar? Quem se assemelha a mim?” (Isaías 40:25).

Como se esta pergunta precisasse de uma resposta, ele dá uma:

Eu sou Deus, e não há nenhum outro; eu sou Deus, e não há nenhum como eu. Desde o início faço conhecido o fim, desde tempos remotos, o que ainda virá. Digo: Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada. Do oriente convoco uma ave de rapina; de uma terra bem distante, um homem para cumprir o meu propósito. O que eu disse, isso eu farei acontecer; o que planejei, isso farei. (Isaías 46:9-11)

Qualquer busca por algo ou alguém equivalente a Deus é vã. Qualquer busca por uma pessoa ou uma posição semelhante a Deus na Terra é fútil. Ninguém nem nada se compara a ele. Ninguém o ajuda. “É Deus quem julga: Humilha a um, a outro exalta” (Salmos 75:7).

Você e eu podemos ter poder. Mas Deus *é* poder. Podemos ser um vagalume, mas ele é a própria luz. “A sabedoria e o poder a ele pertencem” (Daniel 2:20).

Considere o universo que nos cerca. Diferente do oleiro, que pega alguma coisa e a remodela, Deus pegou o nada e criou alguma coisa. Deus criou tudo que existe pela proclamação divina *ex nihilo* (do nada). Ele não dependeu de algum material preexistente ou coeterno. Antes da criação, o Universo não era um espaço escuro. O Universo não existia.

Deus criou até as trevas. “Eu formo a luz e crio as trevas” (Isaías 45:7). João declarou: “Tu... criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas” (Apocalipse 4:11).

Rastreie o universo de volta até o poder de Deus e siga o seu poder até a sua sabedoria. A onisciência de Deus governa a sua onipotência. O conhecimento infinito governa a força infinita. “Sua sabedoria é profunda, seu poder é imenso” (Jó 9:4). “Deus é poderoso... é poderoso e firme em seu propósito” (Jó 36:5).

O seu poder não é caprichoso ou descuidado. Muito pelo contrário, a sua sabedoria administra e se iguala à sua força. Paulo anunciou: “Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos!” (Romanos 11:33).

O conhecimento de Deus a seu respeito é tão completo quanto o conhecimento dele acerca do Universo. “Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces inteiramente, Senhor... Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir” (Salmos 139:4, 16).

Os véus que bloqueiam a sua visão e a minha não bloqueiam a visão de Deus. As palavras não proferidas são como se tivessem sido pronunciadas. Os pensamentos não revelados são como se tivessem sido proclamados. Os momentos que não aconteceram são como se fossem parte da história. Ele conhece o futuro, o passado, o oculto e o que não foi contado. Nada está escondido de Deus. Ele é Onipotente, Onisciente e Onipresente.

O Rei Davi se maravilhou: “Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença?” (Salmos 139:7). Deus nos lembra: “‘Sou eu apenas um Deus de perto’, pergunta o Senhor, ‘e não também um Deus de longe? Poderá alguém esconder-se sem que eu o veja?’, pergunta o Senhor. ‘Não sou eu aquele que enche os céus e a terra?’” (Jeremias 23:23-24).

Você está vendo a “distinção santa” de Deus? No encontro com Isaías, aqueles que o veem mais claramente o consideram mais elevado. Ele é tão santo que os serafins sem pecado não podem suportar olhar para ele!

Eles cobrem os rostos com suas asas. Estranhamente, eles também cobrem os pés. Por quê? Em hebraico, a palavra *pés* e a palavra para *genitália* são as mesmas.¹⁹ Perdoe-me por essa imagem, mas a confissão dos anjos é que eles são absolutamente impotentes na presença de Deus.

Isaías se identificou com eles. Quando vê a santidade de Deus, Isaías não se gaba nem se vangloria. Ele não toma notas, não planeja uma série de sermões, não organiza uma viagem conduzindo seminários. Em vez disso, ele errou e implora por misericórdia. “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!” (Isaías 6:5).

A visão dada por Deus não tinha a ver com Isaías, mas com Deus e a sua glória. Isaías captou o sentido. “Não se trata de mim. Trata-se dele.” Ele encontra a humildade, não ao buscá-la, mas ao buscá-lo. Apenas um relance, e o profeta reivindica a sua cidadania entre os infectados e doentes — os “impuros”, um termo usado para descrever os que tinham lepra. A santidade de Deus silencia a vanglória humana.

E a misericórdia de Deus nos torna santos. Veja o que acontece em seguida.

Logo um dos serafins voou até mim trazendo uma brasa viva, que havia tirado do altar com uma tenaz. Com ela tocou a minha boca e disse: “Veja, isto tocou os seus lábios; por isso, a sua culpa será removida, e o seu pecado será perdoado”. (vv. 6-7)

Isaías não faz nenhum pedido. Ele não pede por graça. Na verdade, ele, provavelmente, presumia que a misericórdia era impossível. Mas Deus, que é rápido em perdoar e cheio de misericórdia, purifica Isaías do seu pecado e redireciona sua vida.

Deus solicita um porta-voz. “Quem enviarei? Quem irá por nós?” (v.8).

O coração e as mãos de Isaías se lançaram em direção ao céu. “Eis-me aqui. Envia-me!” (v. 8). Um vislumbre da santidade de Deus, e Isaías teve de falar. Como se ele houvesse encontrado a fonte do rio, atravessado a fúria do canyon. Como se ele tivesse visto o que Moisés havia visto — o próprio

Deus. Embora fosse um vislumbre. Mas, ainda assim, um vislumbre de Deus.

E o resultado foi que ele ficou diferente.

Uma diferença santa.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. O que significa “santidade” para você? Como você descreveria a santidade para alguém que não sabe nada sobre a Bíblia?
2. Como a santidade de Deus silencia a vanglória humana?
3. Quando foi a última vez que você experimentou o perdão rápido de Deus e a plenitude da sua misericórdia? Descreva o que aconteceu.
4. Leia Isaías 6:1-8. Como Isaías reage a essa revelação da glória de Deus (v. 5)? Como você acha que teria reagido? Explique.
5. O que resultou da purificação de Isaías (v. 8)? Como você acha que Deus quer usar a experiência de Isaías em sua própria vida?

Capítulo 17

O ENDEMONIADO GADARENO

Quando Jesus desembarcou, um homem com um espírito imundo veio dos sepulcros ao seu encontro. Esse homem vivia nos sepulcros, e ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com correntes; pois muitas vezes lhe haviam sido acorrentados pés e mãos, mas ele arrebentara as correntes e quebrara os ferros de seus pés. Ninguém era suficientemente forte para dominá-lo. Noite e dia ele andava gritando e cortando-se com pedras entre os sepulcros e nas colinas.

— MARCOS 5:2-5

EXPULSANDO O INFERNO

CABELOS EMBOLADOS E DUROS COMO ARAME. Barba até o peito, com manchas de sangue. Olhos furtivos, movendo-se rapidamente em todas as direções, recusando-se a se fixarem em qualquer parte. Nu. Sem sandálias para proteger os pés das pedras do chão ou roupas para proteger a pele das pedras em suas mãos. Ele bate em si mesmo com pedras. Os ferimentos marcam sua pele como manchas de tinta. As feridas e arranhões abertos atraem moscas.

Sua casa é um mausoléu de pedra calcária, um cemitério de covas na costa da Galileia, entre os penhascos. Aparentemente, ele se sente mais seguro entre os mortos do que entre os vivos.

E isso agrada aos vivos, pois ele os deixa desconcertados. Está vendo as correntes quebradas em suas pernas e as algemas partidas em seus pulsos? Eles não conseguem controlar o sujeito. Nada o detém. Como se administra o caos? Os viajantes contornam a área por medo (Mateus 8:28). Os aldeões foram deixados com um problema, e nós ficamos com uma imagem — uma imagem da obra de Satanás.

De que outro modo poderíamos explicar o nosso comportamento bizarro? As fúrias violentas de um pai. As farras secretas de uma mãe. A repentina rebelião de um adolescente. Cartões de crédito com o limite

excedido, pornografia pela internet. Satanás não descansa. Um olhar rápido no homem selvagem revela os objetivos de Satanás para você e para mim.

Dor autoimposta. O endemoniado usava pedras. Nós somos mais sofisticados; usamos drogas, sexo, trabalho, violência e comida (o Inferno nos faz ferir a nós mesmos).

Obsessão pela morte e pelas trevas. Mesmo desacorrentado, o homem selvagem permanecia entre os mortos. O maligno se sente em casa nesse lugar. Tendo comunhão com os mortos, sacrificando os vivos, uma fascinação mórbida pela morte e pelos moribundos — isso não é obra de Deus.

Inquietação interminável. O homem no litoral gritava dia e noite (Marcos 5:5). Satanás gera um frenesi furioso. “Um espírito imundo... passa por lugares áridos”, diz Jesus, “procurando descanso” (Mateus 12:43).

Isolamento. O homem está completamente só no seu sofrimento. Este é o plano de Satanás. “O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pedro 5:8). A comunhão com outros frustra a obra dele.

E Jesus?

Jesus destrói a obra dele. Cristo sai do barco atirando com as duas pistolas. “Saia deste homem, espírito imundo!” (Marcos 5:8).

Sem conversa fiada. Sem delicadezas. Sem saudações. Os demônios não merecem tolerância alguma. Eles se lançam aos pés e imploram a misericórdia de Cristo. O líder da horda pede pelos outros:

“Que queres comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te por Deus que não me atormentes!”... Então Jesus lhe perguntou: “Qual é o seu nome?” “Meu nome é Legião”, respondeu ele, “porque somos muitos.” E implorava a Jesus, com insistência, que não os mandasse sair daquela região. (vv. 7, 9-10)

Legião é um termo militar romano. Uma legião romana envolvia seis mil soldados. Visualizar essa quantidade de demônios habitando naquele homem é assustador, mas não irrealista. O que os morcegos são para uma caverna, os demônios são para o inferno — numerosos demais para se contar.

Os demônios não são apenas numerosos, eles são equipados. Uma legião é um batalhão armado. Satanás e seus amigos vêm para lutar. Por isso, somos incentivados: “Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo” (Efésios 6:13).

Bem, devemos fazer isso, porque eles são organizados. “Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Efésios 6:12). Jesus falou sobre “as portas do inferno”. O nosso inimigo tem um exército espiritual complexo e conspirador. Livre-se de qualquer imagem de um Satanás vestido de vermelho com um tridente e uma cauda pontuda. O diabo é um demônio forte.

Contudo, e este é o ponto desta passagem, na presença de Deus, o diabo é um fracote. Satanás é para Deus o que um mosquito é para uma bomba atômica.

Uma grande manada de porcos estava pastando numa colina próxima. Os demônios imploraram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. Ele lhes deu permissão, e os espíritos imundos saíram e entraram nos porcos. A manada de cerca de dois mil porcos atirou-se precipício abaixo, em direção ao mar, e nele se afogou. (Marcos 5:11-13)

Como a corte do inferno se acovarda na presença de Cristo! Os demônios se prostram diante dele e lhe obedecem. Eles não podem sequer “alugar” um porco sem a permissão dele. Então, como explicamos a influência de Satanás?

Natalie²⁰ deve ter feito essa pergunta mil vezes. Na lista de personagens de uma história de gadarenos dos nossos dias, o nome dela está próximo ao topo. Ela foi criada em um mundo atormentado.

A comunidade não suspeitava de nada. Seus pais exibiam uma fachada amigável. Todos os domingos eles desfilavam com Natalie e suas irmãs pelo corredor da igreja. Seu pai servia como presbítero. Sua mãe tocava o órgão. A congregação os respeitava. Natalie os desprezava. Até hoje ela se recusa a chamar seus pais de “Mamãe” e “Papai”. Uma “bruxa” e um “mago” não merecem essa distinção.

Quando ela tinha seis meses de idade, eles sacrificaram Natalie sexualmente no altar do Inferno, rotulando-a como um objeto sexual a ser explorado pelos homens em qualquer lugar, a qualquer hora. Os ritualistas dividiram o mundo dela em dois polos opostos: vestiam-na de branco para o culto de domingo e, horas depois, despiam-na no congresso de bruxas. Se ela não gritasse ou vomitasse durante o ataque, Natalie era recompensada com um sorvete de casquinha. Somente mergulhando no mais profundo de si mesma ela pôde sobreviver.

Natalie escapou milagrosamente do culto, mas não das lembranças. Já na idade adulta, ela usava seis calcinhas como uma muralha de proteção. Os vestidos criavam certa vulnerabilidade; ela os evitava. Ela detestava ser mulher; ela odiava ver homens; ela odiava estar viva. Só Deus poderia saber a legião de terrores que a perseguiram. Mas Deus sabia.

Escondida dentro do pântano de sua alma, havia uma ilha intocada. Pequena, mas segura. Construída, ela acredita, pelo seu Pai celestial durante as horas em que a garotinha passara sentada no banco da igreja. As palavras sobre o amor de Deus e os hinos sobre a sua misericórdia deixaram a sua marca. Ela aprendeu a se retirar para essa ilha e orar. Deus ouviu as orações

dela. Os conselheiros vieram. A esperança começou a compensar o horror. A fé superava cada vez mais os seus medos. O processo de cura foi longo e cansativo, mas vitorioso, culminando com o seu casamento com um homem de Deus.²¹

A libertação de Natalie não incluiu penhascos e porcos, mas, não se iluda, ela foi liberta. E isso nos faz lembrar: Satanás pode nos perturbar, mas ele não pode nos derrotar. A cabeça da serpente está esmagada.

Vi uma imagem literal desse quadro em uma savana com vegetação curta. Uma companhia petrolífera estava contratando costas fortes e mentes fracas para construir uma tubulação. Como eu estava qualificado, boa parte das férias de verão foi passada cavando em um canal até a altura dos ombros de profundidade, por muitos quilômetros, a Oeste do Texas. Uma grande máquina escavadora escavava adiante de nós. Nós seguíamos, retirando o excesso de terra e pedras com pás.

Certa tarde, a máquina deslocou mais do que terra. “Cobra!”, gritou o contramestre. Saímos daquele buraco mais depressa do que macacos saltadores e olhamos para baixo, para o ninho da cascavel. A bichona sibilou, e seus filhotes saíram se contorcendo. Entrar na vala novamente não era uma opção. Um operário levantou a pá e arrancou a cabeça da cascavel. Ficamos no terreno mais alto e olhamos enquanto ela — agora sem cabeça — se torcia e contorcia na terra macia abaixo de nós. Embora, agora, inofensiva, a serpente ainda nos amedrontava.

Aquela cena do verão no Oeste do Texas é uma parábola de onde estamos na vida. O diabo não é uma serpente? João o chama de “a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás” (Apocalipse 20:2).

Por acaso ele não foi decapitado? Não com uma pá, mas com uma cruz. “E, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Colossenses 2:15).

Então, como ficamos? *Confiantes*. O auge desta passagem é o poder de Jesus sobre Satanás. Uma palavra de Cristo, e os demônios estão nadando com os porcos e o homem selvagem está “assentado, vestido, e em perfeito

juízo” (Marcos 5:15). Apenas uma ordem! Não foi necessária nenhuma sessão espírita. Nem abracadabra. Não se ouviu nenhum cântico nem foi acesa nenhuma vela. O Inferno é um formigueiro contra o rolo compressor do Céu. Jesus, “até aos espíritos imundos ele dá ordens, e eles lhe obedecem!” (Marcos 1:27). A cobra na vala e Lúcifer no poço — ambos foram confrontados por alguém contra quem eles não eram páreo.

E, no entanto, ambos ainda levantam poeira muito depois de sua derrota. Por esse motivo, embora confiantes, ainda somos *cautelosos*. Para um velho patife desdentado, Satanás, com certeza, tem uma boa mordida! Ele frustra o nosso trabalho, atrapalha as nossas atividades e nos deixa pensando duas vezes sobre onde estamos pisando. O que precisamos fazer? “Estejam alertas e vigiem. O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pedro 5:8). É necessário vigiar. Mas não é necessário entrar em pânico. A serpente ainda se contorce e intimida, mas ela não tem veneno. Ela está derrotada e sabe disso! “Pois sabe que lhe resta pouco tempo” (Apocalipse 12:12).

“Aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo” (1João 4:4). Creia nisso. Confie na obra do seu Salvador. “Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês” (Tiago 4:7). Enquanto isso, o melhor que ele pode fazer é se contorcer.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Max diz: “Um olhar rápido no homem selvagem revela os objetivos de Satanás para você e para mim. *Dor autoimposta*. O endemoniado usava pedras. Nós somos mais sofisticados; usamos drogas, sexo, trabalho, violência e comida.” Você já viu pessoas ao seu redor sofrendo uma dor autoimposta? De que maneira? Como o Inferno fez você sofrer?
2. Leia Marcos 5:1-20. Por que Cristo podia controlar os demônios com uma única ordem? O que significa para você o fato de Cristo ter tamanho poder sobre o Inferno?
3. Por que você acha que o homem possuído por demônios saiu para se encontrar com Jesus quando o Senhor saiu do barco (Marcos 5:2)? Por que ele simplesmente não fugiu?
4. O que o homem curado pediu a Jesus (Marcos 5:18)? Que resposta Jesus deu (v. 19)? Por que você acha que ele deu essa resposta?
5. Leia 1Pedro 5:8-10. Como você pode se firmar para permanecer “firme na sua fé”? Por que o fato de lembrar que você não está sozinho no sofrimento e na tentação serve de ajuda (v. 9)? De onde vem, finalmente, toda a força espiritual (v.10)?

Capítulo 18

O LEPROSO QUE JESUS CUROU

Visto que vocês foram escolhidos por Deus, que lhes deu um novo tipo de vida, e por causa do seu profundo amor e preocupação por vocês, também vocês devem pôr em prática a bondade e uma piedade cheia de compaixão pelos outros.

— COLOSSENSES 3:12, A BÍBLIA VIVA

UM TOQUE DE COMPAIXÃO

POSSO LHE PEDIR PARA OLHAR PARA SUA MÃO por um instante? Olhe para as costas de sua mão, depois para a palma. Familiarize-se novamente com os seus dedos. Passe o polegar sobre as articulações.

E se alguém fosse filmar um documentário sobre elas? E se um produtor fosse contar a sua história com base na vida das suas mãos? O que veríamos? Como acontece com todos nós, o filme começaria com o pulso de um bebê, depois com um close de uma mão pequena segurando o dedo da mamãe. E depois o que? Segurando em uma cadeira, enquanto você aprendia a andar? Segurando uma colher, enquanto aprendia a comer?

Não se passa muito tempo nesse filme até vermos a sua mão sendo afetiva, afagando o rosto do papai ou acariciando um cachorrinho. Nem demora muito até vermos a sua mão agindo de forma agressiva: empurrando o irmão maior ou arrancando com força um brinquedo. Todos nós aprendemos cedo que a mão é hábil para mais do que sobreviver — ela é uma ferramenta de expressão emocional. A mesma mão pode ajudar ou machucar, se estender ou se fechar, levantar ou afundar alguém.

Se você fosse mostrar o documentário aos seus amigos, ficaria orgulhoso de alguns momentos: sua mão se estendendo com um presente,

colocando um anel no dedo de alguém, cuidando de um ferimento, preparando uma refeição ou se cruzando em oração. Mas, depois, há também outras cenas. Imagens de dedos acusadores, punhos abusivos. Mãos tomando com mais frequência do que dando, exigindo ao invés de oferecer, ferindo ao invés de amar. Ah, o poder das nossas mãos! Deixe-as sem controle e elas se tornarão armas: arranhando em busca de poder, estrangulando para sobreviver, seduzindo em busca de prazer. Mas, gerenciando-as, as nossas mãos se tornarão instrumentos de graça — não apenas ferramentas nas mãos de Deus, mas *as próprias mãos de Deus*. Renda-as, e estes apêndices com cinco dedos se tornarão as mãos do céu.

Foi isso que Jesus fez. O nosso Salvador entregou completamente suas mãos a Deus. O documentário das mãos dele não tem cenas de ganância nem de dedos apontando sem motivo. No entanto, ele tem uma cena após outra de pessoas ansiando pelo seu toque de compaixão: pais levando seus filhos, os pobres levando os seus medos, os pecadores levando nos ombros sua tristeza. E cada um que vinha era tocado. Mas ninguém foi tocado ou transformado mais do que o leproso sem nome, de Mateus 8.

Quando ele desceu do monte, grandes multidões o seguiram. Um leproso, aproximando-se, adorou-o de joelhos e disse: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me!”

Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Quero. Seja purificado!” Imediatamente ele foi purificado da lepra. Em seguida Jesus lhe disse: “Olhe, não conte isso a ninguém. Mas vá mostrar-se ao sacerdote e apresente a oferta que Moisés ordenou, para que sirva de testemunho.” (Mateus 8:1-4)

Marcos e Lucas optaram por contar essa mesma história. Mas, pedindo desculpas a todos os três escritores, devo dizer que nenhum deles contou o suficiente. Ah, sabemos da doença do homem e da decisão dele,

mas e quanto ao restante? Ficamos com algumas perguntas não respondidas. Os escritores não dizem o nome, a história, não fazem a descrição.

Algumas vezes, sou vencido pela minha curiosidade e fico pensando alto. É isso que estou a ponto de fazer aqui — pensar em voz alta sobre o homem que sentiu o toque de compaixão de Jesus. Ele faz uma aparição, tem um pedido e recebe um toque. Mas aquele único toque mudou sua vida para sempre. Fico imaginando se essa história não aconteceu mais ou menos assim:

Por cinco anos, ninguém me tocou. Ninguém. Nenhuma pessoa. Nem minha esposa. Nem meu filho. Nem meus amigos. Ninguém me tocou. Eles me viam. Eles falavam comigo. Eu sentia o amor na voz deles. Eu via a preocupação nos olhos deles. Mas eu não sentia o toque deles. Não havia toque. Nenhuma vez. Ninguém me tocava.

O que é comum para você, eu cobiçava. Apertos de mão. Abraços calorosos. Um tapinha no ombro, para chamar a minha atenção. Um beijo nos lábios, para roubar o coração. Ninguém esbarrava em mim. O que eu não daria para que alguém esbarrasse em mim, para ficar preso em meio à multidão, para que meu ombro esbarrasse no ombro de alguém. Mas durante cinco anos isso não aconteceu. Como poderia? Minha presença não era permitida nas ruas. Até os rabinos mantinham distância de mim. Minha presença não era permitida na sinagoga que eu frequentava. Eu não era bem-vindo nem mesmo em minha própria casa.

Eu era intocável. Era um leproso. E ninguém me tocava. Até hoje.

Fico pensando neste homem, porque, nos tempos do Novo Testamento, a lepra era a doença mais temida. Essa condição deixava o corpo como uma massa de úlceras em decomposição. Os dedos se encurvavam e se enroscavam. Manchas na pele descoloriam e cheiravam mal. Certos tipos de lepra deixavam as terminações nervosas dormentes, levando à perda dos dedos das mãos, dedos dos pés e até de toda a mão ou de todo o pé. A lepra era como morrer centímetro a centímetro.

As consequências sociais eram tão graves quanto as físicas. Considerado contagioso, o leproso era colocado em quarentena, banido para uma colônia de leprosos.

Nas Escrituras, o leproso simboliza o pária por excelência: infectado por um estado que ele não procurou, rejeitado por aqueles que o conheciam, evitado pelas pessoas que não o conheciam, condenado a um futuro que ele não podia suportar. E na lembrança de cada proscrito, deveria estar o dia em que ele havia sido obrigado a encarar a verdade: a vida nunca mais seria a mesma.

Certo ano, durante a colheita, minha mão pareceu fraca ao segurar a foice. As pontas dos meus dedos ficaram dormentes. Primeiro um dedo, depois outro. Dentro de pouco tempo, eu podia segurar o instrumento, mas mal podia senti-lo. No final da estação, não sentia absolutamente nada. A mão que segurava o cabo poderia muito bem pertencer a outra pessoa — a sensação havia desaparecido. Eu não disse nada à minha esposa, mas sei que ela suspeitou de algo. Como não poderia? Eu passava a mão em meu corpo como um pássaro ferido.

Certa tarde, mergulhei as mãos em uma bacia de água pretendendo lavar o rosto. A água ficou vermelha. Meu dedo estava sangrando, sangrando livremente. Eu nem sabia que estava ferido. Como havia me cortado? Com uma faca? Será que minha mão havia passado pela lâmina afiada de metal? É possível, mas eu não sentia nada.

— Está nas suas roupas também — disse minha mulher mansamente.

Ela estava atrás de mim. Antes de olhar para ela, olhei para baixo, para as manchas vermelhas em minha túnica. Fiquei por muito tempo sobre a bacia, olhando para minha mão. De algum modo, eu sabia que minha vida estava sendo alterada para sempre.

— Devo ir com você para falar com o sacerdote? — ela perguntou.

— Não — suspirei — eu irei sozinho.

Virei-me e olhei para os olhos úmidos dela. Ao lado dela, estava nossa filha de três anos. Agachando-me, olhei no seu rosto e afaguei sua bochecha, sem dizer nada. O que eu poderia dizer? Levantei-me e olhei novamente para minha esposa. Ela tocou no meu ombro, e, com a minha mão boa, toquei o seu. Aquele seria o nosso último toque.

Cinco anos se passaram, e ninguém me tocou desde então. Até hoje.

O sacerdote não me tocou. Ele olhou para a minha mão, agora envolta em um pano. Ele olhou para o meu rosto, agora anuviado pela tristeza. Eu nunca o culpei pelo que ele disse. Ele estava apenas fazendo o que havia sido instruído a fazer. Ele cobriu a boca e estendeu a mão, com a palma para cima.

— Você é um imundo — ele me disse.

Com uma declaração, perdi minha família, minha fazenda, meu futuro, meus amigos.

Minha esposa me encontrou junto aos portões da cidade com um saco de roupas, pão e moedas. Ela não falou. A essa altura, os amigos haviam se reunido. O que vi nos olhos deles era um prenúncio do que eu veria em todos os olhos dali em diante: uma piedade cheia de medo. Enquanto eu saía, eles recuavam. O horror deles pela minha doença era maior do que sua preocupação com o meu coração. Então, eles e todos os que vi a partir daí, recuaram.

Banir um leproso parece uma atitude dura e desnecessária. Porém, o Velho Oriente não foi a única cultura a isolar os seus feridos. Talvez, não construamos colônias nem cubramos a boca na presença deles, mas, certamente, construímos muros e tapamos os olhos. E uma pessoa não precisa ter lepra para sentir que está de quarentena.

Uma de minhas lembranças mais tristes envolve meu amigo da quarta série, Jerry.²² Ele e meia dúzia de nós éramos presença permanente e inseparável no playground. Um dia, telefonei para a casa dele para ver se podíamos brincar. O telefone foi atendido por uma voz embriagada, que xingava e dizia que Jerry não poderia ir naquele dia, nem em dia nenhum. contei aos meus amigos o que havia acontecido. Um deles explicou que o

pai de Jerry era alcoólatra. Não sei se eu sabia o que essa palavra significava, mas aprendi depressa. Jerry, o atacante do time. Jerry, o garoto da bicicleta vermelha. Jerry, meu amigo do corredor, agora era “Jerry, o filho do bêbado”. As crianças podem ser duras, e, por algum motivo, fomos duros com Jerry. Ele estava infectado. Como o leproso, ele sofria de uma condição que não havia criado. Como o leproso, ele foi colocado para fora da aldeia.

Os divorciados conhecem esse sentimento. Os deficientes também. Os desempregados o sentiram, assim como os menos instruídos. Alguns evitam as mães solteiras. Mantemos distância dos deprimidos e evitamos os que têm doenças terminais. Temos bairros para imigrantes, casas de repouso para os idosos, escolas para os simples, centros para os viciados e prisões para os criminosos.

O restante, simplesmente, tenta fugir de tudo isso. Só Deus sabe quantos Jerrys estão em exílio voluntário — indivíduos vivendo vidas silenciosas, solitárias, infectados pelo medo da rejeição e pelas lembranças da última vez em que tentaram. Eles preferiram não serem tocados por ninguém em vez de se arriscarem a ser feridos de novo.

Ah, como eu causava repulsa naqueles que me viam. Cinco anos de lepra haviam deixado minhas mãos encolhidas. As pontas dos meus dedos estavam faltando, assim como partes de uma orelha e do meu nariz. Quando me viam, os pais agarravam seus filhos. As mães cobriam seus rostos. As crianças apontavam e olhavam.

Os trapos sobre meu corpo não podiam esconder minhas feridas. Nem o pano sobre meu rosto podia esconder a raiva em meus olhos. Eu não tentava sequer escondê-la. Quantas noites eu brandi meu punho aleijado contra o Céu silencioso? “O que fiz para merecer isto?” Mas nunca houve uma resposta.

Alguns acham que eu pequei. Alguns acham que meus pais pecaram. Não sei. Tudo que sei é que fiquei tão cansado de tudo isso: dormir na colônia, sentir o mau cheiro. Fiquei tão cansado do sino detestável que eu era obrigado a usar em volta do pescoço para avisar às pessoas da minha presença. Como se

eu precisasse dele. Um olhar, e o anúncio começava: “Imundo! Imundo! Imundo!”

Há várias semanas, ousei andar na estrada que vai para a minha aldeia. Eu não tinha intenção de entrar. O Céu sabe que eu só queria olhar novamente para os meus campos. Olhar novamente para a minha casa. E ver, por acaso, o rosto da minha esposa. Eu não a vi. Mas vi algumas crianças brincando em um pasto. Escondi-me atrás de uma árvore e observei-as correr e brincar. Seus rostos estavam tão alegres e o riso delas era tão contagiante, que, por um instante, apenas por um instante, eu não era mais um leproso. Eu era um fazendeiro. Eu era um pai. Eu era um homem.

Inspirado pela felicidade delas, saí detrás da árvore, endireitei as costas, respirei fundo... e elas me viram. Antes que eu pudesse me retirar, elas me viram. E elas gritaram. E elas se espalharam. Uma permaneceu, porém, atrás das outras. Uma parou e olhou na minha direção. Não sei e não posso dizer com certeza, mas acho, realmente acho, que era minha filha. E não sei, realmente não posso dizer com certeza. Mas acho que ela estava procurando por seu pai.

Aquele olhar foi o que me fez dar o passo que dei hoje. É claro que foi impulsivo. É claro que foi arriscado. Mas o que eu tinha a perder? Ele chama a si mesmo de Filho de Deus. Ou ele ouvirá a minha queixa e me matará ou aceitará os meus pedidos e me curará. Esses eram os meus pensamentos. Fui até ele como um homem desafiador. Movido não pela fé, mas por uma raiva desesperada. Deus havia forjado essa calamidade em meu corpo, e ou ele a consertaria ou daria um fim a ela.

Mas, então, eu o vi; e quando o vi, fui transformado. Você deve se lembrar, sou um fazendeiro, não um poeta, portanto, não consigo encontrar as palavras para descrever o que vi. Tudo que posso dizer é que as manhãs da Judeia, às vezes, são tão frescas e o nascer do Sol tão glorioso, que olhar para eles é esquecer o calor do dia anterior e a dor dos tempos passados. Quando olhei para o seu rosto, vi uma manhã da Judeia.

Antes que ele falasse, eu soube que ele se importava. De alguma maneira, eu sabia que ele odiava esta doença tanto quanto eu. Não mais do que eu a odeio. A minha fúria se transformou em confiança, e a minha raiva se transformou em esperança.

Detrás de uma pedra, eu o observei descer uma colina. Multidões de pessoas o seguiam. Esperei até que ele estivesse a apenas alguns passos de mim e, então, saí.

— Mestre!

Ele parou e olhou na minha direção, como dúzias de outros. Um fluxo de medo percorreu a multidão. Braços se colocaram diante dos rostos. Crianças se esconderam atrás dos pais. “Imundo!” alguém gritou. Novamente, não os culpo. Eu era uma massa contraída de morte. Mas eu mal os ouvia. Mal os via. Já havia visto o pânico deles mil vezes. A compaixão dele, porém, eu nunca havia contemplado. Todos recuaram, exceto ele. Ele deu um passo em minha direção. Em minha direção.

Há cinco anos, minha esposa havia dado um passo em minha direção. Ela foi a última a fazer isso. Agora, ele o fez. Eu não me movi. Eu apenas falei.

— Senhor, tu podes curar-me se quiseres.

Se ele tivesse me curado com uma palavra, eu teria ficado perplexo. Se ele tivesse me curado com uma oração, eu teria me alegrado. Mas ele não estava satisfeito em falar comigo. Ele se aproximou de mim. Ele me tocou. Há cinco anos, minha esposa havia me tocado. Ninguém havia me tocado desde então. Até hoje.

— Eu quero.

Suas palavras eram tão ternas quanto o seu toque.

— Seja curado!

A energia inundou o meu corpo como água através de um campo lavrado. Em um instante, em um momento, senti calor onde antes havia dormência. Senti força onde antes havia atrofia. Minhas costas se endireitaram e minha cabeça se ergueu. Se antes o nível dos meus olhos alcançava sua cintura, agora meus olhos estavam no nível do seu rosto.

— Não fale a ninguém sobre isto. Mas vá e mostre-se ao sacerdote e faça a oferta que Moisés ordenou para as pessoas que são curadas. Isto mostrará às pessoas o que eu fiz.

Portanto, é para lá que estou indo. Vou me mostrar ao meu sacerdote e abraçá-lo. Vou me mostrar à minha esposa e vou abraçá-la. Vou pegar minha filha no colo e vou abraçá-la. E nunca me esquecerei daquele que ousou me tocar. Ele poderia ter me curado com uma palavra. Mas ele queria fazer mais do que me curar. Ele queria me honrar, me apoiar, me dar um nome. Imagine isto... indigno do toque de um homem, mas digno do toque de Deus.

Sabe, não foi o toque que curou a doença. Mateus é cuidadoso em mencionar que foi o pronunciamento, e não o toque de Cristo que curou a doença. “Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: ‘Quero. Seja purificado!’ Imediatamente ele foi purificado da lepra” (Mateus 8:3).

A infecção foi banida com uma palavra de Jesus.

A solidão, porém, foi tratada por um toque de Jesus.

Ah, o poder de um toque divino! Você já o conheceu? O médico que o tratou ou o professor que secou suas lágrimas? Havia uma mão segurando a sua em um enterro? Outra no seu ombro durante uma provação? Um aperto de mão de boas-vindas em um novo emprego? A oração de um pastor por cura? Não conhecemos o poder de um toque divino?

Não podemos fazer o mesmo?

Muitos de vocês já o fazem. Alguns de vocês têm o toque de mestre do próprio médico. Você usa as suas mãos para orar pelos enfermos e ministrar aos fracos. Se você não está tocando neles pessoalmente, as suas mãos estão escrevendo cartas, digitando telefones, assando tortas. Você aprendeu o poder de um toque.

Mas outros de nós tendem a esquecer. Nossos corações são bons; acontece que a nossa memória é fraca. Nós nos esquecemos de como um toque pode ser importante. Temos medo de dizer a coisa errada, ou de usar o tom de voz errado, ou de agir da maneira errada. Então, ao invés de fazer alguma coisa de maneira incorreta, não fazemos absolutamente nada.

Ficamos felizes porque Jesus não cometeu o mesmo erro. Se o seu medo de fazer a coisa errada o impede de fazer qualquer coisa, tenha em mente a perspectiva dos leprosos do mundo. Eles não são exigentes. Eles não são mimados. Eles são apenas solitários. Eles estão ansiando por um toque divino.

Jesus tocou os intocáveis do mundo. Você pode fazer o mesmo?

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Você já colocou alguém de “quarentena” em sua vida? Nesse caso, qual foi a situação? Por que você excluiu essa pessoa?
2. Embora as palavras de Jesus tenham curado a doença do leproso, Max indica que apenas o toque amoroso de Cristo banuiu a solidão do homem. Descreva uma época de sua vida em que não houve palavras, mas um toque disse tudo.
3. Leia novamente a história do leproso purificado de Mateus 8:1-4. Por que você acha que Jesus achou importante tocar fisicamente naquele homem? A história teria sido diminuída sem esse toque? Explique.
4. Leia Marcos 1:40-45. Embora o leproso purificado tenha sido instruído a não contar sua história a ninguém, ao invés disso, ele saiu e começou a falar livremente. Você teria conseguido manter silêncio se uma coisa tão maravilhosa acontecesse com você? Explique.
5. Pense em alguém que possui um espírito compassivo. Como esse espírito se expressa por meio dos atos, da fala e da aparência dessa pessoa? Com a ajuda do Senhor, como você pode se esforçar para demonstrar mais compaixão?

Capítulo 19

MEFIBOSETE

Certa ocasião Davi perguntou: “Resta ainda alguém da família de Saul a quem eu possa mostrar lealdade, por causa de minha amizade com Jônatas?”

Então chamaram Ziba, um dos servos de Saul, para apresentar-se a Davi, e o rei lhe perguntou: “Você é Ziba?”

“Sou teu servo”, respondeu ele.

Perguntou-lhe Davi: “Resta ainda alguém da família de Saul a quem eu possa mostrar a lealdade de Deus?”

Respondeu Ziba: “Ainda há um filho de Jônatas, aleijado dos pés.”

“Onde está ele?”, perguntou o rei.

Ziba respondeu: “Na casa de Maquir, filho de Amiel, em Lo-Debar.”

Então o rei Davi mandou trazê-lo de Lo-Debar. Quando Mefibosete, filho de Jônatas e neto de Saul, compareceu diante de Davi, prostrou-se com o rosto em terra.

“Mefibosete?”, perguntou Davi.

Ele respondeu: “Sim, sou teu servo.”

“Não tenha medo”, disse-lhe Davi, “pois é certo que eu o tratarei com bondade por causa de minha amizade com Jônatas, seu pai. Vou devolver-lhe todas as terras que pertenciam a seu avô Saul, e você comerá sempre à minha mesa.”

Mefibosete prostrou-se e disse: “Quem é o teu servo, para que te preocupes com um cão morto como eu?”

Então o rei convocou Ziba e disse-lhe: Devolvi ao neto de Saul, seu senhor, tudo o que pertencia a ele e à família dele. Você, seus filhos e seus servos cultivarão a terra para ele. Você trará a colheita para que haja provisões na casa do neto de seu senhor. Mas Mefibosete comerá sempre à minha mesa.

Ziba tinha quinze filhos e vinte servos. Então Ziba disse ao rei: “O teu servo fará tudo o que o rei, meu senhor, ordenou.”

Assim, Mefibosete passou a comer à mesa de Davi como se fosse um dos seus filhos. Mefibosete tinha um filho ainda jovem chamado Mica. E todos os que moravam na casa de Ziba tornaram-se servos de Mefibosete. Então Mefibosete, que era aleijado dos pés, foi morar em Jerusalém, pois passou a comer sempre à mesa do rei.

QUANDO A GRAÇA ALCANÇA MAIS FUNDO

O FILHO PRÓDIGO ANDA COM DIFICULDADE PELO CAMINHO. O cheiro dos porcos que exala dele faz com que os transeuntes se desviem, passando de longe, mas ele não percebe. Com os olhos no chão, ele treina o seu discurso:

— Pai — sua voz é quase inaudível — pequei contra o Céu e contra ti. Não sou digno de ser chamado teu filho.

Ele repassa as frases, imaginando se deve dizer mais, menos, ou pegar um retorno até o curral junto ao celeiro. Afinal, ele embolsou o dinheiro de fundo fiduciário e jogou fora o nome da família. Durante o último ano, ele havia acordado com mais gargantas secas, dores de cabeça, mulheres e tatuagens do que um astro de rock. Como seu pai poderia perdoá-lo? Talvez eu pudesse me oferecer para *pagar os cartões de crédito*. Ele está tão concentrado no planejamento da sua penalidade que não ouve o som de seu pai... correndo!

O pai abraça o garoto coberto de lama como se ele fosse um herói voltando da guerra. Ele ordena aos servos que tragam uma roupa, um anel e sandálias, como se dissesse: “Nenhum filho meu vai se parecer com um tratador de porcos. Acendam a grelha. Tragam as bebidas. É tempo de festa!”

Enquanto isso, o irmão mais velho está parado no portão, aborrecido. “Ninguém nunca fez uma festa para mim”, ele resmunga, com os braços cruzados.

O pai tenta explicar, mas o filho ciumento não quer ouvir. Ele bufa de raiva, dá de ombros e resmunga alguma coisa sobre a graça barata, sela seu cavalo alto e vai embora. Mas você sabia disso. Você leu a parábola do pai gracioso e do irmão hostil (Lucas 15:11-32).

Mas você leu o que aconteceu em seguida? Você leu o segundo capítulo? Ele é empolgante. O irmão mais velho decide acabar com aquele “desfile de perdão”. *Se o papai não vai fazer justiça com este garoto, eu vou.*

— Bela túnica essa, irmãozinho — diz ele para seu irmão certo dia. — É melhor mantê-la limpa. Uma mancha, e papai vai mandar você para a tinturaria junto com ela.

O irmão mais moço balança os braços como se não se importasse com o mais velho, mas, quando vê seu pai na vez seguinte, ele depressa verifica se há alguma mancha em sua túnica.

Alguns dias depois, o irmão mais velho adverte quanto ao anel.

— É uma linda joia esta que papai lhe deu. Ele prefere que você a use no dedo polegar.

— No polegar? Ele não me disse isso!

— Algumas coisas nós, simplesmente, devemos saber de antemão.

— Mas ele não cabe no meu polegar.

— Qual é o seu objetivo — agradecer ao nosso pai ou o seu conforto pessoal?

O monitor da espiritualidade o humilha e se afasta. Mas o irmão mais velho não terminou. Com o prazer de um auditor de Imposto de Renda que sofre de dispepsia, ele zomba:

— Se papai vir você com os cadarços desamarrados, ele tomará as sandálias de volta.

— Ele não fará isso. Elas foram um presente. Ele não faria... Faria?

O ex-filho pródigo, então, se abaixa para apertar os cadarços. Quando ele faz isso, observa uma mancha em sua túnica. Tentando esfregá-la para que saia, ele percebe que seu anel está em um dedo que não é o polegar. É então que ele ouve a voz de seu pai:

— Olá, filho.

Ali está o rapaz, usando uma túnica manchada, com os cadarços soltos e com o anel no dedo errado. Tomado pelo medo, ele reage com um “Sinto muito, Papai”, se vira e foge.

São tarefas demais. Manter a túnica sem manchas, o anel no dedo certo, as sandálias apertadas — quem poderia atender a esses padrões? A preservação dos presentes começa a esgotar o jovem. Ele evita o pai e sente que não pode agradá-lo. Ele deixa de usar os seus presentes, os quais não consegue manter. E ele até começa a ter saudades dos dias mais simples na pocilga. “Ali ninguém me perseguia.”

Este é o final da história. Você está se perguntando onde eu a encontrei? Na página 1.892 da minha Bíblia, no livro de Gálatas. Graças a alguns irmãos mais velhos legalistas, os leitores de Paulo deixaram de ser receptores da graça para ser mantenedores da lei. A vida cristã deles havia atingido o nível de alegria de uma endoscopia gastrointestinal. Paulo estava perplexo.

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo...

Sabemos que ninguém é justificado pela prática da Lei, mas mediante a fé em Jesus Cristo. Assim, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pela prática da

Lei, porque pela prática da Lei ninguém será justificado. (Gálatas 1:6-7; 2:16)

Ladrões da alegria também se infiltraram na Igreja de Roma. Paulo teve de lembrar a eles: “Todavia, àquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça” (Romanos 4:5).

Os cristãos de Filipos ouviram a mesma tolice. Os irmãos mais velhos não estavam dizendo a eles para usar um anel no polegar, mas estavam insistindo: “Cuidado com os “cães”, cuidado com esses que praticam o mal, cuidado com a falsa circuncisão” (Filipenses 3:2).

Até a Igreja de Jerusalém, a congregação mais importante, ouviu as palavras solenes e monótonas da Junta de Controle de Qualidade. Os cristãos não judeus estavam sendo avisados: “Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos” (Atos 15:1).

As igrejas sofriam da mesma doença: o bloqueio da graça. O Pai pode ter deixado você passar pelo portão, mas você precisa conquistar o seu lugar à mesa. Deus paga a entrada da sua redenção, mas você paga as prestações mensais. O Céu dá o barco, mas você precisa remar se quiser ver a outra margem.

O bloqueio da graça. Prove, mas não beba. Molhe os lábios, mas nunca sacie a sua sede. Você pode imaginar estas instruções escritas sobre uma fonte? “Por favor, não engula. Encha a boca, mas não o estômago.”

Seria um absurdo. De que serve a água se não pudermos bebê-la? E de que serve a graça se não permitirmos que ela vá até o mais profundo?

Você permite? Que imagem descreve melhor o seu coração? Uma criança encharcada de água dançando diante de um hidrante aberto ou uma erva seca e esticada no deserto? Eis como saber. Com uma pergunta: a graça

de Deus *define* você? A graça que flui profundamente esclarece, de uma vez por todas, quem nós somos.

Todavia, Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus, para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco em Cristo Jesus.

Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie. (Efésios 2:4-9)

Veja como a graça nos define. Nós:

- Estamos espiritualmente vivos: “Deu-nos vida” (v. 5);
- Estamos posicionados no céu: “Ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus” (v. 6);
- Estamos ligados a Deus: “unidos com Cristo Jesus” (v. 6);
- Somos *outdoors* de misericórdia: “exemplos da incomparável riqueza da sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco” (v. 7);
- Somos filhos honrados: “Pois vocês são salvos pela graça” (v. 8).

A graça define você. À medida que a graça vai sendo descoberta, os rótulos terrenos desaparecem. A sociedade rotula você como uma lata em uma linha de montagem. Estúpido. Improdutivo. Lento para aprender. Rápido para falar. Aquele que desiste fácil. Pão-duro. Mas, à medida que a graça vai se infiltrando, a crítica se desintegra. Você sabe que não é quem

eles dizem que é. Você é quem diz o que você é. Espiritualmente vivo. Posicionado nas regiões celestiais. Ligado ao Pai. Um *outdoor* de misericórdia. Um filho honrado.

Naturalmente, nem todos os rótulos são negativos. Algumas pessoas olham você como alguém bonito, inteligente, bem-sucedido ou eficiente. Mas até mesmo um cargo na Casa Branca não se compara com “estar assentado com ele nas regiões celestiais”. A graça cria o currículo do cristão.

Ela, certamente, fez isso por Mefibosete. Isso é que é uma vida redefinida! Depois de assumir o trono de Saul: “Certa ocasião Davi perguntou: ‘Resta ainda alguém da família de Saul a quem eu possa mostrar lealdade, por causa de minha amizade com Jônatas?’” (2Samuel 9:1).

Os filisteus, como você sabe, derrotaram Saul em batalha. Depois que a fumaça do conflito passou, Davi procurou demonstrar misericórdia para com os descendentes de Saul. Um servo chamado Ziba lembrou: “Ainda há um filho de Jônatas, aleijado dos pés” (v. 3). Nenhum nome é dado. Somente a dor. Rotulado pela desventura. Um capítulo anterior revela o infortúnio: quando a notícia sobre a morte de Saul e Jônatas chegou à capital, uma ama da casa de Jônatas agarrou o filho dele de cinco anos e fugiu. Mas, na pressa, ela tropeçou e deixou o menino cair, aleijando-o de ambos os pés.

O que uma criança como essa vai se tornar? Não pode andar. Não pode trabalhar. O pai e o avô estão mortos. Para onde pode ir o neto aleijado de um líder fracassado?

Que tal Lo-debar? Parece um lugar esquecido pela sorte. Como No Trees, no Texas, ou Weed, no Oregon, ou French Lick, em Indiana. Lo-debar, em Israel. O lugar perfeito para Mefibosete. Preso em um nome maior do que o seu braço. Deixado cair como um melão amarelo de um saco de papel rasgado. Até onde se pode descer? O bastante para acabar vivendo no bairro pobre de Lo-debar.

Está familiarizado com as ruas de lá? Se você foi deixado cair, está. Você foi retirado da lista. Foi dispensado por uma garota. Foi dispensado pelo time. Foi deixado no orfanato. E agora anda mancando. As pessoas não

se lembram do seu nome, mas se lembram da sua dor. “Ele é o alcoólatra.” “Ah, eu me lembro dela. A viúva.” “Você quer dizer a mulher divorciada da cidade de Lugar Nenhum?” “Não, da cidade de Lo-debar.” Você vive rotulado.

Mas, então, acontece alguma coisa do tipo “história da Cinderela”. Os homens do rei batem à sua porta em Lo-debar. Eles o colocam em um carro e o levam até a presença do rei. Você imagina o pior e começa a orar por um companheiro de cela que não ronque. Mas os criados não depositam você nos degraus da prisão; eles o colocam na mesa do rei. Bem acima do seu prato, está um cartão marcando o lugar com o seu nome. “Assim, Mefibosete passou a comer à mesa de Davi como se fosse um dos seus filhos” (v. 11).

Charles Swindoll escreveu uma série de parágrafos incríveis. Mas o meu favorito é esta cena imaginária no palácio de Davi.

Enfeites de ouro e de bronze brilham nas paredes. Cada sala espaçosa é coroada por tetos de madeira eminentes... Davi e seus filhos estão reunidos para a refeição noturna. Absalão, bronzeado e belo, está ali, assim como a bela filha de Davi, Tamar. O chamado para o jantar é feito, e o rei varre a sala com os olhos para ver se todos estão presentes. Uma figura, porém, está ausente.

Um som surdo, outro arrastaaado. Um som surdo, outro arrastaaado. O som que vem do corredor ecoa no aposento. *Um som surdo, outro arrastaaado. Um som surdo, outro arrastaaado.* Finalmente, a pessoa aparece na porta e lentamente se arrasta até o seu lugar. É o coxo Mefibosete sentado em graça à mesa de Davi. E a toalha de mesa cobre seus pés. Agora, o banquete pode começar.²³

De Lo-debar para o palácio, da obscuridade para a realeza, da ausência de futuro para a mesa do rei. Uma mudança e tanto para Mefibosete. Um lembrete e tanto para nós. Ele é um modelo da nossa

jornada. Deus nos levantou do beco sem saída da cidade de Lo-debar e nos sentou à sua mesa. “Deus... nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus” (Efésios 2:6).

Banhe sua alma neste versículo. Na próxima vez que os ventos áridos do deserto sopram, definindo você pelas dificuldades do passado, estenda a mão para a taça da graça de Deus e beba. A graça define quem você é. O pai ou a mãe que você não consegue agradar está tão enganado quanto o tio caduco que você não pode decepcionar. As pessoas não podem influenciá-lo. Só Deus pode. De acordo com ele, você é dele. E ponto final. “Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos” (v.10).

Suponhamos que Mefibosete tivesse visto esse versículo. Imagine alguém nos dias de Lo-debar dizendo a ele: “Não desanime, amigo, sei que você não pode dançar ou correr. Os outros chutam a bola de futebol, e você está preso aqui, olhando pela janela. Mas ouça, Deus escreveu a sua história. Ele colocou você no elenco do drama dele. Daqui a três mil anos a sua história irá criar uma imagem da graça para alguns leitores no século XXI.”

Será que ele teria acreditado? Não sei. Mas oro para que você acredite. Você está pendurado como a obra de arte de Deus, um testemunho na galeria da graça dele.

Há mais de cem anos, um grupo de pescadores estava relaxando na sala de jantar de uma hospedaria escocesa à beira-mar, contando histórias de pescador. Um dos homens gesticulava muito, descrevendo o tamanho de um peixe que escapou. Seu braço bateu na bandeja de chá da moça que estava servindo, fazendo com que o bule de chá batesse voando na parede pintada de branco, onde o seu conteúdo deixou uma mancha marrom irregular.

O dono da hospedaria observou os danos e suspirou:

— A parede inteira terá de ser pintada novamente.

— Talvez não. — ofereceu um estranho. — Deixe-me trabalhar nisso.

Não tendo nada a perder, o proprietário consentiu. O homem tirou lápis, pincéis, alguns vidros de óleo de linhaça e pigmentos de uma caixa de pintura. Ele desenhava linhas ao redor das manchas e deu leves toques de sombras e cores nos respingos de chá. Com o tempo, uma imagem começou a surgir: um veado com um grande par de chifres. O homem colocou sua assinatura embaixo do desenho, pagou pela refeição e saiu. Seu nome: Sir Edward Landseer, o famoso pintor da vida selvagem.

Em suas mãos, um erro se tornou uma obra de arte.²⁴

As mãos de Deus fazem o mesmo, sem cessar. Ele desenha sobre as manchas desconjuntadas da nossa vida e as transforma em uma expressão do seu amor. Nós nos tornamos pinturas, exemplos da “incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco...” (Efésios 2:7).

Quem determina a sua identidade? O que o define? O dia em que deixaram você cair ou o dia em que você foi levado à mesa do Rei?

Receba a obra de Deus. Beba profundamente do seu poço de graça. À medida que a graça descer profundamente até sua alma, Lo-debar se tornará uma mancha no espelho retrovisor. Os dias escuros não definirão mais quem você é. Você agora está no palácio.

E, agora, você sabe o que dizer aos irmãos mais velhos deste mundo. Não é preciso limpar a túnica freneticamente, nem existem regras para usar o seu anel. Os seus atos não salvam você. Nem o mantêm salvo. A graça sim. Da próxima vez que o irmão mais velho começar a rosnar mais do que cães dobermanns gêmeos, afrouxe as sandálias, coloque o anel no dedo anular e cite o apóstolo da graça, que disse: “Pela graça de Deus, sou o que sou” (1Coríntios 15:10).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Descreva a diferença entre “receber graça” e “guardar a lei”. Por que guardar a lei, geralmente, nos esvazia da alegria? Leia Gálatas 1:6-7; 2:16. O que mais deixou Paulo perplexo acerca da escolha que seus amigos haviam feito?
2. Como algumas vezes tentamos conquistar o nosso lugar à mesa de Deus?
3. Como a graça de Deus de pegar pessoas quebradas e sofredoras e usar as suas dores, sofrimentos e deformidades físicas do passado glorificam a ele? De que maneira a graça molda a maneira como você vive? Como ela moldou a sua maneira de agir hoje?
4. Leia 2Samuel 9:1-13. Por que Davi demonstrou tamanha bondade para com Mefibosete (v.1)? Qual teria sido o resultado se Mefibosete tivesse tentado fugir em lugar de ir ao palácio do rei? Há momentos em que fugimos da presença do Rei e perdemos a bênção de nos sentarmos à sua mesa?
5. Como Mefibosete via a si mesmo (v.8)? Que privilégio Mefibosete recebeu (v.11)?

Capítulo 20

JOSIAS

Sob as suas ordens foram derrubados os altares dos baalins; além disso, ele [Josias] despedaçou os altares de incenso que ficavam acima deles. Também despedaçou e reduziu a pó os postes sagrados... e os espalhou sobre os túmulos daqueles que lhes haviam oferecido sacrifícios. Depois queimou os ossos dos sacerdotes sobre esses altares, purificando assim Judá e Jerusalém.

— 2CRÔNICAS 34:4-5,7

SUPERANDO A SUA HERANÇA

STEFAN PODE LHE FALAR SOBRE ÁRVORES DE FAMÍLIA. Ele ganha a vida com elas. Ele herdou uma floresta alemã que está na família há quatrocentos anos. As árvores que ele colhe foram plantadas há 180 anos por seu bisavô. As árvores que ele planta não estarão prontas para o mercado até que seus tataranetos nasçam.

Ele faz parte de uma cadeia.

Cada geração precisa fazer uma escolha — ele me disse. — Elas podem saquear ou plantar. Elas podem violentar a paisagem e enriquecer, ou podem cuidar da paisagem, colher apenas o que é delas e deixar um investimento para seus filhos.²⁵

Stefan colhe as sementes plantadas por homens que ele nunca conheceu.

Stefan planta sementes para serem colhidas por descendentes que ele nunca verá.

Dependente do passado, responsável pelo futuro: ele é parte de uma cadeia.

Assim como nós. Somos filhos do passado e pais do futuro. Herdeiros. Benfeitores. Receptores da obra feita por aqueles que vieram antes de nós. Nascidos em uma floresta que não plantamos.

O que me leva a perguntar: como vai a sua floresta?

Enquanto você se põe de pé na terra legada em testamento pelos seus antepassados, qual é a aparência dela? Como você se sente?

O orgulho pelo seu legado desapareceu? Talvez. Alguns herdaram uma terra cultivada. Árvores de convicção, com raízes profundas. Uma fileira após outra de verdade e herança. Talvez, você esteja de pé na floresta de seus pais com orgulho. Nesse caso, agradeça, pois muitos não o estão.

Muitos não têm orgulho de sua árvore genealógica. Pobreza. Vergonha. Abuso. Essas são as florestas encontradas por alguns de vocês. A terra foi saqueada. A colheita foi levada, mas nenhuma semente foi plantada.

Talvez, você tenha sido criado em um lar de intolerância e, por isso, você é intolerante com as minorias. Talvez, você tenha sido criado em um lar de ganância, e, por isso, o seu desejo por posses é insaciável.

Talvez, as suas lembranças de infância tragam mais dor do que inspiração. As vozes do seu passado o amaldiçoaram, menosprezaram e ignoraram. Naquela época, você achava que esse tratamento era característico. Agora, vê que não é.

E, agora, você se vê tentando explicar o seu passado.

Conheci a história de um homem que deve ter tido esses pensamentos. A sua herança era trágica. Seu avô era um assassino e um místico que sacrificou seus próprios filhos em um ritual abusivo. Seu pai era um rebelde que saqueava templos e zombava dos cristãos. Ele foi morto aos vinte e quatro anos... por seus amigos.

Aqueles homens eram típicos de sua época. Eles viviam em um tempo em que as prostitutas ofereciam sua mercadoria nos templos. Os bruxos tratavam as doenças com cânticos. As pessoas adoravam as estrelas e seguiam horóscopos. Dedicava-se mais interesse à superstição e ao vodu do que à educação dos filhos.

Era uma época tenebrosa para se nascer. O que fazer quando seu avô segue a magia negra, seu pai é um canalha e a sua nação é corrupta?

Fazer o mesmo? Alguns presumiram que ele o faria. Eles o marcaram como um delinquente antes mesmo do seu nascimento, uma lasca da velha banda podre. Podemos quase ouvir as pessoas lamentarem quando ele passa:

— Vai ser igualzinho ao pai.

Mas elas estavam erradas. Ele não era. Ele reverteu a tendência. Ele desafiou as probabilidades. Ele se levantou como uma represa contra as tendências do seu tempo e redirecionou o futuro de sua nação. Suas realizações foram tão notáveis que ainda contamos a sua história, dois mil e seiscentos anos depois.

A história do rei Josias. O mundo já viu reis mais sábios; o mundo já viu reis mais ricos; o mundo já viu reis mais poderosos. Mas a história nunca viu um rei mais corajoso do que o jovem Josias.

Nascido cerca de seiscentos anos antes de Jesus, Josias herdou um trono frágil e uma coroa embaçada. O templo estava em desordem, a Lei havia sido perdida e o povo adorava o deus que desejasse. Mas, no fim dos trinta e um anos de reinado de Josias, o templo havia sido reconstruído, os ídolos destruídos e a lei de Deus, mais uma vez, havia sido elevada a um lugar de proeminência e poder.

A floresta havia sido recuperada.

O avô de Josias, o Rei Manassés, era lembrado como o rei que “derramou tanto sangue inocente que encheu Jerusalém de um extremo ao outro” (2Reis 21:16). Seu pai, o rei Amon, morreu nas mãos de seus próprios oficiais. “Ele fez o que Deus disse que era errado”, dizia o seu epitáfio.

Os cidadãos formaram um grupo de civis e mataram os assassinos, e Josias, aos oito anos, subiu ao trono. No início de seu reinado, Josias fez uma escolha corajosa. “Andou nos caminhos de Davi, seu predecessor, sem desviar-se nem para a direita nem para a esquerda” (2Reis 22:2).

Ele folheou o livro de recortes de sua família até encontrar um ancestral digno de ser imitado. Josias passou por cima da vida de seu pai e

contornou a de seu avô. Ele saltou, voltando no tempo, até encontrar Davi e decidiu: “Serei como ele.”

O princípio? Não podemos escolher nossos pais, mas podemos escolher nossos mentores.

E uma vez que Josias escolheu Davi (que havia escolhido Deus), as coisas começaram a acontecer.

Sob as suas ordens foram derrubados os altares dos baalins; além disso, ele despedaçou os altares de incenso que ficavam acima deles. Também despedaçou e reduziu a pó os postes sagrados, as imagens esculpidas e os ídolos de metal, e os espalhou sobre os túmulos daqueles que lhes haviam oferecido sacrifícios... Depois queimou os ossos dos sacerdotes sobre esses altares, purificando assim Judá e Jerusalém. Derrubou os altares e os postes sagrados, esmagou os ídolos, reduzindo-os a pó, e despedaçou todos os altares de incenso espalhados por Israel. (2Crônicas 34:4-5,7)

Não é o que pode se chamar de um passeio de relações públicas. Mas, por outro lado, Josias não estava pretendendo fazer amigos. Ele pretendia fazer uma declaração: “O que meus pais ensinaram, eu não ensino. O que eles abraçaram, eu rejeito.”

E ele não havia terminado. Quatro anos depois, aos vinte e seis anos, ele voltou sua atenção para o templo. Ele estava em ruínas. O povo havia permitido que ele fosse dilapidado. Mas Josias estava determinado. Algo havia acontecido que alimentou a sua paixão por restaurar o templo. Um bastão havia sido passado. Uma tocha havia sido recebida.

No início de seu reinado, ele havia resolvido servir ao Deus de seu ancestral Davi. Agora, ele resolveu servir ao Deus de outra pessoa. Observe as palavras de 2Crônicas 34:8: “No décimo oitavo ano do seu reinado, a fim

de purificar o país e o templo, ele enviou Safã... para restaurarem o templo do Senhor, o *seu* Deus” (grifo do autor).

Deus era o *seu* Deus. A fé de Davi era a fé de Josias. Ele havia encontrado o Deus de Davi e fizera dele o seu Deus. Quando o templo estava sendo reconstruído, um dos trabalhadores encontrou um pergaminho. No pergaminho, estavam as palavras de Deus dadas a Moisés, aproximadamente mil anos antes.

Quando Josias ouviu as palavras, ele ficou chocado. Ele chorou pelo seu povo ter se desviado para tão longe de Deus, a ponto de a sua palavra não ser mais parte de suas vidas.

Ele mandou chamar uma profetiza e perguntou a ela: “O que será do nosso povo?”

Ela disse a Josias que, pelo fato dele ter se arrependido quando ouviu as palavras, a sua nação seria poupada da ira de Deus (2Crônicas 34:27). Incrível. Toda uma geração recebeu graça por causa da integridade de um homem.

Seria possível que Deus o tivesse colocado na Terra por esse motivo?

Será possível que Deus tenha colocado você na Terra pelo mesmo motivo?

Talvez, o seu passado não tenha muitas coisas das quais se gabar. Talvez, você tenha visto o mal na sua forma mais dura. E, agora, você, assim como Josias, precisa fazer uma escolha. Você vai se levantar acima do seu passado e fazer a diferença ou vai continuar sendo controlado pelo passado e dando desculpas?

Muitos escolhem a segunda opção.

Muitos escolhem as casas de repouso do coração. Corpos saudáveis. Mentes afiadas. Mas sonhos aposentados. Eles se balançam para frente e para trás na cadeira de balanço da lamentação, repetindo os termos da rendição. Inclina-se mais, e você pode ouvi-los: “Se ao menos...” A bandeira branca do coração.

“Se ao menos...”

“Se ao menos eu tivesse nascido em outro lugar...”

“Se ao menos eu tivesse sido tratado corretamente...”

“Se ao menos eu tivesse tido pais mais bondosos, mais dinheiro, melhores oportunidades...”

“Se ao menos eu tivesse sido treinado para largar as fraldas mais cedo, sido menos espancado ou sido ensinado a comer sem fazer barulho...”

Talvez, você já tenha dito essas palavras. Talvez, você tenha todo o direito de dizê-las. Talvez, como Josias, você já tivesse sido condenado ao fracasso antes mesmo de nascer. Para encontrar um ancestral digno de ser imitado, você, assim como Josias, precisa folhear o seu álbum de família.

Nesse caso, deixe-me mostrar-lhe em qual página procurar. Deixe de lado o livro de recortes e pegue a sua Bíblia. Vá até o Evangelho de João e leia as palavras de Jesus: “A vida humana vem dos pais humanos, mas a vida espiritual vem do Espírito” (João 3:6).

Pense nisso. A vida espiritual vem do Espírito! Os seus pais podem ter lhe dado os genes deles, mas Deus lhe dá graça. Os seus pais podem ser responsáveis pelo seu corpo, mas Deus assumiu o comando da sua alma. Você pode ter a aparência da sua mãe, mas recebeu a eternidade do seu Pai, o seu Pai celestial.

E, por falar nisso, ele não está cego para os seus problemas. Na verdade, Deus está disposto a lhe dar o que a sua família não lhe deu.

Você não teve um bom pai? Ele será o seu Pai.

Assim, você já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou herdeiro. (Gálatas 4:7)

Você não teve um bom exemplo? Experimente Deus.

Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados. (Efésios 5:1)

Você nunca teve um pai ou uma mãe que secasse as suas lágrimas? Pense novamente. Deus observou cada uma delas.

Registra, tu mesmo, o meu lamento; recolhe as minhas lágrimas em teu odre; acaso não estão anotadas em teu livro? (Salmos 56:8)

Deus não deixou você à deriva em um mar de hereditariedade. Assim como Josias, você não pode controlar a maneira como seus antepassados responderam a Deus, mas pode controlar a maneira como *você* responde a ele. O passado não tem de ser a sua prisão. Você tem uma voz no seu destino. Você tem o poder de decisão em sua vida. Você tem uma escolha no caminho que está seguindo.

Escolha bem e, um dia, daqui a gerações, seus netos e bisnetos agradecerão a Deus pelas sementes que você plantou.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. “Não podemos escolher nossos pais, mas podemos escolher nossos mentores.” Que mentores você escolheu? Por que você escolheu essas pessoas específicas?
2. Escolha uma palavra para descrever como se sente com relação ao seu passado: Grato? Irado? Desanimado? Orgulhoso? Abençoado?
3. Como algumas vezes nos permitimos ser controlados pelo passado? Você já esteve nessa situação? Explique.
4. “A vida espiritual vem do Espírito! Os seus pais podem ter lhe dado os genes deles, mas Deus lhe dá graça.” Como esse princípio muda o panorama da sua história familiar?
5. Que espécie de herança espiritual você tem agora? Descreva-a.

Capítulo 21

JÓ

Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram.

— Jó 42:5

ELE FALA NA TEMPESTADE

TUDO ACONTECEU EM UM DIA. NUM DIA, ele podia escolher o seu horário de jogo no melhor campo de golfe do país; no outro, não podia sequer ser o garoto que carrega os tacos. Num dia, ele podia voar de Learjet pelo país para ver a luta de pesos pesados em Las Vegas. No outro, não podia se dar ao luxo de atravessar a cidade de ônibus.

Isso é que é a calma se transformando em caos...

A primeira coisa a desaparecer é o seu império. O mercado entra em colapso; os ativos despencam. O que é líquido fica seco. O que estava no alto desmorona. As ações caem, e Jó perde tudo. Ali está ele, sentado em sua cadeira de couro à sua mesa de mogno, que, em breve, será levada pelos credores, quando o telefone toca com as notícias da calamidade número 2:

As crianças estavam em um resort passando o feriado quando uma tempestade desabou e as atingiu.

Perturbado e chocado, Jó olha pela janela para o céu, que parece ficar mais escuro a cada minuto. Ele começa a orar, dizendo a Deus que as coisas não podem piorar... E é exatamente isso que acontece. Ele sente uma dor no peito que é mais que o ravióli da noite passada. Quando ele se dá conta, está sacudindo em uma ambulância com fios presos ao peito e agulhas enfiadas no braço.

Ele acaba preso a um monitor cardíaco na enfermaria do hospital público da cidade. Próximo a ele, está um imigrante ilegal que não sabe falar sua língua.

Não que Jó precise de alguém para conversar.

Primeiro, ali está sua esposa. Quem a culparia por estar irritada com as calamidades da semana? Quem poderia culpá-la por dizer a Jó para amaldiçoar Deus? Mas amaldiçoar Deus *e morrer*? Se Jó ainda não estava se sentindo abandonado, ele começa a se sentir assim no instante em que sua mulher lhe diz para puxar o plugue e pôr um fim em tudo aquilo.

Depois, há os seus amigos. Eles têm aquele jeito peculiar de um sargento do exército para consolá-lo e a compaixão de um assassino da serra elétrica. Uma versão resumida da teologia deles poderia ser a seguinte: “Cara, você deve ter feito alguma coisa realmente ruim! Sabemos que Deus é bom, então, se coisas más estão acontecendo com você, você deve ter sido mau. Ponto final.”

Jó aceitou isso passivamente? De modo algum.

“Vocês, porém, me difamam com mentiras; todos vocês são médicos que de nada valem! Se tão-somente ficassem calados, mostrariam sabedoria” (Jó 13:4-5).

Tradução: “Por que vocês não pegam a sua filosofia e a levam de volta para a pocilga onde a aprenderam?”

— Não sou um homem mau — Jó argumenta. — Paguei meus impostos. Estou em dia com os meus deveres civis. Sou um contribuinte importante de associações beneficentes e voluntário do bazar do hospital.

Jó, a seus olhos, é um homem bom. E um homem bom, ele raciocina, merece uma boa resposta.

— O seu sofrimento é para o seu próprio bem — afirma Eliú, um jovem ministro recém-saído do seminário, que não viveu tempo suficiente para ser sarcástico e não sofreu o suficiente para ficar calado. Ele anda de um lado para o outro no quarto do hospital, com a Bíblia debaixo do braço e o dedo se agitando no ar.

“Deus faz dessas coisas ao homem, duas ou três vezes, para recuperar sua alma da cova, a fim de que refulja sobre ele a luz da vida” (Jó 33:29-30).

Jó segue os passos dele como se segue um jogador de tênis, com a cabeça virando de um lado para outro. O que o jovem diz não é uma má teologia, mas também não é muito consolador. Jó desliga os ouvidos com firmeza para o que ele está dizendo e desliza cada vez mais para baixo das cobertas. Sua cabeça dói. Seus olhos queimam. Suas pernas doem. E ele não pode suportar mais homilias vazias.

No entanto, a sua pergunta ainda não foi respondida:

— Deus, por que isto está acontecendo comigo?

Então, Deus fala.

De dentro do trovão, ele fala. Do céu, ele fala. Para todos nós que repetiríamos a pergunta de Jó e assinaríamos o nosso nome nela, ele fala.

- Ao pai que segura uma rosa tirada do caixão de seu filho, ele fala.
- À esposa que segura a bandeira tirada do caixão de seu marido, ele fala.
- Ao casal com ventre estéril e orações fervorosas, ele fala.
- A qualquer pessoa que tentou ver Deus através de vidros quebrados, ele fala.
- Àqueles de nós que ousaram dizer: “Se Deus é Deus, então...”, Deus fala.

Ele fala fora da tempestade e dentro dela, pois é ali que Jó está. É nesse lugar que melhor se ouve a voz de Deus.

A voz de Deus troveja na sala. Eliú se senta. Jó se senta na cama. E os dois jamais serão os mesmos.

“Quem é esse que obscurece o meu conselho com palavras sem conhecimento?” (Jó 38:2).

Jó não responde.

“Prepare-se como simples homem; vou fazer-lhe perguntas, e você me responderá” (Jó 38:3).

“Onde você estava quando lancei os alicerces da Terra? Responda-me, se é que você sabe tanto” (v. 4).

Uma pergunta teria sido suficiente para Jó, mas não é suficiente para Deus.

“Quem marcou os limites das suas dimensões? Talvez você saiba! E quem estendeu sobre ela a linha de medir?” Deus pergunta. “E os seus fundamentos, sobre o que foram postos? E quem colocou sua pedra de esquina, enquanto as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam?” (vv. 5-7).

As perguntas continuam jorrando. Elas se derramam como extensões de chuva saindo das nuvens. Elas respingam nas câmaras do coração de Jó com uma imensidão, e uma beleza, e um terror, que deixam cada Jó que um dia viveu encharcado e mudo vendo o Mestre redefinir quem é quem no Universo.

“Você já deu ordens à manhã ou mostrou à alvorada o seu lugar, para que ela apanhasse a Terra pelas pontas e sacudisse dela os ímpios?” (vv. 12-13).

As perguntas de Deus não têm a intenção de ensinar; elas têm a intenção de abalar. Elas não têm a intenção de iluminar; elas têm a intenção de despertar. Elas não têm a intenção de agitar a mente; elas têm a intenção de fazer joelhos se dobrarem.

“As portas da morte lhe foram mostradas? Você viu as portas das densas trevas? Você faz ideia de quão imensas são as áreas da Terra? Fale-me, se é que você sabe. Como se vai ao lugar onde mora a luz? E onde está a residência das trevas? Poderá você conduzi-las ao lugar que lhes pertence? Conhece o caminho da habitação delas? Talvez você conheça, pois você já tinha nascido! Você já viveu tantos anos!” (vv. 17-21).

Finalmente, a mão frágil de Jó se ergue, e Deus se detém por tempo suficiente para que ele responda. “Eu não sou nada! Não mereço falar com o

Senhor, ó Deus. Além do mais, nunca poderia responder aos seus argumentos. Já falei demais contra o Senhor; duas vezes até. Agora chega, vou ficar calado” (Jó 40:4-5, A Bíblia Viva).

A mensagem de Deus foi entendida:

- Jó é um camponês, dizendo ao Rei como governar o reino.
- Jó é um iletrado, dizendo ao membro fundador da Academia de Letras para corrigir a sua gramática.
- Jó é o garoto contratado para cuidar do equipamento do time de beisebol, dizendo ao maior jogador de todos os tempos para mudar a sua posição de rebatida.
- Jó é o barro, dizendo ao oleiro para não apertar com tanta força.

“Quem primeiro me deu alguma coisa, que eu lhe deva pagar? Tudo o que há debaixo dos céus me pertence” (Jó 41:11).

Jó não podia argumentar. Deus não deve nada a ninguém. Nenhuma explicação. Nenhuma desculpa. Nenhuma ajuda. Deus não tem dívidas, não tem saldo devedor, não tem favores a retribuir. Deus não deve nada ao homem.

O que torna o fato dele nos ter dado tudo ainda mais impressionante.

A maneira como você interpreta essa apresentação santa é um fator-chave. Você pode interpretar a fala contundente de Deus como uma repreensão divina frontal, se quiser. Você pode usar a lista de perguntas irrespondíveis para provar que Deus é duro, cruel e distante. Você pode usar o livro de Jó como evidência de que Deus nos faz perguntas e não nos dá respostas. Mas, para fazer isso, você precisa de tesouras. Para fazer isso, você precisa cortar fora o restante do livro de Jó.

Pois não foi assim que Jó ouviu essas palavras. Por toda a sua vida, Jó havia sido um homem bom. Por toda a sua vida, ele havia acreditado em Deus. Por toda a sua vida, ele havia discutido sobre Deus, tinha noções sobre ele e havia orado a ele.

Mas na tempestade, Jó vê Deus!

Ele vê a Esperança. O Amante. O Destruidor. O Doador. O Tomador. O Sonhador. O Libertador.

Jó vê a ira suave de um Deus cujo amor infinito, muitas vezes, é recebido com uma desconfiança peculiar. Jó é como uma folha de grama diante do fogo consumidor do esplendor de Deus. As exigências de Jó se derretem como cera, enquanto Deus levanta a cortina e a luz do Céu cai sem eclipses sobre a Terra.

Jó vê Deus.

A esta altura, Deus poderia ter virado as costas. O martelo foi batido; o veredito foi dado. O Eterno Juiz falou.

Ah, mas Deus não está zangado com Jó. Firme? Sim. Direto? Sem dúvida. Claro e convincente? Absolutamente sim. Mas, zangado? Não.

Deus nunca fica irritado com a vela de alguém que busca honestamente.

Se você for sublinhar qualquer passagem do livro de Jó, sublinhe esta: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42:5).

Jó vê Deus — e isso basta.

Mas não basta para Deus.

Os anos seguintes nos mostram Jó novamente sentado atrás de sua escrivaninha de mogno, com a saúde restaurada e os lucros em alta. Seu colo está, novamente, cheio de filhos, netos e bisnetos — por quatro gerações!

Se Jó, em algum momento, imagina por que razão Deus não traz de volta os filhos que ele lhe tirou, ele não pergunta. Talvez, ele não pergunte porque sabe que seus filhos não poderiam ser mais felizes do que são na presença daquele a quem ele viu tão brevemente.

Alguma coisa me diz que Jó passaria por tudo novamente, se fosse isso o necessário para ouvir a voz de Deus e estar na sua Presença. Mesmo se Deus o deixasse com suas dores e contas, Jó faria tudo novamente.

Porque Deus deu a Jó mais do que Jó jamais havia sonhado. Ele deu a si mesmo.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Descreva a circunstância mais difícil que você já enfrentou. Quem estava envolvido? O que aconteceu? Quanto tempo durou? Você questionou a Deus ou “soltou o verbo” com ele durante esse período? Qual foi o resultado? O que você aprendeu por meio dessa experiência?
2. Pense nos amigos que o “aconselharam” durante um período difícil. Que tipo de sabedoria eles lhe deram? Que tipo de conselho você deu a outros que passaram por momentos difíceis?
3. Leia Jó 1:8-12; 2:3-7. Por que Deus permitiu que as circunstâncias difíceis de Jó acontecessem? Como esse conhecimento acrescenta perspectiva ao que aconteceu a Jó? Esse conhecimento derrama alguma luz sobre o sofrimento em sua vida ou na vida de alguém que você conhece? Neste caso, explique.
4. Max escreve que na tempestade se ouve melhor a Deus. Você concorda? Por que ou por que não?
5. Quando Deus terminou de falar, Jó disse: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42:5). O que Jó ganhou por ter visto Deus?

Capítulo 22
PEDRO

Preparas um banquete para mim à vista dos meus inimigos.

— SALMOS 23:5

O CANTO DO GALO E EU

ESTÁ VENDENDO AQUELE SUJEITO NAS SOMBRAS? É Pedro. Pedro, o apóstolo. Pedro, o impetuoso. Pedro, o apaixonado. Um dia ele andou sobre as águas. Saiu direto do barco para o lago. Logo, ele vai pregar para milhares. Destemido diante dos amigos e dos inimigos também. Mas, esta noite, aquele que andou sobre as águas correu para se esconder. Aquele que falará com poder está chorando de dor.

Não fungando ou choramingando, mas chorando. Gritando. Com o rosto barbado enterrado em suas mãos grossas. Com o seu lamento ecoando na noite de Jerusalém. O que dói mais? O fato de ter feito aquilo? Ou o fato de ter jurado que jamais o faria?

“Estou pronto para ir contigo para a prisão e para a morte”, ele prometeu apenas algumas horas antes. “Respondeu Jesus: ‘Eu lhe digo, Pedro, que antes que o galo cante hoje, três vezes você negará que me conhece’” (Lucas 22:33-34).

Negar a Cristo na noite de sua traição já foi ruim o bastante, mas por que ele teve de se gabar de que não faria isso? E negar uma vez era lastimável, mas três? Três negações era terrível, mas será que ele tinha de praguejar? “Aí ele começou a lançar maldições, e a jurar: ‘Não conheço esse homem!’” (Mateus 26:74).

E, agora, inundado em um redemoinho de aflição, Pedro está se escondendo. Pedro está chorando. E, logo, Pedro estará pescando.

Nós nos perguntamos por que ele vai pescar. Sabemos por que ele vai para a Galileia. Haviam dito a ele que o Cristo ressuscitado encontraria os discípulos ali. O local de reunião programado não é o mar, porém, mas uma montanha (Mateus 28:16). Se os seguidores queriam encontrar Jesus em uma montanha, o que eles estavam fazendo em um barco? Ninguém disse a eles para ir pescar, mas foi isso que eles fizeram. “Vou pescar”, disse-lhes Simão Pedro. E eles disseram: “Nós vamos com você” (João 21:3). Além disso, Pedro não havia abandonado a pesca? Dois anos antes, quando Jesus o chamou para pescar homens, ele não largou sua rede e o seguiu? Não o vimos pescar desde então. Nunca o vimos pescar novamente. Por que ele está pescando agora? Especialmente agora! Jesus ressuscitou dos mortos. Pedro viu o túmulo vazio. Quem poderia pescar em uma hora como aquela?

Será que eles estavam com fome? Talvez seja esse o resumo de tudo. Talvez a expedição tenha nascido dos estômagos que roncavam.

Ou, talvez, ela tenha nascido de um coração partido.

Pedro não podia negar a sua negação. O túmulo vazio não apagou o canto do galo. Cristo havia voltado, mas Pedro se perguntava — ele deve ter se perguntado: “Depois do que eu fiz, ele voltaria para alguém como eu?”

Nós nos perguntamos o mesmo. Será que Pedro é a única pessoa que fez exatamente aquilo que jurou que jamais faria?

“Infidelidade é algo impensável para mim!”

“De agora em diante, vou domar a minha língua!”

“Chega de negócios duvidosos. Aprendi a lição.”

Ah, como nos vangloriamos! E, ah, como a nossa vergonha nos parte o coração!

Ao invés de resistir ao flerte, nós o retribuímos.

Ao invés de ignorar a fofoca, nós a passamos adiante.

Em vez de nos atermos à verdade, nós a ocultamos.

E o galo canta, e a convicção fere, e Pedro tem um parceiro nas sombras. Choramos como Pedro chorou e fazemos o que Pedro fez. Vamos pescar. Voltamos à nossa velha vida. Voltamos às nossas práticas antes de Jesus. Fazemos o que é natural para nós, em lugar do que é espiritual. E nos perguntamos por que Jesus tem um lugar para gente como nós.

Jesus responde a essa pergunta. Ele a responde para você e para mim e para todos os que tendem a agir como Pedro com relação a Cristo. A resposta dele veio à beira mar em um presente para Pedro. Sabe o que Jesus fez? Partiu as águas? Transformou o barco em ouro e as redes em prata? Não, Jesus fez algo muito mais significativo. Ele convidou Pedro para tomar o café da manhã. Jesus preparou uma refeição.

É claro que o café da manhã era um momento especial entre várias pessoas naquela manhã. Houve a pesca de muitos peixes e o reconhecimento de Jesus. O mergulho de Pedro e os discípulos remando. E houve o momento em que eles chegaram à praia e encontraram Jesus próximo a uma fogueira de brasas. Os peixes estavam assando, e o pão estava esperando, e Aquele que derrotou o Inferno e que governa o Céu convidou seus amigos para se sentarem e comerem alguma coisa.

Ninguém poderia estar mais grato do que Pedro. Aquele que Satanás havia peneirado como trigo estava comendo pão dado pela mão de Deus. Pedro era bem-vindo à refeição de Cristo. Bem ali, para que o Diabo e seus tentadores vissem, Jesus “preparou uma mesa na presença dos seus inimigos.”

Tudo bem, talvez Pedro não tenha dito dessa maneira. Mas Davi disse. “Preparas um banquete para mim à vista dos meus inimigos” (Salmos 23:5). O que o pastor fez pela ovelha se parece muito com o que Jesus fez por Pedro.

A essa altura, no salmo, a mente de Davi parece estar se demorando nos campos elevados com as ovelhas. Tendo guiado o rebanho através do

vale até as terras de montanhas altas em busca de grama mais verde, ele se lembra da responsabilidade extra do pastor. Ele precisa preparar o pasto.

Aquela é uma terra nova, então, o pastor precisa ser cauteloso. Em condições ideais, o campo de pasto deve ser plano, uma chapada ou planalto. O pastor procura plantas venenosas e abundância de água. Ele procura sinais de lobos, coiotes e ursos.

Motivo de especial preocupação para o pastor é a víbora, uma pequena serpente marrom que vive sob o solo. As víboras são conhecidas por saírem de repente de suas tocas e morderem as ovelhas no focinho. A mordida, em geral, infecciona e pode até matar. Como uma defesa contra a cobra, o pastor derrama um círculo de óleo sobre cada toca dessa víbora. Ele também aplica o óleo no focinho dos animais. O óleo na toca da serpente lubrifica a saída, impedindo que a cobra saia. O pastor, de uma maneira muito real, preparou a mesa.²⁶

E se o seu Pastor fizesse por você o que o pastor fez pelo seu rebanho? Suponhamos que ele tenha tratado com o seu inimigo, o Diabo, e preparado um lugar para você se alimentar. E se Jesus tivesse feito por você o que ele fez por Pedro? Suponhamos que ele, na hora do seu fracasso, o tivesse convidado para uma refeição. O que você diria se eu lhe dissesse que ele fez exatamente isso? Na noite anterior à sua morte, Jesus preparou uma mesa para os seus seguidores.

No primeiro dia da festa dos pães sem fermento, quando se costumava sacrificar o cordeiro pascal, os discípulos de Jesus lhe perguntaram: “Aonde queres que vamos e te preparemos a refeição da Páscoa?” Então ele enviou dois de seus discípulos, dizendo-lhes: “Entrem na cidade, e um homem carregando um pote de água virá ao encontro de vocês. Sigam-no e digam ao dono da casa em que ele entrar: ‘O Mestre pergunta: Onde é o meu salão de hóspedes, no qual poderei comer a

Páscoa com meus discípulos?’ Ele lhes mostrará uma ampla sala no andar superior, mobiliada e pronta. Façam ali os preparativos para nós.” (Marcos 14:12-15)

Veja quem fez a “preparação” aqui. Jesus reservou uma sala grande e programou para que o guia conduzisse os discípulos. Jesus se certificou de que a sala estivesse mobiliada e a comida posta. O que os discípulos fizeram? Eles obedeceram fielmente e foram alimentados.

O Pastor preparou a mesa.

Não apenas isso, ele também lidou com as cobras. Você deve se lembrar de que apenas um dos discípulos não concluiu a refeição naquela noite. “O Diabo já havia induzido Judas Iscariotes, filho de Simão, a trair Jesus” (João 13:2). Judas começou a comer, mas Jesus não o deixou terminar. Sob a ordem de Jesus, Judas deixou a sala. “O que você está para fazer, faça depressa... Assim que comeu o pão, Judas saiu. E era noite” (vv. 27, 30).

Há algo dinâmico nessa rejeição. Jesus preparou uma mesa na presença do inimigo. Judas teve permissão para ver a ceia, mas não lhe foi permitido permanecer ali.

Você não é bem-vindo aqui. Esta mesa é para os meus filhos. Você pode tentá-los. Você pode fazê-los tropeçar. Mas você nunca se sentará com eles. Eis o quanto ele nos ama.

E, se resta alguma dúvida, para que não haja nenhum “Pedro” que se pergunte se há um lugar à mesa para ele, Jesus faz um doce lembrete enquanto passa o cálice. “Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados” (Mateus 26:27-28).

“Bebam dele *todos* vocês.” Aqueles que se sentem indignos, bebam dele. Aqueles que se sentem envergonhados, bebam dele. Aqueles que se sentem constrangidos, bebam dele.

Posso compartilhar sobre uma época em que eu me senti dessas três maneiras?

Por volta dos dezoito anos, eu estava caminhando a passos largos para um problema de alcoolismo. Meu organismo havia se tornado tão resistente ao álcool que seis garrafas de cerveja não faziam, praticamente, efeito para mim. Aos vinte anos, Deus não apenas me salvou do Inferno que me aguardava depois desta vida, mas também me salvou do inferno *durante* esta vida. Só ele sabe para onde eu estava indo, mas eu faço uma boa ideia.

Por esse motivo, parte da minha decisão de seguir a Cristo incluiu parar com a cerveja. Então eu parei. Mas, curiosamente, a sede por cerveja nunca me deixou. Ela não tem me assombrado ou me consumido, mas duas ou três vezes por semana a ideia de uma boa cerveja, com certeza, me seduz. A prova para mim de que tenho de tomar cuidado é esta — as cervejas não alcoólicas não me atraem. Não é o sabor da bebida; é o barato. Há mais de vinte anos, beber nunca mais foi um grande problema.

Há alguns anos, porém, isso quase se tornou um problema. Baixei um pouco a guarda. *Uma cerveja com churrasco não vai fazer mal*. Depois, outra vez com comida mexicana. Depois, outra vez sem comida alguma. Por um período de dois meses, eu passei de não tomar cerveja para, talvez, uma ou duas por semana. Novamente, para a maioria das pessoas, isso não é problema, mas, para mim, poderia se tornar um.

Sabe quando comecei a sentir o cheiro de problemas? Em uma tarde quente de sexta-feira, eu estava indo pregar no nosso retiro anual de homens. Eu disse que o dia estava quente? Brutalmente quente. Eu estava com sede. Refrigerante não ia ser o bastante. Então, comecei a planejar. Onde eu poderia comprar uma cerveja sem ser visto por ninguém que eu conhecesse?

Com este pensamento, cruzei uma linha. O que é feito em segredo é melhor não ser feito. Mas eu o fiz assim mesmo. Dirigi até uma loja de conveniências fora do caminho, estacionei e esperei até que todos os

fregueses saíssem. Entrei, comprei minha cerveja, segurei-a bem perto do meu corpo e me apressei para entrar no carro.

Foi aí que o galo cantou.

Ele cantou porque eu estava me escondendo. Ele cantou porque eu sabia o que era certo. Ele cantou porque, e isso realmente doeu, na noite anterior, eu havia repreendido uma de minhas filhas por guardar segredos de mim. E, agora, o que eu estava fazendo?

Joguei a cerveja no lixo e pedi a Deus que me perdoasse. Alguns dias depois, contei a minha luta para os presbíteros e para alguns membros da congregação, e fiquei feliz em registrar o assunto como mais uma experiência e seguir em frente.

Mas eu não conseguia fazer isso. A vergonha me atormentava. Entre todas as pessoas, logo *eu* fui fazer algo assim. Muitas delas podiam ser feridas pela minha estupidez. E, entre todos os momentos, qual foi o que escolhi para fazer algo assim? Quando estava a caminho para ministrar em um retiro. Que hipocrisia!

Senti-me como um homem sem valor. O perdão abriu caminho até a minha cabeça, mas o elevador que devia levá-lo 45 centímetros mais para baixo, até o meu coração, estava com defeito.

E, para piorar as coisas, chegou o domingo. Eu me vi na primeira fila da igreja, esperando a minha vez de falar. Novamente, eu havia sido honesto com Deus, honesto com os presbíteros, honesto comigo mesmo. Mas, ainda assim, eu lutava. Deus iria querer que um sujeito como eu pregasse?

A resposta veio na Ceia. A Santa Ceia. O mesmo Jesus que havia preparado uma refeição para Pedro havia preparado uma para mim. O mesmo Pastor que havia derrotado o Diabo o derrotou outra vez. O mesmo Salvador que havia feito uma fogueira na praia mexeu algumas brasas no meu coração.

“Bebam dele *todos* vocês.” E assim eu fiz. Foi uma sensação boa estar de volta à mesa.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Descreva um tempo em que você seguiu o exemplo de Pedro e fez exatamente aquilo que jurou que jamais faria. O que aconteceu?
2. Você já “foi pescar” ou voltou para as suas práticas antes de Jesus depois de um fracasso espiritual? Nesse caso, como você se sentiu naquele momento?
3. Por que questionamos se Jesus tem um lugar para pessoas como nós? Você já se sentiu assim? Explique.
4. Por que você acha que Jesus permitiu que Judas fosse à Santa Ceia? Por que ele não o baniu antes que os discípulos se reunissem?
5. Como as histórias de Pedro e de Max mostram o verdadeiro arrependimento? Como Jesus sempre responde ao verdadeiro arrependimento? Por que é importante entender isso?

Capítulo 23

O LADRÃO NA CRUZ

Um dos criminosos que ali estavam dependurados lançava-lhe insultos: “Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!”

Mas o outro criminoso o repreendeu, dizendo: Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença? Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal.

Então ele disse: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino.”

Jesus lhe respondeu: “Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso.”

— LUCAS 23:39-43

A HISTÓRIA DO VIGARISTA CRUCIFICADO

A ÚNICA COISA MAIS ESTRANHA QUE O PEDIDO foi o fato dele ter sido concedido. Apenas tentar imaginar a cena é o bastante para dar um curto-circuito na mais fantástica das imaginações. Um ex-condenado com o rosto desfigurado pedindo ao Filho de Deus a vida eterna? Mas tentar imaginar o apelo sendo honrado, bem, isso vai além da esfera da realidade e entra na dimensão do absurdo.

Porém, por mais absurdo que possa parecer, foi exatamente isso que aconteceu. Aquele que merecia o Inferno recebeu o Céu, e nós ficamos com um enigma estarrecedor. O que, pelo amor de Deus, Jesus estava tentando nos ensinar? O que ele estava tentando provar, perdoando aquele assaltante, que, muito provavelmente, nunca havia feito uma prece, muito menos feito qualquer coisa para merecer isso?

Bem, eu tenho uma teoria. Mas, para explicá-la, preciso lhe contar uma história na qual talvez você não acredite.

Parece que uma dupla de larápios invadiu uma loja de departamentos em uma cidade grande. Eles conseguiram entrar na loja, ficaram por tempo suficiente para fazer o que foram fazer e escaparam sem ser notados. O que é inusitado acerca dessa história é o que aqueles camaradas fizeram. Eles não

levaram nada. Absolutamente nada. Nenhuma mercadoria foi roubada. Nenhum artigo foi retirado. Mas o que eles fizeram foi ridículo.

Em vez de roubar qualquer coisa, eles mudaram o preço de tudo. Etiquetas de preço foram trocadas. Valores foram mudados. Aqueles brincalhões espertos tiraram a etiqueta de uma câmera de 395 dólares e a colocaram em uma caixa de papel de carta de 5 dólares. O adesivo de 6 dólares de um livro com capa tipo brochura foi retirado e colocado em um motor de barco. Eles trocaram o preço de tudo!

Loucos? Com certeza! Mas a parte mais louca dessa história aconteceu na manhã seguinte (você não vai acreditar nisto). A loja abriu como de costume. Os funcionários foram trabalhar. Os clientes começaram a comprar. O lugar funcionou como o normal por quatro horas, antes que alguém notasse o que havia acontecido.

Quatro horas! Algumas pessoas se valeram de barganhas maravilhadas. Outras foram depenadas. Durante quatro horas inteiras, ninguém percebeu que todos os valores haviam sido trocados.

É difícil de acreditar? Não deveria ser — vemos o mesmo acontecer todos os dias. Estamos inundados por um sistema de valores distorcido. Vemos as coisas mais valiosas em nossas vidas vendidas por moedas e as coisas mais baratas valendo milhões.

Os exemplos são abundantes e incômodos. Eis alguns que encontrei na semana passada.

O vendedor que defendia suas práticas ilegais dizendo: “Não vamos confundir negócios com ética.”

O militar que divulgou informações supersecretas (assim como a integridade delas) por seis mil dólares.

O membro do ministério da uma grande nação que foi surpreendido comercializando ilegalmente pedras semipreciosas. Sua posição no ministério? *Ministro da Justiça*.

O pai que confessou o assassinato de sua filha de doze anos. A razão pela qual ele a matou? Ela se recusou a ir para a cama com ele.

Por que fazemos o que fazemos? Por que pegamos descaradamente o preto e branco e o pintamos de cinza? Por que costumes que não têm preço são jogados no lixo, enquanto padrões sem sentido são obedecidos? O que faz com que nós elevemos o corpo e degrademos a alma? O que faz com que mimemos a pele, enquanto poluímos o coração?

Nossos valores estão confusos. Alguém invadiu a loja e trocou todas as etiquetas de preço. As impressões estão subindo ao preço máximo, e o valor dos seres humanos está completamente em baixa.

Não é preciso ser um filósofo para determinar o que causou tamanha queda no mercado. Tudo começou quando alguém nos convenceu de que a raça humana não está indo para lugar algum. Que o homem não tem um *destino*. Que estamos em um ciclo. Que não há motivos para esta existência absurda. Em algum lugar, ouvimos a ideia de que estamos aprisionados em uma armadilha sem sentido, em um pequeno monte de terra que não tem destino. A Terra é apenas um mausoléu que gira, e o Universo não tem propósito. A criação foi um acidente, e a humanidade não tem direção.

Bastante sombrio, não?

O segundo verso é ainda pior. Se o homem não tem um destino, então, ele não tem nenhum *dever*. Nenhuma obrigação, nenhuma responsabilidade. Se o homem não tem um destino, então, ele não tem diretrizes ou objetivos. Se o homem não tem um destino, então, quem vai dizer o que é certo ou errado? Quem vai dizer que o marido não pode abandonar sua esposa e sua família? Quem vai dizer que você não pode abortar um feto? O que há de errado em se amigar? Quem diz que não posso pisar no pescoço de alguém e subir ao topo? É o seu sistema de valores contra o meu. Sem absolutos. Sem princípios. Sem ética. Sem

padrões. A vida se reduz a fins de semana, contracheques e estímulos rápidos. O fim da linha é o desastre.

O existencialista Jean-Paul Sartre escreveu:

O existencialista acha extremamente constrangedor o fato de que Deus não existe, pois desaparece com ele toda possibilidade de se encontrar valores em um céu inteligível... Tudo na verdade é permitido se Deus não existe, e o homem conseqüentemente fica perdido, pois não pode encontrar nada de que possa depender dentro ou fora de si mesmo.²⁷

Se o homem não tem dever nem destino, o próximo passo lógico é que o homem não tem *valor*. Se o homem não tem futuro, ele não vale muito. Ele vale, na verdade, tanto quanto uma árvore ou uma pedra. Não há diferença. Não há motivos para estar aqui; portanto, não há valor.

E você viu o resultado disso. O nosso sistema fica desordenado. Nós nos sentimos inúteis e sem valor. Entramos em crise. Fazemos jogos. Criamos sistemas de valores falsos. Dizemos que você tem valor se for bonito. Dizemos que você tem valor se for produtivo. Dizemos que você tem valor se conseguir encestar uma bola de basquete ou rebater uma bola alta no beisebol. Você tem valor se o seu nome tiver um “Dr.” na frente. Você tem valor se tiver um salário de seis dígitos e dirigir um carro importado.

O valor, agora, é medido por dois critérios: aparência e desempenho.

É um sistema bem duro, não é? Onde isso coloca os retardados? Ou os feios e iletrados? Onde isso coloca os idosos ou os deficientes? Que esperança isso oferece ao filho que ainda não nasceu? Não muita. Não muita mesmo. Nós nos tornamos números sem nome em listas perdidas.

Agora, por favor, entenda que este é o sistema de valores do homem. Ele não é o sistema de valores de Deus. O plano dele é muito mais brilhante. Deus, com os olhos brilhando, vai até o quadro-negro do filósofo, apaga o círculo interminável da história, que sempre se repete, e o substitui por uma

linha — uma linha cheia de esperança, promissora, fina. E, olhando sobre seu ombro para ver se a turma está observando, ele desenha uma seta na extremidade.

No livro de Deus, o homem está indo para algum lugar. Ele tem um destino impressionante. Estamos sendo preparados para entrarmos pelo corredor da igreja e nos tornarmos a noiva de Jesus. Nós contamos. Somos valiosos. E, mais, o nosso valor está embutido em nós! O nosso valor é inerente!

Veja, se houve uma coisa que Jesus queria que todos entendessem era esta: uma pessoa vale alguma coisa, simplesmente, porque ela é uma pessoa. É por isso que ele tratava as pessoas do modo como as tratava. Pense nisso. A garota que foi surpreendida fazendo coisas debaixo das cobertas com alguém que não deveria — ele a perdoou. O leproso intocável que pediu para ser limpo — ele o tocou. O cego jogado ao lado da estrada que era caso de assistência social — ele o honrou. E o velho exausto viciado em autocomiseração próximo ao tanque de Siloé — ele o curou!

E não se esqueça do clássico estudo detalhado sobre o valor de uma pessoa feito por Lucas. Ele se chama “A História do Vigarista Crucificado”.

Se existisse alguém que não tinha valor, era aquele homem. Se algum homem merecia morrer, aquele, provavelmente, merecia. Se algum sujeito fosse um perdedor, aquele camarada estava no topo da lista.

Talvez, tenha sido por isso que Jesus o escolheu para nos mostrar o que ele pensa sobre a raça humana.

Talvez, aquele criminoso tivesse ouvido o Messias falar. Talvez, ele o tivesse visto amar os humildes. Talvez, ele o tivesse observado jantar com os marginais, com os batedores de carteira e com os que usavam linguagem vulgar nas ruas. Ou, talvez não. Talvez, a única coisa que ele soubesse sobre este Messias fosse o que ele via agora: um pregador espancado, açoitado, suspenso por pregos. Seu rosto vermelho de sangue, seus ossos aparecendo através da carne rasgada, seus pulmões arfando em busca de ar.

Algo, porém, lhe dizia que ele nunca estivera em melhor companhia. E, de algum modo, ele percebeu que, embora tudo que ele tivesse naquele momento fosse uma única oração, ele finalmente havia encontrado aquele a quem devia orar.

“Há alguma chance de você me dar uma boa palavra?” (tradução livre).

“Considere-o feito.”

Ora, por que Jesus fez aquilo? O que, neste mundo, ele tinha a ganhar prometendo àquele desesperado um lugar de honra à mesa do banquete? O que, neste mundo, poderia aquele traidor oferecer em troca? Quero dizer, a mulher samaritana eu posso entender. Ela podia voltar e contar a história. E Zaqueu tinha algum dinheiro que poderia dar. Mas este cara? O que ele vai fazer? Nada!

Este é o ponto. Ouça atentamente. O amor de Jesus não depende do que fazemos por ele. Absolutamente não. Aos olhos do Rei, você tem valor, simplesmente, porque você existe. Você não precisa ter boa aparência ou bom desempenho. O seu valor é inerente.

Ponto final.

Pense nisso por um minuto apenas. Você é valioso apenas porque você existe. Não por causa do que você faz ou do que fez, mas, simplesmente, porque você existe. Lembre-se disso. Lembre-se disso na próxima vez que você estiver sendo ultrapassado por alguém na corrida da ambição. Lembre-se disso na próxima vez que algum trapaceiro tentar pendurar uma etiqueta de preço baixo na sua autoestima. Na próxima vez que alguém tentar passar você adiante como uma mercadoria barata, simplesmente, pense na maneira como Jesus honra você... e sorria.

Eu faço isso. Sorrio porque sei que não mereço um amor assim. Nenhum de nós merece. Quando consideramos seriamente o que ele fez, qualquer contribuição que qualquer um de nós dê é quase nada. Todos nós — até o mais puro de nós — merecemos o Céu tanto quanto aquele vigarista

merecia. Todos nós estamos usando o cartão de crédito de Jesus, e não o nosso.

E também me faz sorrir pensar que existe um ex-condenado sorridente, andando pelas ruas de ouro, que sabe mais sobre a graça do que mil teólogos. Ninguém mais teria feito uma oração por ele. Mas, no fim, isso é tudo que ele tinha. E, no fim, somente isso foi necessário.

Por isso o chamam Salvador.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. O que dá valor a uma pessoa, de acordo com a cultura de hoje?
O que afeta a visão da sociedade sobre o valor do indivíduo?
2. O que as seguintes passagens ensinam sobre o valor que Deus dá às pessoas: Romanos 5:8; Efésios 2:4-5; Tito 3:4-7; 1João 4:9-10?
3. Nós nos comportamos como se tivéssemos valor intrínseco? Se as pessoas realmente acreditassem que elas têm valor em si mesmas, que problemas deixariam de existir na sociedade?
4. Leia Lucas 23:32-43. O que você pode aprender sobre os dois criminosos a partir desse breve episódio? Por que você acha que Jesus deu ao criminoso uma promessa de paraíso?
5. Como você acha que o vigarista crucificado explicaria a graça em uma frase?

FONTES

Todo o conteúdo de *Perdidos e achados* foi publicado originalmente nos livros de autoria de Max Lucado. Todos os direitos autorais dos livros originais pertencem a Max Lucado.

Jairo: *Ele ainda remove pedras*, capítulo 17.

Simão e Maria: *Quando os anjos silenciaram*, cap. 6.

Jacó: *Deus chegou mais perto*, cap.28.

Cornélio: *Faça a vida valer a pena*, cap. 14.

A mulher com o fluxo de sangue: *Ele ainda remove pedras*, cap. 7.

Filipe: *Faça a vida valer a pena*, cap. 12.

O Paralítico: *Ele ainda remove pedras*, cap.12.

Noé: *Um amor que vale a pena*, cap.14.

A mulher surpreendida em adultério: *Ele ainda remove pedras*, cap. 2.

Pedro e João: *Faça a vida valer a pena*, cap. 8.

Nicodemos: *Ele ainda remove pedras*, cap. 13.

Ananias e Saulo: *Faça a vida valer a pena*, cap. 13.

Davi: *Derrubando Golias*, cap. 16.

Os irmãos de Jesus: *Ele ainda remove pedras*, cap. 4.

O aleijado junto à porta formosa: *Faça a vida valer a pena*, cap.7.

Isaías: *Isto não é para mim*, cap. 4.

O endemoniado gadareno: *O Salvador mora ao lado*, cap. 8.

O leproso que Jesus curou: *Simplesmente como Jesus*, cap. 3.

Mefibosete: *Quem tem sede venha*, cap. 3.

Josias: *Quando Deus sussurra o seu nome*, cap. 15.

Jó: *Um dia na vida de Jesus*, cap. 17.

Pedro: *Aliviando a bagagem*, cap.14.

O ladrão na cruz: *Por isso o chamam Salvador*, cap. 4.

NOTAS

- 1 Mateus espera até o capítulo 26 para contar uma história que, cronologicamente, deveria aparecer no capítulo 20. Referindo-se ao Evangelho de João, vemos que a unção feita por Maria em Betânia ocorreu na noite de sábado (João 12:1). Por que Mateus espera até tão tarde para relembrar a história? Parece que ele, às vezes, coloca o tema acima da cronologia. A última semana da vida de Cristo é uma semana de más notícias. Os capítulos 26 e 27 cantam o infeliz capítulo da traição. Primeiro, os líderes; depois, Judas; depois, os apóstolos, Pedro, Pilatos, e, finalmente, todas as pessoas se voltam contra Jesus. Talvez, motivado pelo desejo de contar uma boa história de fé em meio a tantas outras de traição, Mateus espera até Mateus capítulo 26 para contar sobre Simão e Maria.
- 2 Gavan Daws, *Holy Man; Father Damien of Molokai* (Honolulu: University of Hawaii Press, 1984).
- 3 Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, edição não abreviada (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1993), p. 62,63.
- 4 Bob Ray Sanders, “*Blossom’s in the Dust* Movie Fine, but the Woman Was Amazing,” *Fort Worth Star-Telegram*, 17 de novembro de 2002, www.angelfire.com/tx5/adoptee/sanders.html.
- 5 Charles Swindoll, *The Tale of the Tardy Oxcart and 1,501 Other Stories* (Nashville: Word Publishing, 1998), 275.
- 6 CIA, *The World Factbook*, 2009, <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tu.html>.
- 7 *Malatya: The Story of the First Martyrs of the Modern Turkish Church*, www.malatyafilm.com.
- 8 CIA, *The World Factbook*, 2009.
- 9 dc Talk and the Voice of the Martyrs, *Jesus Freaks: Stories of Those Who Stood for Jesus; The Ultimate Jesus Freaks* (Tulsa, OK: Albury Publishing, 1999), p. 208-209.
- 10 Não deve ser confundido com o Ananias de Atos 5.
- 11 Um grupo de acadêmicos associado à Universidade de Oxford que se propunha a discutir a literatura. Contava com nomes como C.S. Lewis e J. R. R. Tolkien. (N. do T)
- 12 *San Antonio Express News*, “Does Texan have a prayer of trading domain name?”, 23 de abril de 2005.
- 13 UNICEF, *The State of the World’s Children 2009: Maternal and Newborn Health*, www.unicef.org/sowc09/report/report.php.
- 14 James Strong, *New Strong’s Exhaustive Concordance* (Nashville: Thomas Nelson, 1996), s.v. “compaixão”.
- 15 Bill Gates Sr. & Mary Ann Makin, *Desperte para a vida: reflexões sobre a bênção de existir*. (Rio de Janeiro: Best Seller, 2010).

- 16 Darren Brown, ed., *The Greatest Exploration Stories Ever Told: The Tales of Search and Discovery* (Guilford, CT: Lyons Press, 2003), p. 207-219.
- 17 Ibid., p. 223.
- 18 Jerry Bridges, *A busca da santidade*. (Brasília: Monergismo, 2013).
- 19 Edward W. Goodrick & John R. Kohlenberger, *Zondervan NIV Exhaustive Concordance*, 2ª. ed., James A. Swanson, ed. (Grand Rapids: Zondervan, 1999), p. 1487.
- 20 Não é o verdadeiro nome dela.
- 21 Linda Dillow & Lorraine Pintus, *Gift-Wrapped by God: Secret Answers to the Question, "Why Wait?"* (Colorado Springs, CO: WaterBrook Press, 2002), p. 59-64.
- 22 Não é o verdadeiro nome dele.
- 23 Charles Swindoll, *The Tale of the Tardy Oxcart and 1,501 Other Stories* (Nashville: Word Publishing, 1998), p. 250.
- 24 Ron Lee Davis with James D. Denny, *Mistreated* (Portland, OR: Multnomah Press, 1989), p. 147-148.
- 25 Com a avaliação de Stefan Richart-Willmes.
- 26 Charles W. Slemming, *He Leadeth Me: The Shepherd's Life in Palestine* (Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1964), citado no livro de Charles R. Swindoll, *Living Beyond the Daily Grind, Book 1: Reflections on the Songs and Sayings in Scripture* (Nashville: W Publishing Group, 1988), p. 77-78.
- 27 Walter Kaufman, ed., *Existentialism from Dostoyevsky to Sartre* (Nova York: Meridian Books, 1956), p. 294-295.